

PORTUGAL

BIBLIOTECA MUNICIPAL
n.º 81.736
COIMBRA

ORGÃO DOS ESTUDANTES REPUBLICANOS

NUMERO AVULSO, 10 RÉIS

1.º anno

Coimbra, 14 de abril de 1896

Numero 1

Apparece um jornal:

— a velha hypocrisia portugueza atrai-lhe ás columnas um artigo programma; pretexto apenas para uma doirada mentira. Intransigencia, moralidade, desinteresse, amor de patria, defeza dos humildes, todo um desdobrar de altivos sentimentos apregoados, veem, á flôr do typo de impressão, erguer a voz de mais uma consciencia que se diz revoltada. Peneirada a rhetorica saloia, descortina-se detraz do papel um grupo de malandros agachados na maroteira: — são os que vão ás camaras, os que vestem a librê de ministros, os que nos roubam, nos deshonoram, e, para certeza de impunidade, nos fazem calar, prendendo-nos.

E a onda cresce sempre...

E' olhar em volta essa nauseante coisa que se chama o jornalismo portuguez: — turba de quadrilheiros, fugidos por cobardia das estradas onde se joga a vida, atacam-nos assim, dentro da Lei e em nome d'ella, a bolsa e a liberdade.

Não se chamam ladros; dizem-se a opinião publica.

Se alguém, mais honesto ou mais ingenuo, tem um impulso de revolta justiceira, cara lhe fica a dignidade da penna: — do publico tem indiferença; dos collegas, abandono; da justiça, cadeia. Que o digam os raros jornalistas honrados.

De resto, a dignidade na imprensa não tem credito; elles andam por ahi, em todas as mãos, mercantis e sabujos, os jornaes mais conceituados, desde as *Novidades ao Seculo*. Dos que os escrevem todos conhecem os nomes; repetil-os, seria um insulto a bandidos e traidores.

E, no entretanto, os artigos programmas ali estão, sob os olhos de quem os queira lêr, a affirmarem bem alto, em phrasa campanuda e traiçoeira, que a sua missão é de pureza e de justiça, de honestidade e de desinteresse, de moralidade e de civilisação.

Que taes os farçantes?! ..

Não faremos como elles.

Inutil é justificar com programmas a missão que somos chamados a cumprir na vida nacional; pelo que fizermos, não pelo que promettermos, havemos de ser julgados.

Pela Patria queremos a Republica, pela Republica a revolução. Nada mais claro, nada mais definido, nada mais simples.

A dependencia e o medo não nos prenderam ainda os pulsos, o estomago não nos emmudeceu ainda a consciencia; assim, sem compromissos e sem transigencias, firmes n'um grande desprezo pelos

applausos ou pelas censuras, que-remo-nos sós, certos apenas da força da nossa fé.

Por ella luctamos, venceremos por ella.

O padre Antonio Candido, orador fallido, professor da faculdade de direito na Universidade, ajudante do procurador geral da corôa, foi nomeado membro do conselho administrativo da companhia do credito predial.

Como a monarchia os engorda...

OFFENSAS Á ARTE

Tem sido repetidas vezes condemnada na imprensa a impericia cega, que se tem desmandado em irremissiveis dislates na restauração de Santa Cruz; abusivos erros na Sé Velha; e pretensões inhabeis no paço episcopal.

A reprovação pôde dizer-se geral, se attendermos a que nem uma palavra de defeza se contrapõe ás accusações formuladas.

Todavia as obras proseguem, arrastadas pela mesma direcção, acobertadas pela mesma carencia de tino. Ao sr. Franco Frazão não apraz parar, nem corrigir-se.

Este homem bilioso, desorientado e fraco arrega-se o direito de ser superior á opinião publica, que se jacta de desprezar!

Corta uma arvore. Se reclamam, corta vinte!

Arrasa uma parede. Se o exprobam, deita abaixo um edificio!

Julga que reconsiderar é fraqueza; e pretende blasonar de forte!

Assim tem conseguido desprestigiar-se em episodios antipathicos, que ficam como certificados incontestaveis de inaptidão vexatoria.

Na igreja de Santa Cruz poude astutamente declinar culpabilidade na commissão dos monumentos nacionaes; mas os delictos que destemidamente perpetrou, por bamburrio de perversidade, na Sé Velha não de ficar-lhe marcados na pelle, como uma tatuagem obscena!

Quanto ao paço episcopal, essa estupenda aberração pertence á jurisdicção da troca; e, como tal, será relaxado ao barão penal d'ordiculo!

O sr. Franco Frazão alimenta esta persuasão piccaresca: se n'um grande paralelepipedo abrir por todos os lados janellas em parodias, mais ou menos minguidas e reles, de apparencia chinesa, gothica ou renascença, — essas frestas bastam a constituir um edificio em cada um d'esses estylos, — renascença, gothico ou chinez!!...

Debil moleirinha, e beatifica ignorancia!

Dentro em pouco os visinhos hão de sentir os manes dos Boutacas aos trambulhões pelos telhados!

Mas elle, que se sente solidamente collado ao seu logar de director de obras publicas pelo visgo da protecção omnipotente, abusa... e abusa!

Vê-se bem que os esmeros da educação em menino não foram bastantes a amaciar-lhe as asperesas da indole; e ficou um pequenito despota, no bizzo dos pés a desafiar os ventos!...

Ao visor-rei da India o governo de seu mano vae enviar 300 libras em oiro. Para divertimento do pequeno... achamos pouco.



Antonio José d'Almeida

Figura de iluminado pela fé, as suas altas qualidades de espirito e de caracter põem um tão vivo destaque no podre viver do nosso meio que a todos elle se impõe como um nobre exemplo de superioridade a seguir.

Uma vida inteira de pura e intensa, quebrantavel dedicacão, dizem, bem melhor que todas as palavras, a estatura moral d'aquelle cujo retrato honra hoje as paginas do nosso jornal, e que, para a vida politica da Academia, — tão facilmente dominada, ás vezes, pela odiosa indiferença de egoistas e de cobardes, criminosamente agachados na conveniencia e commodidade facil dos irresolutos — synthetisa, na sua personalidade impar, o agitado esforço d'essa geração de combatentes a que elle pertenceu, e que para a vida levou a consoladora, mas amarga missão, d'um apostolado de crença revolucionaria e ardente.

Os que com elle viveram os agitados annos da sua vida de lucta academica, os que, n'um mesmo esforço por um ideal a atingir, conheceram a rara alma de justo e de heroico que elle atirava, n'um ardor de aneado, para todas as horas em que se lhe queimava a vida, os que a seu lado temperaram as almas na abnegação e na pureza, todo esse punhado de rapazes que com elle aprenderam o credo ardido da revolta, guardaram do seu nome uma adoraçãõ tão funda, que quasi lhe cingiu em volta uma aureola de lenda.

Longe de nós, que temos agora o sagrado dever de continuar a sua obra, e cujo caminho, sem hesitações e sem desvios, nos está já indicado alli fóra, na rua, de espingarda nas mãos e odio no coração, dir-se-hia que o seu grande espirito nos domina ainda e nos guia, e que nos vem do seu exemplo a energia para a lucta em que elle deixou, n'um logar para sempre vasio, o brilhante prestigio do seu nome adorado.

É que aquelle extranho coração, couraçado de fé e temperado de vontade, não pulsava só dentro d'um peito para o egoismo d'uma vida; batia as suas pulsações generosas no seio aneado d'uma ideia, que é a nossa, e para a qual, n'uma necessidade de sacrificio, as nossas almas se voltam confiantes de justiça, sedentas de vingança.

Assim o amamos: — luctador e revoltado, honrado e bom; com elle sonhamos o grande sonho do resgate, e, na hora doce que vem perto, será ainda o seu puro coração que ha de viver no nosso peito.

Assim o amamos: — que toda a nossa dedicacão e o nosso esforço lhe continuem a obra justiceira, e que o seu nome nos seja sempre, como agora, uma religiosa crença a guardar e uma sagrada bandeira a defender.

Desabafo

N'um paiz pacato, boa pessoa, sem arrebatamentos de dignidade e com uma vergonhissima comedia modesta, que lhe permite o receber, encolhido, escarros e affrontas, sem córar, sem se metter nas altas cavallarias de protestar n'uma rebellião heroica, de se defender n'uma zaragata epica, com mortos e feridos pelas vallêtas e corpos de malandros, lividos, a balouçarem-se, lingua ao dependurão, nos candieiros; n'um paiz patusco de rufiões, de prudentes como este que a Carta — que Deus haja! — e o Rei, — que o Diabo preserve! — para segurança propria, outorgaram dever ser a modalidade derradeira do velho stoicismo luzitano; n'um paiz d'estes, com gente d'esta, já não vale o indignar-se uma pessoa de bons costumes contra as patifarias gordas e magras, banaes ou phantasistas, que, do ministerio do reino vem chovendo, n'uma chuva miudinha, de molha tolos, sobre a proverbial e, já gora, irremissivel poltronaria portugueza.

A gente não se indigna.

As vidas estão curtas para apouquentações, para entusiasmos, que, em ultima analyse, não tenham cotação segura, certissima, na Bolsa, que não rendam nas adonquadas dos entusiastas o jurozinho medico d'uns dez por cento.

Mas, se não vale apouquentar, é licito ainda, a dentro de certos limites, apesar da dictadura, o desabafo espontaneo, quente, avermelhado, das almas que sentem, das consciencias que se revoltam.

O desabafo é livre, porque é emoliente, pacifico, inoffensivo, quando cifrado apenas, em palavras, em rhetoricas, em adjectivos.

E os outros, os desabafoes á bala, a tiro, com zagalotes, com canhoneios, quem pensa n'elles n'este paiz ditoso de gente acisada, conselheiratica, prudente?...

Quem?...

Só se fóra algum doido de cerebro escandecido, indisciplinado, pobre diabo crente n'uma ideia, apostolo d'um Principio, a caminho para Rilhafolles sob os apupos da populaça, e nanja eu, nanja nenhum de vocês, que todos nós, ajusados conspícuos, respeitadores dos nossos chefes, carangos disciplinadinhos do pacifico batalhão republicano — especie de Irmandade do Santissimo — com revoluções aos domicilios — juramos bandeiras, ha muito tempo, no campo pardo do Senso Commum.

Mas desabafo.

Córrecto, de boas maneiras, com dulcicas terminologias, com euphemismos emparrados, com cordura, com reflexão, com um freio na consciencia que talvez instasse — a pécora! — por demasias de mau tom entre gente da roda fina e com olhos fitos no Orçamento, que, ao fim de tudo, nos faz negações do Terreiro do Paço.

Mas desabafo porque seria crime o callar o commentario cru d'este desbragamento reles, a que a voz do povo, o beneplacito da imprensa, a logica da infancia, a coherencia do desaforo, já deram fóros de bandalheira consummada: O João Franco não nomeia lente cathedratice da faculdade de direito,

o Dr. Guilherme Alves Moreira, lente substituto mais antigo.

Eu não digo ao grótesco valido do Rei, eu não lhes digo a vocês, quem é, o que é, o Dr. Alves Moreira.

A' uma, porque a Alves Moreira me prendem laços apertadíssimos d'uma amizade antiga, d'uma gratidão que nada fará esfriar, e, como tal, não quero, não posso, nem devo dizer d'elle o que a justiça me impunha de apregoar.

A' outra, porque o miseravel que no ministerio do reino vem de escarrar sobre o magisterio superior o mais degradante dos insultos, calcando aos pés os direitos do Dr. Alves Moreira, ameaçando com o azorrague das prepotencias a dignidade do professorado, essemiseravel sabe, como vocês sabem, como sabe o paiz inteiro, quanto desassombro, quanta altivez, quanta generosidade, elle pôz ao serviço da pátria, ao serviço da justiça quando a austera inflexibilidade do seu caracter o determinou a vir abertamente, francamente para o nosso lado, a combater pela causa do Povo contra a causa do Rei, pela causa da Justiça contra a causa da Oppressão.

Não lhes fallo d'elle. O nome do Dr. Alves Moreira impõe-se pela sua honestidade, pelo seu valor, ao respeito de todos os honestos, á grata admiração de todos os portugueses.

E, por isso mesmo, elle se impoz também, á vingança estúpida, mesquinha, repugnante d'um governo de bandidos, ultimo arrimo, concheço derradeiro d'uma dynastia de traidores.

Não lhes fallo d'elle. Não carece elogios d'um amigo o homem, que os proprios adversarios admiram, incondicionalmente, no ultimo recanto honesto das suas consciencias prevertidas.

Mas também lhes não fallo do João Franco, não lhes fallo do Rei, da camarilha, da corja toda, que ora rejubila em cabriolas, pela violencia inaudita, desavergonhadíssima, que ferio, nos seus direitos mais sagrados, nos seus mais legitimos interesses, e Dr. Alves Moreira pelo crime nefando, pelo grande e horrivel crime de ser republicano n'um paiz em que o João Franco é ministro da monarchia.

Mas conto-lhes uma historia...

Vocês são estudantes, eu sou estudante, é n'um jornal nosso, n'uma barricada de estudantes que nós todos hoje vimos pregar o nosso cartil á monarchia.

Vae para 6 mezes, no começo do anno lectivo, a vilania arrogante do governo de Canovas, de cocoras ante a coroa d'El-Rei Badameco e a mitra do Bispo de Barcelona, suspendeu os cursos do professor Odon de Buen, cathedratico illustre da Universidade Catalan e caudilho valente da democracia hespanhola.

Para cevar as furias d'um enermeno serviram-se, porém, d'um pretexto; bestial, idiota, mas, em todo o caso, um pretexto com que se revestiram, n'um resto de pudor, as carnes podres, lazarentas e chagosas da prepotencia governamental: a Hespanha é catholica, a doutrina de Odon era scientifica; a rotina escouceira a sciencia, logo, as preleções do scientista eram subversivas.

Fossem ou não, deu-se-lhes, pelo menos, esta côr, esta apparente honestidade e suspenderam-se os cursos.

Mas, ao ponta-pé dos governantes, ergueram-se, altivos, resolutos, os governados.

Novos e velhos, mestres e discipulos, unidos n'uma revolta de dignidade, n'um estremeção de decoro, reagiram, luctaram, impozeram-se.

A Hespanha toda, despertada, galvanizada pelo sopro da altivez academica, manifestou-se, de norte a sul, em todas as cidades, em todas as aldeas, e, ante o protesto de tantos homens, reconu a cobardia de meia duzia de pigmeus.

Cá, a ferocidade doentia, o hysticismo alvar, impudente, d'um despotasinho nojento, sem um pretexto,

sem uma attenuante, com o cynismo das mulheres da vida, com a petulancia d'um irresponsavel, não nomeia cathedratico o Dr. Alves Moreira, apostolo da causa do Povo e professor exemplarissimo, character immaculado, que desde 91 vem trabalhando, com amor, com dedicacão, pelo brilhantismo, pelo bom nome d'esta velha Universidade, amarfanhada, polluida pelo desleixo, pela estupidez, pelo desaforo de tantos e tão bons servidores da causa do Rei.

Contra o escoucear do ónagro ninguém se revolta, ninguém protesta.

Novos e velhos, lentes e estudantes, ninguém se mexe; encarquilhados, transidos, todos se curvam, todos se submettem.

Os progressistas talvez ainda ensaiem uma arremetida contra o João Franco, em vindo a chuva...

A arma é boa, mas o ministro é estanhado e a chuva não vem... Novos e velhos, lentes e estudantes, todos se curvam...

— Em Barcelona não havia Ferrão...

Mas — como isto é triste! — Cá não ha vergonha!.. Não ha vergonha nenhuma!...

JOAQUIM MADUREIRA.

O Sr. Gomes da Silva

Tem corrido que este cavalheiro, correcto e vasio tribuno, Danton, na cabelleira, seria, n'um proximo gabinete progressista, ministro do rei.

E' menos verdadeiro este boato.

Sabemos que sua excellencia transige com os progresistas, pois pretende arranjar simplesmente a amnistia a um pavoroso e impertinente processo, por abuso de liberdade de imprensa, que, de vez em quando, o obriga a permanecer no leito...

Aventuras de conselheiro... Accacio.

Oxalá, que Nossa Senhora o guie!..

Magalhães Lima, notavel publicista e ardente revolucionario, (director do *Seculo*) vae publicar um novo volumno — *Jantar Internacional*.

O governo do sobrinho da rainha Victoria acaba de conceder, de *luvas*, ao Hersent 682:644\$928 réis, e ao Raphael d'Andrade 38 contos de réis. Infamissimos ladrões!...

P'RAHI...

É o titulo de um novo livro do nosso collega de redacção, Joaquim Madureira (Fernão Vaz).

Edição extravagante e de critica azeda, o volume está destinado a produzir alarido nos arraiaes da burguesia. E, por enquanto... basta.

Apparecerá em fins de maio — até lá, pois, refinadissimos maraus.

EM ALMOEDA

OSÉ FALCÃO

A commissão encarregada pelo grupo academico republicano de reeditar a «Cartilha do Povo» e promover a grande demonstracão civica junto do tumulo de José Falcão, que foi o austero e saudoso chefe do partido republicano, continua trabalhando activamente a fim de conseguir, no mais curto prazo, a realisacão do seu intento.

Inutil se torna encarecer as vantagens de tornar accessivel ao povo o Evangelho da Republica; desnecessario é demonstrar a obrigacão de fazer reviver a memoria querida de José Falcão, visto que o partido republicano não quer perturbar-lhe o somno com o alarido da revoluçao.

As despesas com a edição de 100:000 exemplares do precioso folheto, excedem seis centos mil réis. Por isso, em nome da commissão, pedimos a todos os republicanos, ás commissões municipais, e jornaes democraticos, que ainda não concorreram com donativos, o favor de os enviarem ao thesoureiro, dr. Augusto Cymbron, rua dos Militares, 3.

Será agraciado, na proxima quinta feira, com o pariato o sr. Silva Graça, empresario do *Seculo*. E' justo.

A proposito do Ferrão

Aqui fica aberta esta secção, em que todas as honestas victimas de iniquidades e desaforos do integro commissario — podem collaborar.

Estamos a vêr a chûsma de colaboradores assiduos, que vae ter esta secção...

As victimas apparecerão em massa; — até o desditoso empresario do theatro circo virá, certamente, lamuriar-se perante o respeitavel publico, pelo despalnte com que o famoso commissario invade o camarote, destinado á auctoridade, em companhia de pessoas extranhas á guarda civil.

E ainda agora pela semana santa (quando acabará esta parodia!) fez diabruras o *EDÉS* e o ousado D. Ferrão. O *EDÉS* é o mais capaz de tentar dispersar — a lua, perdido o respeito pela natureza, que dá a cepa; — e as onze mil virgens, posta de parte a consideracão pela respeitavel igreja, que não marca jejuns aos bebedores.

Realmente, o triumphante commissario mostrou-se, como sempre, profundamente *entrado* em materia policial.

As pavorosas do circo repetiram-se na Sé.

Efeitos da proximidade do *Manoel do Buraco* e do *Caga-Peças*...

O endiabrado correspondente d'esta cidade para a *Gazeta da Figueira* diz, referindo-se a um suicida, que *atravesára com uma bala o thorax direito*.

Oh homem! thorax direito?!... Com vista ao sr. dr. Azevedo e Costa.

Enxovia de Monsanto, 6/4/96.

Senhores!

Repetidas vezes ao meu pobre e atribulado espirito tem occorrido o desejo ardente de á imprensa vir, no intento de esclarecer posições, definir intuitos, e, finalmente, discriminar responsabilidades.

Não ignoro, senhores, que a imprensa é o grande e sagrado tribunal da opinião publica, o facho rutilante do progresso, quando bem dirigida e seriamente orientada — o que, de passagem seja dito, raras vezes acontece.

Comtudo, contra a minha vontade, as columnas dos diferentes e sisudos jornaes da capital têm-me sido vedadas, bem duramente, bem injustamente. Por fim, fui bater á porta das *Novidades*; — de balde tentei compra-las, porque o governo de *meu pae*, sempre providente, já as tinha desde longa data, — fechaduras adentro da sua gaveta.

Perdida, nesta altura, toda a esperanca de rehabilitaçao, appareceu o livro do sr. Fuschini que, leitura após, suggeriu-me a ideia de publicar também, em grosso volume, as minhas *Liquidações*...

Infelizmente, esse trabalho é arduo e de sobra fatigante; por isso, conhecendo pelo *Zizaxa* a publicacão do *Portugal*, ouseu pedir ás almas generosas dos rapazes um pedaço de columna, em que considerações breves sirvam de lenitivo á alma agitada do Napoleão Africano.

Porque, senhores, eu também já fui rapaz...

Bem feliz era n'esse tempo; livre e nu, sem preocupações de governo, namorador e pandego, era a sublime *cachaça* a minha bebida predilecta.

Audacioso e sem guerras, bebendo e com mulheres, a mocidade depressa se esvaiu no calix amargo das illusões.

Maldito o direito hereditario, sobre o qual hei de delinear um famoso compendio de philosophia, que me obrigou, em seguida á morte de meu pae, a tomar sobre os hombros a tarefa ignobil de acaudilhar povos. Antigamente os meus pesares reduziam-se a despertar de manhã com a lingua grossa e paladar a *chapeo velho*. Mas o somno era sempre bom, o descanso era sempre uniforme. Oh! o meu detestavel destino! Oh! a minha sorte execranda!

Agora nem durmo. Todas as noites sou assaltado por pesadellos, sonhos horribes com phantasmas, homens de espadas para me degolar, forcas levantadas para me enforcar, soldados armados para me fusilar, e os queixos a bater, a bater, como rufos de tambor n'uma impiedade criminosa de frio que se não commove, de frio que se não tolera.

Como a mocidade passou breve! Como foi fugaz o tempo de reinar!

Fui um bohemio como todos os meus carissimos collegas, irmãos, paes, tios, sobrinhos e primos do universo. Tinha as minhas favoritas como todos tem; os meus gosos como todos. Bebia *cachaça* estava no meu direito; mas apesar d'isto o meu povo era feliz e jámais a voz de qualquer conselheiro se levantou ousada contra o meu poder sobrenatural.

Bohemio, mas instrui-me; que o diga um poeta meu patricio, que frequenta a Universidade, se não lhe emendi alguns versos e se o meu conselho não foi sempre por elle seguido. O meu poeta! O meu amor perfeito! O melhor genio da minha terra! Conheci em philosophia o Pedro Monteiro e o Burra de Balaham e em mathematica li duas vezes, com soffivel criterio e intelligencia, a conscienciosa e substancial arithmetica do Ricardo...

Trouxeram-me para aqui, mercê de uma traicão — foi-me dito que *meu pae* em mim queria abdicar.

Final tiram-me para um antro miseravel, sacrificando-me á ambição de um branco, e chamam-se civilizados! Ignominia do destino!

Antro miseravel e infame onde todos entram, sem pedir licença, não deixando descansar um homem, nem apasiguar os desejos da carne. Offende-se a moral publica! Doestos terriveis, epithetos estictos carregam sobre mim: imperador frascario, preto libidinoso, negro lascivo... cachorro impudico! Obscenidade! Luxuria! parece até que este povo não é de carne e osso!...

Porém, é tempo, senhores, de terminar e explicar ao que venho.

Jámais esperei considerações e respeito d'este povo portuguez. O povo em toda a parte, é sempre o mesmo: o eterno ludibriado, o mandão supremo, nunca se enternece com as desventuras de um rei. Saboreia thronos em estilhaços, e, quando tyrannos julgam esmagalo, vem para a rua a levantar barricadas, degrás da liberdade, e erguer cadafalsos, méta dos reis.

Alem d'isto, o governo coloriu-me á sua vista como um personagem extranho e lendario. Os réclamos succederam-se — urgente se tornava desviar a attentão publica dos negocios do estado: bancarrota, concessões de importantissimas colonias a refinadissimos ladrões e outras não menos altas patifarias. Fui o desditoso espantalho com que os desvergonhados do governo disfarçaram, por um momento, as fraudes e artimanhas da sua vida miseravel.

E já agora dá-me gana de perguntar, com a historia na mão, onde está a dignidade d'esses homens, e á honra do systema? Sim, porque quando foi do *ultimatum*, da tomada do Keonga, dos conflictos com a França, Brazil, republica Argentina, etc., não me consta que viesse até aqui, ao forte de Monsanto, a minha cara rainha Victoria, ou qualquer dos representantes dos outros paizes citados.

Não era, positivamente, um potentado temival, o desditoso rei de Gaza, apesar de ter herdado de seu pae o temperamento guerreiro e audacioso.

Repto — seria chimera esperar benevolencias de um povo desnordeado e faminto. Todavia contava que o meu collega el-rei D. Carlos fosse mais humanitario, não só attendendo aos laços da velha amizade que nos ligava, mas tambem porque a identidade do officio o pôde levar ainda a affinidades da sorte. Se o meu poder era ficticio, parece-me que o d'elle não é muito real.

Ainda hontem soldados me trouxeram algemado e preso a bordo de um navio; quem sabe se amanhã esses mesmos soldados o amarrarão tambem, içando no alto das torres a bandeira da revolta?!

Era o primeiro exemplo? não, com certeza — e n'esse dia ficará vingado o collega, despresado por estar captivo.

Rei de Gaza e com todo o direito: nunca no meu paiz houve um protesto, o meu povo era rico, o terreno fertil e a producção abundante.

Desconhecerá porventura o rei de Portugal, que ha no seu reino quem mina para o perder? desconhecerá o rei de Portugal que não tem pontas de marfim o seu paiz? Não por certo. O throno já cambaleia e um rei está prestes a desaparecer.

Iremos então juntos, de braço dado, de tasca em tasca, contar ao sol as nossos máguas, dizer á lua as nossas desditas...

Rebentam-me dos olhos, avermelhados e já sem brilho, — duas victimas da *cachaça* — copiosas e sentidas lagrimas. Estremeço recesso do dia de amanhã e pergunto tímido o que farão de mim!...

A morte ou a vida, decidam breve.

E deixando-me viver, duas coisas peço: ou o logar que me pertence na fileira do exercito como coronel, ou então seja-me concedido o exclusivo dos barracões nas feiras do paiz.

Poderei com vantagem exhibir ao respeitavel publico a minha companhia, onde meu tio Molungo desempenhará um brilhante papel, ganhando assim alguns vintens a fim de procurar no elixir de Noé — balsamo consolador de todos os grandes desgraçados e incompreendidos do seu seculo — lenitivo a tanta dôr, allivio a tanto pesar.

Creiam, *piamente*, que sou digno de lastima. Vae dar-me um ataque de nervos...

Adeus, senhores.



a) Mundagaz II,

vulgo o Gungunhana.

Carta de Sua Magestade El-Rei Gungunhana

São onze horas da noite.

O vento sopra rijo vergando as arvores alli, do meu quintal, e calefrios atrozos vão perpassando pelo meu corpo, doentio e alquebrado.

Uma sezão, talvez...

Releio, avidamente, uma epistola que, — trabalho excepcional — conseguí decifrar: caracteres horribes, hieroglyphos, que revelam mão timida, covarde e pouco experimentada em pugnans de caligraphia.

Ahi vae na integra o escripto de que vos estou fallando. Appello de sua magestade el-rei Gungunhana, ás almas generosas da terra do Navarro.

Pobre preto, coitado — sinceramente o lamentamos. Magoa suprema é a nossa de, por elle, não podermos interceder. Se assim não fóra, pediriamos ao governo que, pelo menos, dispensasse Raphael d'An-

drade das afanosas lides de pacificar gentes e o despachasse, com ordenado por inteiro e gratificacão sem desconto, a cantar o fado no forte de Monsanto.

A patria não teria que lamentar-se... e quem sabe se a nostalgia do expatriado, nosso irmão de pelle negra, o *spleen* do desthronado, não se evolariam nos trinados magneticos da sua guitarra magica...

Justiça! Justiça!..

Ah! certamente não seria elle quem, apesar de todas as desditas e adversidades, abarbasse á voz troanesca de Raphael, eccoando de serra em serra:

Ouvi dizer ao luar,
Com trinados na garganta,
Quem canta seu mal espanta
E puz-me então a cantar

Justiça! Justiça!

O protesto da imprensa

Quem disse p'ahi outro dia com ares de luctador inquebrantavel que a mocidade republicana das escolas tambem succumbira no rebaixamento moral que enervou a sociedade portugueza, — mentiu.

Este silencio que envolve as escolas desde o movimento de 90 tem uma alta significação. Não é de cobardia, nem de desalento.

Provoque-se no paiz uma reacção violenta e desassombada contra as investidas do poder; appareça um punhado de sinceros, decididos a correr do templo, sem transigencias e sem tibiesas, todos os vendilhões; e veremos se os rapazes apparecem...

Enquanto a resistencia andar de cócoras, cortez e rhetorica, falando d'ordem, recommendando legalidade, conservar-nos-hemos em silencio, mas com uma esperanza ainda a alentar-nos a alma — a de que se alevantem um dia, desapiedada talvez, talvez sanguinolenta, a canalha sem macula que alçou, ha tempos, a guilhotina a um rei...

Podem os magarefes repetir á vontade a farçada ignobil que cynicamente representaram, de braço dado a alguns ingenuos, por esse paiz fóra, quando os bandidos do poder, trancaram, com ordem d'El-Rei, as portas de S. Bento.

Pode vomitar de novo, do alto do *Correio da Noite*, saldanhadas vermelhas contra o paço, a rafeirada que p'ahi anda agora servilmente a lambar as botas do sr. D. Carlos.

A velha historia da capa de ladrões nem com edição de luxo seduz. E não é de desalento, nem de cobardia esta insensibilidade, é de desprezo.

O ultimo decreto, que amordaçou a imprensa e lançou as bases d'uma pavorosa, não devia surprehender ninguém; porque a orientação eminentemente reaccionaria da politica governamental filia-se no velho plano de restauração absolutista, delineado por Lopo Vaz e Oliveira Martins. O attentado anarchista, se não foi uma invenção, foi um protesto.

O assalto estava premeditado. O laçao que está no ministerio do reino não é só epileptico, é tambem monarchico conservador.

Se ainda não apeiou estatutar para levantar forcas, já referendou a pena de morte para os crimes politicos; se ainda não arrazon escolas para edificar conventos, já consentiu que um congresso de jesuitas fizesse a apologia descarada do papa-rei, na mesma cidade onde a pobre Sarah fora violada e morta...

E assim irá, pouco a pouco, audaciosamente, na obra nefanda de retrocesso politico, porque não depara uma resistencia activa, porque não tropeça na barricada d'uma revolta...

Que desforço tomou a imprensa? Respondeu á affronta á liberdade affrontando a lei?

Não, que a cadeia é coisa que mata de medo; anda lá dentro muito maltrapilho — a escumalha que a policia apura nas viellas e nas tabernas. E as questões sociaes, se revestem um caracter d'exceptional gravidade, quando se é conviva de Letourneau, resolvem-se docilmente com doses d'opportunismo em jornal de grande circulação.

Cerrou fleiras n'uma propaganda energica, violenta e audaciosa tambem?

Não. Subscreeveu um protesto, tristissimo documento de banal puzilanidade. Melhor fóra talvez, mandar uma commissão com memoria a sua magestade.

E disse-se p'ahi petulantemente, com ares de luctador inquebrantavel, que a mocidade republicana das escolas tambem succumbira...

Pois bem: áquelles que assignaram o protesto pedimos nós que nos acompanhem, n'uma cruzada solidaria de guerra, investindo a lei que affrontou a liberdade d'imprensa.

Ha quem responda?

Deixou de fazer parte da redacção da *Resistencia*, o nosso querido amigo collega Fernão Vaz.

Cecilio de Sousa — um velho é bom republicano, director da *Folha do Povo*, que ha tempos foi victima de um lamentavel desastre, vae em via de restabelecimento. Parabens ao honrado cidadão.

«O SECULO»

Alguns jornaes levantaram contra este jornal uma campanha feroz, que classificam de *moralidade*.

A frente — vae o *Debate*.

E' necessario saber se o famigerado orgão do oportunista *Silva Graça* é republicano; torna-se urgente que, *Magalhães Lima*, defina a sua attitude como director politico do referido jornal.

Eis em que consiste a these, em cuja discussão tem gasto algumas gazetas do partido republicano columnas e columnas.

Não apoiamos esta campanha. Se lamentamos que o *Seculo* não mantenha as suas tradições de leal e valoroso combatente da legião republicana, achamos o perfeitamente dispensavel no conseguimento da proclamação da Republica, entre nós. Que importa, até que elle desassombadamente se declare monarchico?

Nada. Era mais um da classe Augusto Rocha, Carneiro de Moura e tantas outras honestas firmas e fibras.

Não depende, sempre o julgamos, do grande jornal da rua Formosa a revolução. Por conseguinte, que importa que elle seja republicano simplesmente ao lamentar a morte de algum correligionario?

Deixa-lo ganhar descansado os dez reisitos.

Alem d'isto, melhor fóra que o *Debate* disposesse de toda a sua energia combatendo as instituições venaes, que para ali arrastam uma vida de infamias e podridão.

Deixe collega o *Seculo* e peça organização do partido, clara, franca e séria. Peça, a eleição da commissão-municipal republicana da capital a ver se conseguimos a eleição de um directorio desassombado, ativo e revolucionario, sem piéguices e sem conselheiros.

Deixe o *Seculo* e quando os delegados das diferentes commissões republicanas do paiz se reunirem para a eleição do directorio, tem uma bellissima occasião para o partido republicano, tomar a respeito do jornal de maior circulação em Portugal, uma decisão em harmonia com os nossos principios.

Não a deixe perder. — O partido republicano seriamente representado dirá, ao seu paiz, quem é o *Seculo*.

E agora uma simples pergunta: se o partido republicano, ou melhor, se os republicanos portuguezes individualmente estão convencidos da traição do *Seculo*, e se o *Debate* declara que escreve para a opinião republicana, — para quem diabo serve a campanha?

A' republica — não.

Corre com insistencia que se agravaram os padecimentos do sr. João Franco. Sua ex.^a sofre ha muito de *hemorrhoidas cerebraes*, o que o levou a apresentar, ao bisneto de D. João VI, a demissão do gabinete.

Consta que serão chamados a organizar ministerio o *Mineiro* e Ayres de Gouveia.

Entrou no prélo um mimoso volume de lyricas: *Suspiros e Zagalotes*; — e o drama: *Bebidas alcoolicas e fermentações*.

E' seu auctor o inspirado poeta tragico e festejado dramaturgo, sr. Pedro Augusto da Silva etc., par do reino em preparação.

No proximo numero publicaremos um excerpto.

D. Mundagaz II

Sua magestade el-rei de Gaza, o inclito Gungunhana, foi, por motivo de doença, recolhido ao hospital da Boa-Hora.

Receando pela vida, sua magestade enviou-nos alguns ineditos, que muito esclarecem os ultimos acontecimentos politicos, pedindo-nos a sua publicação, inclusivè o testamento, caso se dê algum desenlace fatal.

Será cumprida a vontade de sua magestade...

Ao sr. João Franco

Consta-nos, illustre dictador, que V. Ex.^a mandará pedir aos seus agentes aqui, os nomes de todos os nossos companheiros no grupo revolucionario academico, que assistiram ao jantar de despedida offerecido ao nosso querido e prestigioso amigo Dr. Antonio José d'Almeida. Esses nomes facil, decerto, foi conseguil-os, porque os não negámos á publicidade, nem os furtariamos aos agentes do sr. ministro do reino.

Todos os que ali fomos, hontem, fizemol-o com a mesma serenidade com que amanhã entraremos n'uma barricada a dar todo o esforço do nosso braço e a derramar a ultima gotta do nosso sangue pela Republica, como condição unica do rejuvenescimento da Patria.

Nenhum, dos que lá foram, hesitou um instante, como, estamos certos, não hesitará tambem, quando seja preciso vir para a rua correr a tiro todos os quadrilheiros da monarchia.

Sómente um, temendo as responsabilidades de ir ali fazer uma affirmação, clara e evidente, de fé republicana, se fingiu doente na vespera.

Mas esse corremo-lo já do nosso gremio — está até a calhar para ser aproveitado pela monarchia. De resto, não atinamos bem com as razões, que V. Ex.^a teve para tanto empenho mostrar em haver á mão aquelles nomes.

Sim, porque, positivamente nós não somos da laia do Navarro, nem do Mariano, que o sr. ministro do reino alugou para engrandecer o poder real.

Assim, pois, Ex.^{mo} Snr., uma hypothese se impõe ao nosso espirito: a nossa ardente fé republicana será a terminante da curiosidade de V. Ex.^a?

Talvez. Incommodou-se e jurou logo, por isso, exterminar-nos. Sim, porque V. Ex.^a tem d'esses impulsos ferozes.

Ora, se a aquisição dos nossos nomes obedece a quaesquer represalias com que o sr. João Franco entenda de nos perseguir-nos, dir-lhe-ão cumprir a nós — os guardas, que os conserve.

Não nos intimida nem fará esmorecer na lucta a metralha, que queira fazer despedir sobre as nossas cabeças.

Antes mais se nos avigoram as energias e se nos afervora a crença; mais intensa, mais viva é a nossa fé republicana e mais ativo o nosso desprezo pelos dictadores de lama, que ahí estão a pretender esmagar-nos a razão, amarfahar-nos a consciencia, aviltar-nos a dignidade. Que o sr. João Franco o fique sabendo.

Augusto Hylario

Falleceu em Vizeu este rapaz, alumno do 3.^o anno da faculdade de medicina. Augusto Hylario, estudante despreocupado e alegre, não deixou malquerenças, nem inimigos. Foi inoffensivo.

Entristece-nos este desenlace, quando é certo que Hylario estava prestes a concluir o seu curso medico, que havia de garantir-lhe o futuro, depois de alguns annos de impestivas luctas de que tinha sahido mais ou menos maltractado.

Desventurado rapaz!

Uma curiosidade:

Ha uns mezes, depois de um notavel acontecimento que as gentes — pelas frias noites de inverno e tardes quentes d'este maldito sol, — ronda a casa do sr. Pedro Augusto da Silva Ferrão, zeloso commissario.

Porém — curiosa e extraordinaria coincidência! — julgam os senhores que a guarda é á casa? Isso sim: quando sua excellencia sahe de Coimbra ou passeia no seu deslumbrante break — policia na estrada, nem meio. Que guardarão elles?...

Ecco da colligação liberal — nós republicanos não queremos a republica; nós revolucionarios não queremos a revolução.

ARTE & LITTERATURA

AS CATHEDRAES

Atravessando as cathedraes antigas, Sonho com ellas meus sonhos reaes; E as pedras eu adoro-as como amigas De largos tempos immemoriaes!

E quem sabe se a alma que hoje tenho Viveu tambem na rocha que alli medra?... Ha commoções nas linhas do desenho E ha muita alma n'uma curva em pedra.

E chora agora o meu olhar que rira Sobre columnas cheias de vigor, Na ancia d'uma linha que se estira, Da curva que se espalma n'uma flor!

E nos bordados tristes das capellas Os meus soluços lá foram poisar, Bordados feitos de fios d'estrellas, Fios dobrados no novello — o Ar.

A minha bocca imprime na madeira Os beijos tristes que em meu labio eu serro: E ouço a minha alma, sob a luz primeira, Chorar nos gonsos d'um portão de ferro.

Ancias immensas, ideaes profundos, Tudo autopsio pelas cathedraes, Pedras que gemem a semelhar mundos, Mundos que tremem a diluir-se em ais!

Meu sangue corre imperturbavelmente Pelas veias da abobada transida; E ha alli sorrisos que eu só vi no poente, Almas de treva onde tropeça a vida!

Estrellas rubras pelo ceu distante Vêm desbotar-lhe as tintas dos vitraes: Vós que o Genio traduziu a Dante No colosso das velhas cathedraes.

Ai, quantas vidas são alli paradas! Ai, quantos sonhos são alli desfeitos! Não ha só brancuras pelas alvoradas Nem pulsações apenas só nos peitos.

Porque o martello a dar sobre a bigorna Não tem só do trabalho a pulsação: Sob o braço que o bate a luz se entorna E a esse braço prende um coração!

Pelas janellas gothicas, absortas, Doridas monjas vêm-se debruçar... Quantas paixões n'aquellas vidas mortas! Quantos segredos lhes não sabe o luar!

E as velhas torres hirtas, glaciaes, — Reliquias d'uma crença que morreu — Adejando por sobre as Cathedraes, Parecem Almas a anciar o Ceu!

Guedes Teixeira.

BLASPHEMIAS

Erasmus escreveu um dia o elogio da loucura.

— Sarcasmo horrivel, dirão.

Mas eu não fallo da loucura, que conduz o homem pela mão á beira do suicidio.

Fallo da loucura que vem, desgredada e em convulsões de riso, debruçar-se no portico maravilhoso e delicado da nossa phantasia, suffocando a dor, os tormentos e até a ideia da morte.

Como deve ser bom viver assim... N'um dia, n'um momento, muda-se a face ás coisas do universo:

Hoje desabam thronos e levantam-se nacionalidades, o despotismo é esmagado pela soberania do povo.

Amanhã irão todos os reis da terra, n'uma precissão sinuosa, a caminho do exilio.

Era d'esta loucura, que eu queria soffrer para supportar a contemplação d'uma sociedade que se decompõe, e para assistir ás capitulações vergonhosas dos homens e dos principios, sem ter de envergonhar-me de ser portuguez.

×

O Navarro purificou-se nas suas apostillas ás *Liquidações* do Fuschini. Actualmente a sua honestidade é um dogma... para os viventes aquaticos do porto de Lisboa.

×

Dia de crise: — No Conselho de Estado o barometro ministerial accusa uma nebulosidade...

elevadissima. Chega a ser proposta a demissão collectiva do ministerio, e o boato rebenta cá fóra com estrondo.

A multidão movimentada-se, atropelando-se em corridas desordenadas. O senhor do Alcaide mandara os seus agentes lançar a rede a todos os homens validos, que fossem aptos para ministros.

De repente, um gallego esgueirando-se, n'uma fuga precepitada: *Baia que num me pilas non.*

— Era um homem de bem.

LOS DE CUBA

De mal para peor; zurzido, esfrangalhado, o orgulho, a valentia dos nossos manos da Peninsula em terras americanas.

Bravos, intemeratos, os mestiços aferrados á ideia activa da propria independencia, dispostos a tudo, a morrer de escopeta nas unhas ou a triumphar chamuscados pela polvora, luctam como leões, defendem-se como homens do arrganho pimpão com que Weyler — especie de hyena tarimbeira, cobarde e feroz — tenta subjugar pelo sangue, pelas carnificinas as aspirações legitimas, os legitimos direitos d'um povo que se ergue, masculino e heroico, a sacudir a pontapé o jugo humilhante, escarninho, dos aventureiros do velho mundo.

Atirada ao charco, enterrada na lama das derrotas degradantes a patusca aureola de invencibilidade, que desde Sagunto e com escala pelo Riff, flamejava em reflexos rubros de sangueiras e cobardias, da espada illustre do egregio pandilha Martinez, apupado, corrido, coberto de chufas e assobios o prestigio do glorioso bandido, entregou-se, n'uma cartada de arrojo, a coroa do pimpolho dos Bourbons, aos problematicos asares, ás inconsequencias macabras do Destino.

E para encobrir, aos olhos piscos d'este mundo o ridiculo bisarro de confiar ao Acaso — como nós os portuguezes confiamos em Moçambique á Divina Providencia — a vida de milhares d'homens, as bolsas de todos os contribuintes, deu-se ao novo general, o pseudonymo repelento de Weyler, como se lhe pudera dar qualquer outro, como nas nossas aventuras africanas se lhe deu o alcunha grotesco d'Ennes, o Scipião de bastidores.

Mas Weyler, n'este caso, mais que pseudonymo é uma synthese, e mais que synthese, o heroismo cubano vae-o transformando n'uma expiação.

Synthese da brutesa, da ignominia, da crueldade e da opressão d'um regimen de bandidos, que regado pelo sangue, mantido pelas carnagens, escudado nas traições, pesa sobre Hespanha — a Hespanha cavalheirosa do toureiro de *verdad*, mais do Senhor de Castellar e do Rey Niño.

Expiação dos crimes, das infamias, d'essa mesma Hespanha bourbonica, que tem no seu cadastro Sagunto, como inicio, que tem os garrotes de Xerez, os presidios de Fernando Pó, os *chassepots* de Barcelona por tropheos e que, pelo visto, ha de ter — a Grande Antilha por epilogo.

Epilogo de sangue, a que, j'agora, não poderá fugir, visto que Weyler empunhou a corda do carrasco e corta cabeças a torto e a direito, sem formalidades, sem ceremonias, visto que Cleveland, dubio e sorna, ha de emfim transigir com a vontade manifesta, clara, dos turbulentos partidarios de Monroé e, principalmente, acima de tudo, porque *nuestros hermanos* tem a força, talvez, mas *los de Cuba*, com certeza, tem a razão, tem o direito...

E a maxima celebre, meus amigos... é boa apenas, quando o direito está da banda dos cobardes.

E no capitulo de cobardia — tem-se visto...

A VISO

Consideramos assignantes todos os cavalheiros a quem enviamos o primeiro numero do nosso jornal, caso não nos seja devolvido no valto do correio.

ANNUNCIOS

Eduardo Vieira
 AVOGADO E TABELLIÃO
 Rua da Sophia, 53
 COIMBRA

LIVRARIA MODERNA

Augusto d'Oliveira
 L. do Principe D. Carlos, 19 a 25
 COIMBRA

Grande sortimento de livros de educação e ensino primario e secundario.

Satisfazem-se no minimo prazo possível todas as encomendas dos livros que não haja em deposito.

Correspondencia com todos os centros litterarios estrangeiros.

Assignaturas para todos os jornaes e revistas ao preço de 240 réis o franco.

Resposta a toda a correspondencia na volta do correio.

Fornecem se catalogos de livros de todas as especialidades a quem os requisite.

EM PUBLICAÇÃO

REVISTA BIBLIOGRAPHICA, catalogo mensal annunciando tudo o que de novo appareça no mundo litterario.

Distribuição gratis a todas as pessoas que nos honrarem com as suas compras.

BALÕES AEROSTATOS



Fabricam-se de diferentes gostos, com lindas e variadissimas côres, para fazer subir em arraiaes, medindo de 0^m.90 até 6^m.0, regulando os seus preços de 40 a 600 réis.

SERIO VEIGA - Sophia - COIMBRA

A Philatelia Portugueza
 Mattos & C.^a

47, Rua Nova da Piedade, 47 - LISBOA

Grande variedade de sellos, albuns, etc., para collecções a preços resumidos.

Pacote «Garret», 50 sellos estrangeiros, todos diferentes 100 réis

Pacote «Bon-Marché», 100 sellos estrangeiros, todos diferentes 350 »

Pacote «Lisboa», 150 sellos estrangeiros, todos diferentes 750 »

Pacote «Ideal», 200 sellos estrangeiros, todos diferentes 1\$100 »

Pacote «Cosmos», 300 sellos estrangeiros, todos diferentes 1\$500 »

Magnifico sortido de sellos de Portugal e colonias em pacotes de 10, 20, 60, 70 e 125 variedades para 120, 200, 900, 1\$100 e 2\$250 réis, muito uteis aos colleccionadores troquistas.

Compram-se, pelos mais altos preços, sellos de Portugal, colonias e Brazil.

N. B.—Para as provincias accresce sempre o registo e porte, que são 2 réis por cada 100 sellos e 50 réis o registo.

BIBLIOTHECA INTERNACIONAL

Collecção de obras primas de todas as litteraturas, antigas e modernas

100 réis - CADA VOLUME - 100 réis

Brevemente - o 5 volume - CARTAS DE SOROR MARINNA

COIMBRA

Livraria Moderna

FABRICA DE CARIMBOS DE BORRACHA



Tem officina montada com machina e material pelo systema mais moderno, para fabricação de CARIMBOS DE BORRACHA para carimbar papel ou marcar roupa, fac-similes, sinetes, etc., onde se fazem com a maior perfeição, brevidade e commodidade em preços.

Remettem-se catalogos illustrados a quem os requisitar, francos de porte. Pedidos a SERIO VEIGA - Sophia - Coimbra.

PANNOS, CASIMIRAS, LUVAS, CAMISAS E GRAVATAS

Joaquim Pessoa

140, Rua de Ferreira Borges (antiga Calçada), 142

ESPECIALIDADE EM ARTIGOS DE PHANTASIA SÓ PARA HOMENS

Director da Alfaiateria: Alfaiate de Lisboa

Fatos feitos por medida, desde 5\$000 réis.

Responsabilidade, economia e execução dos figurinos

N'esta casa:

VELOCIDADE E YUMBER E LIMITED.
 SEGURANÇA e fogo: Companhia ALLIANCE.

PIANNOS a prestações mensaes.—Companhia PROPAGADORA.

CAMISAS em branco peito de linho, desde 500 a 1\$800 réis; oxford, flanela em côr, de 800 a 2\$500 réis.

NOVIDADE—Camisas com peitilho bordado, de 3\$600 a 5\$000.

LUVAS nacionaes e estrangeiras, de 500 a 1\$800 réis, em pellica, pelle de cabrito, vitella, INGLEZAS DO D'ENTS, camurça e couro da Russia.

FABRICA DE GRAVATAS em algodão, lã, seda e Tokin, grande sortido, desde 120 a 2\$500 réis. Para revender, grandes descontos.

AGENCIA de seguros contra incendios: Companhia BONANÇA.

BALÕES Á CRIVAS



Balões-pandeiretas, relógios, sinos, vasos, balões de movimento, chinez, tulipas, globos, etc. () que ha de mais surpreendente em illuminação, produzindo um effeito deslumbrante pela sua variedade de feitios e clareza de luz.

SERIO VEIGA - Sophia - COIMBRA

ESTABELEECIMENTO

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

João Gomes Moreira

50, Rua de Ferreira Borges, 52

(Em frente do Arco d'Almedina)

COIMBRA

N'este estabelecimento ha sempre grande sortido de ferragens para construcções d'obras, que se vendem por preços eguaes aos de Lisboa e Porto, e tambem grande sortimento de todos os artigos proprios d'estes estabelecimentos, que se vendem por preços limitadissimos.

Especialidade em cutelaria Rodgers.
 Rewolvers, espingardas, carabinas e artigos de caça.
 Deposito de cimento inglez e do Cabo Mondego, gesso, cre, alvaiades e todas as tintas e mais artigos para pintores.
 Folha de Flandres, zinco, chumbo em folha e em barra, arames de todas as qualidades, madeira para crivos e peneiras, pannos de seda e cabelo para as mesmas, etc., etc.

Pharmacia do Castello

Premiada em varias exposições

FUNDADA EM 1859



N'este estabelecimento, permanentemente dirigido por pessoa habilitada, encontra o publico o mais completo sortido de productos chimicos e pharmaceuticos, instrumentos cirurgicos, artigos de penso, algalias, mamadeiras, seringas de todos os systemas e applicações, meias elasticas, irrigadores de Esmarch, Eguisier, etc., etc., stetoscopios, pulverisadores, forceps, aguas mineraes nacionaes e estrangeiras, etc.

Tomam-se quaesquer encomendas de França ou Allemanha mediante pequena commissão.

Aviam-se formulas homeopathicas.

CAMILLO & COSTA

Largo do Castello - COIMBRA

Grande Livraria

Portugueza e Estrangeira

DE

MANUEL DE ALMEIDA CABRAL

163, Rua da Calçada, 165 - COIMBRA

Livros em todos os idiomas. Expedições rapidas.

Contra a anemia, debilidade, rachitismo, etc.

Vinho de glycero-phosphato de cal, de Alberto Veiga, pharmaceutico

Este producto é um reconstituinte geral do systema osseo e um accelerator poderoso da nutrição. Combate eficazmente a anemia e restaura a força dos velhos. E' um anti-neurasthenico por excellencia,—altamente proveitoso nas convalescências. Toma-se á hora das comidas, na dose de dois ou tres calices por dia. Garrafa, 1\$000 réis. A venda nas principaes pharmacias e nos depositos seguintes: Lisboa: pharmacia Alberto Veiga, rua dos Retrozeiros, 40 e 42; e Leão, Rocio, 115. Porto: dr. Moreno, largo de S. Domingos; Coimbra: RODRIGUES DA SILVA & C.^a, rua Ferreira Borges.

Como garantia, exija-se nos rotulos a assignatura de Alberto Veiga.

PORTUGAL

Orgão dos estudantes republicanos

Redação e administração
 RUA DE SÁ DE MIRANDA, 36
 COIMBRA

ASSIGNATURAS

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Trimestre 150 réis
 Semestre 300 »
 Anno 600 »

Publicações e annuncios

(PREÇOS)

1.^a pagina, por linha 400 réis
 2.^a » » » 200 »
 3.^a » » » 60 »
 4.^a » » » 20 »

Os senhores assignantes tem abatemento de 50 %.

Publicam-se, gratis, todas as communicações de interesse geral, que nos sejam fornecidas.

Communicados de interesse particular e annuncios permanentes, tracto especial.

Não se restituem os autographos, sejam ou não publicados.

EDITOR—J. M. S. Nazareth

Typ. e Lit. Minerva Central—Rua da Sophia—COIMBRA

DEPOSITO

DE BANDEIRAS

Todos os artigos para ornamentações de festejos

SERIO VEIGA

COIMBRA

66—RUA DA SOPHIA—68

N'este deposito, o primeiro no seu genero n'esta cidade, encontra-se para alugar um variado sortimento de bandeiras de diferentes tamanhos e gostos, assim como: arcos, columns, pedestaes, postes, estatuas em tamanho natural, vasos escudetes, escudos, floreas, lanternas de vidro branco e de outras côres, balões venezianos, balões á crivas, balões de movimento, etc.

Minerva Central

18—RUA DA SOPHIA—20

COIMBRA

Proprietario

Joaquim Bento Ladeira

Esta casa, montada com uma excellente collecção de tipos e vinhetas Italianas e Allemãs, das mais modernas, acha-se habilitada a satisfazer com a maxima perfeição e rapidez, quaesquer trabalhos typographicos, sejam de que natureza fór, taes como:

MEMORANDUNS

FACTURAS

PAPEL E ENVELOPPES TIMBRADOS

PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO, ETC., ETC.

Especialidade em Rotulos de Pharmacia

Bilhetes de visita a 450 réis o cento, francos de porte

PORTUGAL



ORGÃO DOS ESTUDANTES REPUBLICANOS

NUMERO AVULSO, 10 RÉIS

1.º anno

Coimbra, 21 de abril de 1896

Numero 2

Caminho a seguir

Andam ali os jornaes republicanos perdidos em estereis campanhas de discussão batida:— que é uma pouca vergonha insultuosa esse viver de malandros no poleiro, que a nação, calcada por tyrametes de comedia, não tem energias de revolta, que o ministerio é uma quadrilha, que a nossa casa está a saque, que a nossa honra é vendida, a nossa liberdade roubada.

E em todos os tons, em todos os papéis, a mesma monótona lamúria a gemer queixas, com a resignação dos mendigos que estendem a mão na estrada, vagamente esperançados no acaso d'uma esmola.

Dir-se-hia que a humildade das lamentações se ajoelha em supplica á piedade dos traidores, e que, conscientes da sua pequenez d'alma e de espirito, os homens se encaram irresolutos, descobrindo em cada face a tremura d'uma cumplicidade.

E assim se vai arrastando a indolente miséria d'um povo de subjugados por essa hesitante estrada de medo e de cobardia.

Bem outro vemos o caminho. Não ha, já hoje, para a nacionalidade portugueza, causas desconhecidas de desgraça a buscar:—cincoenta annos de saque descobriram-nos bem a mão dos salteadores; os homens estão julgados, cumpre-nos justical-os agora.

E não é emballando o espirito do povo com lastimas de victima cobarde, que havemos de ir acordar-lhe lá dentro as violencias e a colera dos fortes, o odio e a vingança dos justiceiros. Não é assim, agachados sob o chicote ameaçador da lei que nos amordaça, que a nossa palavra tem o direito de censurar a pretendida lethargia do povo, dando-lhe o exemplo da mais baixa submissão, e vertendo-lhe na alma a rhetorica viscosa da transigencia e do medo.

É somente affrontando a lei odiosa com todo o desassombro que dá a consciencia d'um dever a cumprir, com toda a energia que traz o desprendimento d'uma vida entregue, alma e corpo, ao sacrificio, que nós podemos levar ao caminho da revolta, ensinando-lhe que é lá que se justicam reis, que é lá que se castigam criminosos, e que só lá se resgata, em ondas de sangue redemptor e generoso, este longo passado de corrupção e vergonha.

Que a Patria está em perigo, que o rei é um cynico folião, toivo e mentiroso, que o ministerio ma corja, a vida nacional uma

estrumeira, e que tudo isto enoja e engulha, é o que de ha annos vem gritando, vasia é contemporisadora, a turba dos papeis.

E a Patria ninguem a salva, ao rei ninguem o escorraça, a corja ninguem a corre.

Não haverá escopetas n'esta terra?

O candido Jacintho da marinha foi condecorado, pelo governo hespanhol, com a medalha de valor naval.

Como lá fóra é justamente apreciado o illustre patriota do Thermopylas...

O «Debate» e o «Seculo»

Passa o *Debate* o seu tempo a dizer mal do *Seculo*, porque a folha do *Imbecil Internacional*, parece, pelo seu capachismo deante do Paço, o conde do Restello impresso em typo 8.

Ora o *Debate* não faria mal explicando que o *Seculo* começou a ser verdadeiramente o capacho da realza, desde o dia em que publicou os celebres telegrammas da Covilhã, telegrammas onde se contava a visita do digno representante de D. João VI áquella cidade e se diziam maravilhas dos soberanos e das ovações que o povo lhes fez.

E conviria não esquecer de dizer que o anetor d'esses telegrammas foi o director do *Debate*, ao tempo tambem redactor do *Seculo*.

E pois que d'esta historia ficam os povos edificadas, que leve o diabo o *Seculo* e que o *Debate* pense n'outra toquia.

Por exemplo a da cabelleira dos conselheiros que declaram «ser republicanos e não querer a republica, ser revolucionarios e não querer a Revolução».

Consta-nos que vai ser agraciado com o titulo de conde de S. Vicente de Paula o illustre senhor Ayres de Campos.

Mais vale tarde do que nunca.

O conselheiro Accacio da Republica

O sr. Gomes da Silva, conselheiro director da fazenda municipal e do partido republicano de Lisboa, assigna na *Vanguarda* do dia 8, um artigo onde se encontram as seguintes palavras:

«Esses, que representavam um elemento necessario na vida da politica, que eram o elo das tradições a envolver um partido que, mirando o futuro, não queria deixar de ser historico, eram a ponte pensil construída pela engenharia da evolução por onde haviam de passar, e foram passando effectivamente muitos desiludidos do velho regimen, etc.»

A engenharia da evolução é idéa que chegou certamente ao cerebro do conselheiro pela ponte pensil da engenharia da asneira.

Ainda que, d'este e mais profundos pensamentos, dá o sr. Gomes a explicação n'outra phrase em que affirmar o partido republicano, em tempos, sido «caravanas».

D'isto se póde concluir que a concepção maravilhosa do conselheiro, foi encontrada na giba d'algum camello que a referida caravana tivesse deixado pelo caminho.

Não quero...

João Franco, valido do rei, seu socio e seu cumplice nas frescatas ignobeis, nas patuscas malandrices, que, esbarrondando um regimen de sacripantas e pandilhas, liquidam n'um atoleiro de abjecções uma nacionalidade, que, quando petizes, em instrucção primaria, nos ensinaram a amar ingenuamente, febrilmente, como um paiz de heroes, João Franco o despota grotesco, ridiculo e nullo, que de cocoras nos capachos de Palacio, lambe as botifarras do seu amo e anavalha a dignidade e a honra do seu povo. João Franco vem de desmascarar-se, desavergonhado e impudico, pondo a nú, sem parras e sem rebuço, toda a imbecil mesquinaria da sua alma pequenina, feroz, miseravel, d'antigo quadrilheiro beirão.

Para a historia humoristica, hilareante e faceta da contemporanea patifaria, do hodierno descaramento, vale a pena registar o facto, apontoal-o n'este rol da roupa suja da bandalheira lusitana, não vão a esquecel-o, d'aqui a annos, os nossos filhos, os nossos irmãosos mais novos, quando n'uma alvorada de justiça, o dever, a honra—que a nossa cobardia, os nossos chefes, mal-a guarda municipal nos não deixam cumprir a nós—os arrastar, n'uma rebellião de valentes, a afogar em sangue quasi um seculo de lama, quasi um seculo de trampa.

Foi em S. Bento, n'um pardieiro velho, que de casa de passe da rhetorica hereditaria, cahiu na degradação ultima de gaiola esburacada dos capões constitucionaes, azues e brancos, velho regimen, da dictadura.

Impotentes, sem crista, os proceres arreçados, presos pelo focinho á gamella orçamental, atrelados pelo estomago á traquitana do d'Alcaide, amarfanhados, somnolentos, dormitavam tranquilos, na beatitude regalada, de pobres bestas inoffensivas e bem pagas.

D'entre elles, porém, encarrapitado na extrema esquerda do poleiro, com mais sangue na guelra, escarninho e irrequieto, um dos galinaceos pacificos, armou em aguia.

E começou ás bicadas, ás bicadas, cautelosas, acariciadoras, ao dono da capoeira, ás suas obras, aos seus meritos, ás suas virtudes, mais aos seus heroismos.

E' n'um cacarejar de justiça, incidentalmente, por descuido, fóra do programma, saltou-lhe uma pergunta.

—Que não sendo de maior o incommodo, se dignasse o mui alto e poderoso estadista declarar á sociedade, entre amigos, que raio havia de impeditivo á nomeação do dr. Alves Moreira para a vaga de cathedratico na faculdade de direito...

E quando, a Sua Graça, tal declaração não aprasesse, pelo menos o favorzinho, penhorante, delicado, de dizer alli, á puridade, o motivo extranho, bisarro, porque mandado para o cesto dos papeis velhos, a embulhar a Carta, o *Compendio de civilidade* do João Felix Pereira, Sua Graça não respondia, como do tom entre gentes de gravata ao pescoço, aos officios e mensagens do corpo docente universitario, que, comedido e respeitoso, de capello e borla anda, com o seu reitor á frente, agachadinho, pela Arcada, a mendigar a esmolinha, os dezreisinhos d'uma resposta.

Embezerrado, casmurre, como

menino mal creado, teimoso, a sorver o ranho, a coçar a moleirinha. João Franco, assúmi então a grandeza epica dos grandes vultos da Humanidade... Patifa.

Como Napoleão, no Egypto, a barafustar hespanholadas á conta das Pyramides, mudas, enygmaticas, como um garoto a quem se interroga, de palmatoria nas unhas, com um graniso de chineladas a ameaçar-lhe o nalgatorio, João Franco, fruste, miseravel, pequenino, foi grande, foi enorme, foi colossal: Porque não! Porque não querol...

E ficou-se n'isto.

Não ficou mal. Aclarou a questão. Pô-la nos seus termos.

Não quer! Argumento supremo, irrespondivel com que um bandalho justifica as suas bandalheiras; com que, mais dia menos dia, um povo d'homens se erguerá tambem, sedento de sangue, a liquidar contas com o banditismo que o esmaga, com a corrupção que o asphixia.

Porque não quer! E o povo tambem não.

E n'esse dia o corpo docente, altivo, indignado, posto de banda, exilado, de vez, para aMealhada o Reitor, não quererá tambem.

Como da outra vez, n'uma madrugada de janeiro o corpo docente, adhere ao movimento... se elle vingar.

Se não... não quer! porque não quer, porque, para o venerando prelado, para a universidade, como para o João Franco, para esta gente toda, isto de vergonha, de dignidade, é uma cantata.

Uma cantata a pedir musica d'assobio.

JOAQUIM MADUREIRA.

Aos camaradas da imprensa democratica que para o primeiro numero do PORTUGAL tiveram palavras acolhedoras e gratas, o nosso agradecimento.

Obrigado, tambem, aos collegas monarchicos que longa vida nos desejaram. Pela intenção, principalmente.

Confirmações

A descoberta dos raios X que tanto alarido produziu nos arraiaes da photographia, tem alcançado as mais extraordinarias e cabaes ratificações.

Ultimamente, alguns amadores obtiveram, photographando varios craneos, surprehendedentes consequencias, que vieram demonstrar que nem sempre existe, dentro da caixa craneana, o respectivo encephalo. O *Seculo* publicará brevemente zinecographias d'estas experiencias; contudo, vamos desde já apontar alguns dos mais importantes resultados: Pedro Ferrão—areia e vapores alcoolicos.

Oliveira Mattos—uma planta do Dantas Guimarães com as respectivas esporas de louro. Magalhães Lima—um puding de batata.

José d'Alpoim—(no abdomen) um feto que parece ser o honrado Topa-a-Tudo.

O que haverá na cabeça do pae do Gungunhana?

Cinsa de charuto, talvez.

É ASSIM!...

ER sei que o nosso logar é ali, no meio da rua e em cima das barricadas quando, no clarim da Revolta soar a marcha impetuosa da Republica.

Sei-o eu, e sabemo-lo todos os que ora nos unimos na cruzada santa da ideia.

Mas até lá, é nos dado procurar miseraveis para os vergastar com a nossa penna intransigente e altiva, n'um grande desabafo de coleras que opprimem e suffocam.

Passem, portanto, factos e passem homens sob o nosso olhar enjado e crepitante de ira; todos os que se curvaram e todos os que se venderam; almas feitas de lama, bandidos cheios de commendas; passe tudo isso que nós, cá do alto onde nos colloca um proceder altivo e digno, temos o direito de escarrar-lhes, temos a obrigação de os correr.

E a todos os cobardes que não nos quiserem deixar passar, saltar-lhes-hemos por cima. Não é com medos que se faz uma revolução, não é com todo que se poderá erguer um templo.

Não somos revolucionarios á Gomes da Silva, nem cantamos a Marselheza apenas nos desertos. Não. Queremos a revolução com todas as tempestades que possam redimir muitos annos de infamia. Queremos todos os perigos, porque queremos todas as glorias.

E, assim, temos direito a sermos ouvidos.

Ouçá-nos, pois, o partido republicano, ouçá-nos todo o paiz.

×

Somos rudes, não sabemos fallar, mas arde-nos o coração em turbulencias de Revolta e estos de Justiça.

Queremos a Republica? Pois bem: guerra a tudo o que seja monarchico, a progressistas e regeneradores, a reis e a ministros. Guerra leal, mas guerra violenta, porque é sempre violenta a Justiça.

E deixemo-nos de transigencias que, por commodas, não deixam de ser des-honrosas. O logar do partido republicano, por ora, não é no gabinete dos politicos: é no meio da rua em fogo cerrado e ardente contra a monarchia.

As coisas são o que são, e isto é a logica fatal das coisas.

Morreu o sr. Marçal Pacheco. Pezames á monarchia. Que ao Paiz não vale a pena.

Dos figurantes de segunda grandeza do ministerio de bandidos—firma social João Franco em Commandita—o unico que tem resistido, firme como um rochedo, aos embates do decóro é o Antonio d'Azevedo—Kagado da justiça.

Ou não fora elle o Tachadas da situação... Conserva-se em alcool.

Ha jornaes que chamam ao Gomes da Silva respeitabilissimo chefe.

Mas não disem de quê. D'onde o ficar a gente indecisa se será da espionagem politica do João Franco; se do partido republicano.

Na duvida, é melhor assentar n'isto: da contabilidade municipal e da sua excellentissima familia.

Aos jornaes—a que enviá-mos o Portugal e não permutaram, correligionarios em particular, declaramos aguardar a liquidação social para os honrarmos com a nossa assignatura.

EM ALMOEDA

II

ESTIAGEM

N'um alarido desordenado a gente portugueza, sem vintem e fálha de juizo, berra de norte ao sul, de leste a oeste que tem fome, que quer comer.

De Salvaterra de Magos ás Caldas da Rainha, da Chamusca a Castello de Vide, d'Azambuja a Tavira, d'Evora ao Porto, etc, um povo alucinado, perdido, vae, de joelho em terra, com as mãos postas, a pedir ao Senhor, pelas sete chagas, que alague em agua essas terras resequidas pelo sol abrasador d'este maldito abril.

A fome e o imposto, de mãos dadas, ameaçam, n'um quadro lugubre, o estomago nacional.

Desgraçado povo!

Os elementos parecem pactuados com os homens da publica administração; os elementos parecem adherir á fallencia de uma nação por um bando de salteadores.

E assim é que aos desatinos de um governo, que rouba e infama; ás prepotencias de uma monarchia relaxada e venal; á insensatez de um povo sem leitura e sem juizo; juncta-se o estiolamento da propriedade por favor da natureza.

As cearas estão perdidas e as arvoreds de fructo sorte identica as espera. A fome é inevitavel.

A chuva não vêm e este calor tropical continua abrasando o terreno portuguez.

Por essas terras fóra bandos de operarios, qual horda de ciganos, sem pão e sem trabalho, ao sabor da miseria, andam, á divina, implorando a providencia. Um povo, supersticioso e fatalista, arrola de fome com os olhos vendados. Solta gritos de féra estendendo a mão á caridade; e, não querendo examinar a origem dos seus males, arrasta-se ignobilmente pelas portas de qualquer governo civil, soltando gemidos de dor, a desfazer-se em lagrimas, sem exigencias, sem revolta.

Rostos pallidos pela tortura, cabellos hirtos de peneira, braços esqueleticos erguidos ao céo n'um gesto de terror, olhos esgazados n'uma expressão de revolta, estomagos sem pão, corações sem crenças — um povo morre, uma nação deshonra-se.

×

Este povo lasarento a caminho do cemiterio limita-se, ameaçado por crise extraordinaria, a fazer preces ad petendam pluviam, e simultaneamente o governo discute impostos.

Hontem no infamissimo solar começou a discutir-se o aggravamento dos impostos sobre o assucar; a este seguir-se-hão outros sobre generos de primeira necessidade. Na crise ninguem pensa. O povo resa, a monarchia rouba. O povo esquece-se de pedir contas aos governos da monarchia, estes vão escamoteando-lhe os ultimos vintens. E desta sorte á miseria do povo contrapõe-se a mais infame e desenfreada ladrocia governamental.

Assim nos ultimos meses o espanto tem subido de ponto com os esbanjamentos do ministerio das obras publicas; a questão dos portals; embaixadas do conde de Ficalho e do patriota de Alcoentre, sr. Arouca, etc. etc.

O povo morre de fome — mas um digno representante do mesmo povo acaba de propôr ao solar que os ordenados dos ministros se elevem a seis contos de réis.

Será loucura ou cynismo?

Apesar de tudo ninguem se revolta.

Tremenda é a responsabilidade do partido republicano, que em vez de mostrar ao povo o verdadeiro caminho consente que nas suas gazetas a penna dos conselheiros grite: Abaixo o governo. Fóra o João Franco. Quando todos os portuguezes deveriam exigir: Abaixo a monarchia. Fóra o rei.

Isto é um paiz perdido.

HERACLITO FERNANDES.

Alpoim, sempre adiposo e rochunchado, para se escapar aos ferros d'el-rei, seu amo, allega mais uma vez doença grave que o impossibilita de ir colher as palmas do martyrio.

E apresenta attestado: quatro parteras testemunham andar d'esperanças o donsel.

Esperanças na pasta e no ventre. Ministro e mãe de filhos, oh ventura!

A PROPOSITO DO FERRÃO

O famoso commissario regressou da capital.

Sua excellencia dizem p'r'ahi: — uns, que foi vender a parella; — outros, que foi receber ordens do quadrilheiro Fervilha; — ainda outros, que foi pedir emprego mais rendoso.

Nada sabemos a tal respeito, nem nos importa. Julgamos até a segunda hypothese pouco provavel. Não precisa, o int'egro agente da auctoridade, de mando para alterar a ordem publica.

Cada doido com a sua mania: a d'este cavalheiro resume-se em provocações á ordem e dispersões a sabre. No estomago ruma-lhe sempre o prato pesado e abafado de gorar revoluções e consolidar o throno — causa proxima de não cumprir o seu dever.

Só vê hydras — nada mais. Hade recolher varrido á Rilhafolles, gritando sempre, dispersem, — uma, duas, tres, — dispersem, senão tudo preso. Viva o rei!

×

Fóra d'isto, vasio completo. Nada vê, nada fareja.

Joga-se p'r'ahi a batota, desenfreadamente, sem que sua excellencia perturbe no seu honrado mistér, os insignes batoteiros que alli, no bécco dos Militares, n.º 20, exploram os rapazes com a roleta e o monte. Os batoteiros julgam se seguros com a protecção escandalosissima do commissario de policia, Pedro Augusto da Silva Ferrão.

Ignoramos as razões de tal sócego; porém, sabe-se e prova-se que em algum ingenuo entrando na batota, com receio de assaltos e medo de escandalos, os directores do antro declaram — que podem estar á vontade, socegradamente, que a policia não os inquietará no decente divertimento.

O Ferrão é dos nossos — não ha perigo a temer. E o publico affirma que o sr. Ferrão recebe 60:000 mil réis por mez e o policia de ronda 150 réis por noite, como premio de segurança. Não acreditamos. Isto é positivamente uma infamia e mal avisado vae o sr. commissario se não mostra ao publico o contrario do que por ahí se diz.

Concordamos que s. ex.ª tenha defeitos, devidos á epilepsia, ao alcool ou aquillo que quiserem; todavia não acreditamos, nem podemos tolerar, por mais baixo que seja o systema, e por mais faciosa que seja a auctoridade que se façam affirmações de tal ordem que envolvem a dignidade do homem nos ultimos reductos e nós temol-o por um homem relativamente honrado, todavia, sem tino e sem criterio.

Desfaça s. ex.ª este esmagador boato da sua honra, perseguindo os batoteiros, porque não largaremos o assumpto.

Justiça e moralidade, sr. Ferrão. E' o que sómente lhe exigimos.

O nosso prestante correligionario sr. dr. Azeredo Antas enviou á commissão encarregada de reeditar a Cartilha do Povo, em nome dos republicanos de Villa Real, a quantia de doze mil setecentos e cincoenta réis.

Brevemente apparecerá n'esta cidade um novo periodico. Titulo — O Pendão das Quinas. Verduras da mocidade... ou antes appetite de verde.

Os srs. Eugenio de Castro e Manuel Gayo, á similhaça dos conhecidos proprietarios do Oleo de figados de bacalhau, Arriaga & Lane, vão colligir em volume todos os reclames que os homens de letras e os jornaes fizeram ao seu famoso elixir Arte e que vieram publicados na capa d'esta revista.

E' este um dos mais efficazes meios de propaganda.

NO CIRCO

A BELLA CHIQUITA

Casa ás moscas: — a linha dos camarotes vasia e igual, sem o grito de cór d'uma toilette.

Aos assustadiços ouvidos das mulheres de Coimbra haviam chegado detalhes escabrosos:

— Uma desmoralisação!... — resumira em voz indignada o conselheiro modelo.

Apenas, nas cadeiras, duas ou tres plumas de chapéus ignorantes; e resto, academia e rua das Padeiras.

Erguido o panno, um prestigitador fez coizas uma hora interminavel, entre bocejos de tedio.

O programma o dizia: — era a segunda parte a da Chiquita. E cá fora, juncto ao balcão ennodado do tascorrestaurante, discutia-se a pecora; alguns que a conheciam já, davam minucias; a meu lado, um burguez indignado revoltava-se contra a auctoridade.

Quando a orchestra desafinou os primeiros compassos inacreditaveis da musica, foi um beber de copinhos á pressa, olhos luzentes de luxuria; e toda aquella gente se esgueirou pelas portas com a soffreguidão de não perder pitada.

Lá estava a mulher nauseante e impudica: — saia aberta dos lados a estremear as pernas musculosas de vivandeira, seios estereis e sorvidos ao leo, a rebolar as nadegas batidas, com trejeitos de eroia de soldado. A' luz do gaz brilhava-lhe na carne um suor viscoso, e, d'olhos revirados na luxuria d'uma caricia de cadella, babava-se-lhe a bocca de palavras de alcova, n'um descaro de alcouche de marujos.

Olhei o theatro: — alinhados na fila das cadeiras immobilisavam-se renques de cabeças bestias, olhos ardendo n'uma brasa erotica; a um canto, o burguez indignado do tasco, tinha um olhar inquieto, de soslaio, mão sepultada na algibeira das calças, e, a meu lado, dois theologos sebentos discutiam baixo:

— Não traz malha, menino, vi-lh'os agora.

Mas não vira, afinal. Eram de panno, que o culatrão ergueu o trapo recatado e deixou ver um triangulo de seda preta sob o umbigo.

E foi então um desabar de palmas. — Um desaforo!... — disse esgueirando-se o conselheiro.

Tarde já, sob um ceu doce, pontado de estrellas palpitantes, pela tranquillidade religiosa das horas altas da linda noite de hontem, vinha eu seismando na miseria d'esta raça de sodomitas, revendo a escrophulosa suggestão de vicio que me dera aquella hora — vasadouro de leitões conjugues, filhos sahidos d'um coito obsceno de bodes — quando topei, alli á rua Direita, cosido á sombra dos muros, o conselheiro modelo.

Já consolado, o marmello...

Fala-se na criação d'uma legião ultramarina.

Achamos bem.

E a proposito de legião: — que enorme não será a que um dia o povo ha de mandar para a Africa!

S'elle os navarros são tantos...

Vae sem offensa para o Mariano.

Suspiros & Zagalotes

AO ZÉ DIAS

Se, fazendo-te vesgo, a Natureza Julgou matar-te de sua mão aziaga, Não olhes teu defeito com tristeza, Se defeito é na Vida o ser zanaga.

Não rogues pois a Deus nenhuma praga, Abençoa-o e fica na certeza Que, quanto mais o Physico se estraga, Mais a Alma se veste de pureza.

Digo-t'o eu com toda a sensatez: A vida é tal qual tu a vês, — bem torta... Ai! De nós és o unico que a vês!

E depois, p'ra quem tem intelligencia, Um bom olho ou mau olho, isso que importa? Não tem um olho só a Providencia?!

O anglophobo Neves Ferreira sempre vae para a India a ajustar, com a Inglaterra, um tratado d'extradição entre a nossa e a India ingleza.

Pelo menos assim o dizia o Diario do Governo d'um dos dias ultimos.

Que isto de ir ajustar tratado... é assim como quem diz — ir para puxar pelos cordelinhos ao condestabre D. Affonso Henriques no governo indiano.

E como se fóra empresario de fan-toches em barraca de feira.

Mas se esta gente quer ver se illude os papalvos e se faz passar o infante por heroe para haver vivorio e tudo quando elle regressar...

Que não de convencer-se que elle só serve para fazer atropelamentos e mais nada.

Ora bolas...

Os nossos males

Sem uma idea do seu passado, com a consciencia algemada pela ignorancia e pelo fanatismo, vivendo na submissão inconsciente e aviltante do escravo, evocando, n'um momento d'arranco patriotico, as suas luminosas glorias para em seguida cuspir sobre ellas, numa gargalhada cynica e cobarde, o insulto mais impio e mais revoltante, zuzido paternalmente pelo estrangeiro em occasiões d'arreganho, trata o a chicote pelos seus augustos imperantes, o povo portuguez — outr'ora viva encarnação do heroismo e do amor á Patria — arrasta uma vida degradante e criminosa, arrebatado n'uma onda de lama e de indignidade pela conspiciua e egregia dynastia que tem a honra de presidir aos seus destinos.

A sua historia, desde 1640 — que parecia o advento d'uma era cheia de luz e de gloria — até a heroica revolução de 20, é uma longa noite d'infamias e aviltamentos, que, começando na pussilaniuidade d'um egoista indecizo, vae terminar affim na cobardia d'uma fuga.

Com o abalo de 1820 a nação, emancipada da vergonhosa escravidão do sanguinario Berestford, agitada e convulsiona-se; — quer entrar n'um periodo de vida, puramente nacional, briosa e digna; mas, em breve, a garra adunca e traiçoeira do constitucionalismo brigantino, sophismando o movimento, converte a vida nacional n'uma serie infinda de torpezas — intervenções estrangeiras para fazer entrar a nação no caminho legal da ordem e do juizo, roubos fraudulentos, insultos á dignidade nacional, perseguição á imprensa, abandono das colonias, desprezo da Europa, farçadas parlamentares, onde os representantes do povo — miseros barrigas sem consciencia nem principios — estremezem ao menor gesto do grotesco dictador do Alcaide, — ultimatus, com que, ás vezes, por divertimento, nos mimosa a nossa tradicional e fiel alliada; emfim, vergonhosa fallencia moral e economica — preludio de bancarrota nacional.

E o povo portuguez, acaudilhado pela maioria da imprensa, assiste, indifferente, sem um protesto rude, mas digno, a este desabar da sua nacionalidade a que, hoje, parece faltar apenas o epilogo — a sua eliminação da cata politica da Europa.

A torpeza do regimen actual não lhe despertou um robusto sentimento d'odio, que, explodindo na ardencia mascula e heroica d'uma revolução, resuscite a sua consciencia nacional; vivendo na submissão vil do escravo, prefere á revolta a passividade muda do cobarde, que, transido de medo, tolera, sem um viril desforço, que impudentemente lhe cuspa na cara deslavada o desprezo da ignominia e da abjecção. E todavia, se os males que soffre, tem uma causa — a monarchia — tem tambem um remedio efficaz — a Revolução pela Republica.

Presna na cauda d'uma longa tira rethorica, traz um jornal do Norte esta pergunta:

Mas então isto não muda?!

Hade mudar, sim senhor. Quando os candieiros das ruas servirem tambem de cabides.

Na Peninsula

Ha tempos a esta parte, que a velha peninsula hespanica vem sendo batida pelos ventos mais nefastos e pelas mais perniciosas contrariedades. Entregues ás dubias mãos de duas dynastias odiadas, Portugal e Hespanha arrastam actualmente a pesada e ignominiosa grilheta do seu marasmatico indifferentismo, a caminho d'uma morte tremenda e negra, se acaso a decidida vontade d'alguns puros não poser hombros á sustentação da sua existencia e, o que é mais da sua dignidade.

A corrupção assentou arraiaes nos degraus do throno e nas antecamaras do poder e, como se isto não fósse bastante para o infortunio dos dois povos irmãos, a sua soberania, com justiça ou sem ella, é repellido e duramente fustigada nas terras d'além-mar, enquanto, de muros adentros sobe, numa assustadora maré, a onda espumante e sinistra da divida publica, trazendo já após si os agoirentos prenuncios da administração estrangeira!

Tudo hypothecado! tudo caucionado! E, apesar d'isso, não decresce de valor e gravidade a emaranhada questão dos credores externos, sempre promptos a abrirem garras para a luxuriosa satisfação da sua ganancia e constantemente adestrados para a insidiosa campanha de descredito e de calunnia, que, creando-nos pavorosas difficuldades, mais nos afunda nos sorvedoiros da ignominia.

E os monarchas e os governos parecem tripudiar sobre esta horrente hecatombe de dignidade e brios, lançando-nos de novo nos braços do emprestimo e atirando-nos descaradamente para os gravames da contribuição!

E aquellos contraem-se, sem que o povo recolha um só ceutil de utilidade do sacrificio a que o votam, e estas pagam-se, sem que para a nação advenham ainda que os mais miseros lampejos de prosperidade e honra.

Escusado é reeditar aqui o que a imprensa republicana vem apregoando todos os dias: — este tremendo desmanchar de feira, onde a arbitrariedade da dictadura impera e onde só lucra o que se acoberta no servilismo mais damninho ou na desvergonha mais refalsada!

A politica, em verdade, deixou de ser esse esplendente ideal de patriotismo encendrado, para se converter na misera chicana eleitoral, que entre nós chegou a atingir o ultimo grau e que, neste momento, obriga na Hespanha o governo a declarar de nullas, por eivados de latrocínios e falcatruas, as eleições geraes!

A isto chegamos e n'isto parecemos estar destinados a proseguir, se, com effeito, a esta pavida onda de corrupção, que tudo promete subverter e destruir, se não oppuserem desde já os obstaculos mais fortes e os diques mais inquebrantaveis.

E essa nação, todos o sabem, compete-nos a nós, republicanos, e a todos que ainda em alguma conta tenham este abençoado torrão, onde nascemos e que a destinos maiores e mais honrosos estava destinado. Unirmo-nos, congregarmo-nos sem dessentimentos e invejas, é dever que nos cumpre realizar, ainda que para isso tenhamos de nos expôr aos mais denodados sacrificios. Para a frente, numa aspiração unica de bom, leal, rejuvenescedor e acrisolado patriotismo, impondo-nos pela dignidade e pelo desinteresse, sem outros liames e sem outros fitos que não sejam os da pura e prompta realisação do nosso ideal, — tal a meta para onde devem convergir todos os nossos esforços e toda a ativez das nossas almas.

Que, em verdade, ficarmo-nos n'este apathico indifferentismo, ouvindo eternamente a foudilha lugubre do cantochão, que, em Odivelas, fez do nosso D. João V uma substituível synthese d'esta dynastia femineira e fadista ou horrorisados ante o espectacular drama dos fuzilamentos hespanhoes, — é abrimos mãos ao cumprimento

ARTE & LITTERATURA

SANCTA KAABA

E deixa-me sonhar a vida inteira!
Anth. de Quental.

Deixa que no teu collo eu poise esta cabeça...
Eu venho de tão longe, eu venho tão cansado,
Que, mesmo ao pé de ti, sou triste e estou calado,
Ancioso de esquecer, sem que de todo esqueça...

Se eu venho de tão longe e é doida esta cabeça!

Fita-me: é quanto basta. As rugas d'esta fronte
Dir-te-ão da minha Vida os lugubres Naufragios...
E vae-me tu cantando, — Ave dos Bons-Presagios!
As Horas do Porvir, sem que o Passado eu conte...

Que eu quero ver florir as rugas d'esta fronte!

E emballa-me: é tão suave o rythmo do teu collo!
Como um Poema-d'Amor recitado em segredo
Assim teu collo se ergue e abaixa, — quasi a medo...
E de senti-lo e ouvir-o eu todo me consolo:

Se é um Poema-d'Amor o rythmo do teu collo!

E beija-me: o teu labio é o Cofre dos meus Sonhos...
Que ao menos ao teu lado eu sonhe o que desejo!
Se o teu labio os fechou, d'olhos fechados vejo...
Alegram-se p'ra dentro os meus olhos tristonhos...

Que a tua bocca, ao fechar-se, abre-me a Porta aos Sonhos!

E deixa-me sonhar assim no teu regaço,
Emquanto arrulhas, Pomba! oh Lua, enquanto brilhas!
Sou um cego a quem vaes contando maravilhas
Do Paraíso aonde eu vou pelo teu braço...

E eu vejo o Paraíso aqui no teu regaço!

Carlos de Lemos

Madame de Rute

Coimbra teve a subida honra de receber, ha pouco tempo, a visita de madame de Rute.

Os jornaes de todas as matizes começaram a annunciar que na *Revista Internacional*, que S. Ex.^a superiormente dirige, acobertada pelo pseudonimo «le baron de Stock» devia apparecer em honra da nossa terra, em capitulo especial, cuidadosamente escripto, uma especie de *mêa-culpa*, a algumas falsas informações que de animo leve tinha transplantado para o seu livro — le portugál á vol d'oiseau — relato de sua viagem a este paiz á beira-mar plantado, quando pela primeira vez se dignou honrar-nos com a sua visita.

Como S. Ex.^a se sahio da sua tarefa pode-se vêr na supra citada revista de 1 de abril.

Os academicos são beijados e cheios de caricias por aquella illustre dama rejuvenescida ao vêr-se entre a mocidade alegre que a festejara a cada passo.

E o caso não era para menos. Pois que entre os numerosos admiradores que mais de perto a foram contemplar apparece *le philosophe Noronha*, *neveu du grand philosophe Antonio da Costa*, dont il s'est fait la figure en gardant sa longue chevelure bouclée, e que partilhando dos seus geitos e fantasias, só acha adoravel os longos passeios, de noite através dos campos, quando a lua passeia a sua imagem phosphorescente nas aguas murmurantes do Mondego.

Falla tambem nas 29 primaveras do poeta Guimarães, e mais nenhum dos seus numerosos admiradores lhe valeu uma palavra de referencia agradável.

Admirou-se extraordinariamente do interesse que os rapazs tomam pelas coisas antigas: como elles ficam extaticos deante das velhas egrejas e de outros restos archeo-

logicos que se lhes deparam pela frente.

E tanto lhes queria, aos rapazes, que contemplando o seu bello trage não se esqueceu de reparar nas meias pretas que ostentam nas bêm torneadas pernas.

E a melhor prova de como foi satisfeita pela recepção e atenções que lhe prestaram n'este burgo podre, está na passagem em que descreve um dos seus passeios no poetico e muito amado Mondego, ao cair da tarde, quando as sombras impacientes das mulheres dos pescadores se alongam sobre o caes, todo de alabastro.

Um casal de pombos arrulhava, seguindo attentamente as aguas do rio que ia fugindo, sonhando coisas que elles lá sabiam.

A rapariga, apesar do colloquio não ter testemunhas, cõrava, olhando sempre o espelho, o rio; e elle, o ingrato, distrae-se e ao aperceber a princeza, dispára á queima roupa contra a sua ella, esta interrogação assassina: Vois tu la madama du lac? Depois, levanta-se o vento traiçoeiro, e nada mais se sentiu senão o desabar do mastro do bote sobre a cabeça de S. Ex.^a. E' bem certo que não ha bem que sempre dure.

A descripção das festas a que assistiu no mosteiro de Santa Clara, pela primeira vez que visitou Coimbra, é d'uma originalidade espantosa.

Desde as raparigas de tês queimada e olhos negros de asevice, e os machos com as colleiras vermelha escuras, que ella observou quando se dirigia ao mosteiro, até á melopéa *extatique*, que durante 3 horas a teve presa, transportada em espirito a um paraíso desconhecido, luminoso, mil vezes superior ao de Mahomet pelas sonhadoras harmonias, a senhora princeza salpica a sua descripção de coisas maravilhosas, em que resalta pujañte de graça a nota comica, quando se dá aquelle desmoronamento

de estudantes e... até a voz do fallecido Domingos Carteiro lhe deu no goto... E após varias informações chegou á conclusão que a voz não era de mulher, que o proprietario tinha 3 filhos, e um delles aspirava — parait-il — à devenir basse taille.

O artigo de S. Ex.^a é comprido, mais de 16 paginas em 8.º...

Falla de tudo que ha em Coimbra e quando passa por S. Christovam deixa a ligeira nota da impressão que lhe causou pelo seu aspecto veneravel.

Mas, verdade, verdade, o que me deu no goto foi — *le philosophe Noronha*; com a sua cabelleira aureolada solta ao vento, dando longos passeios, de noite através os campos em flôr, alumado pela luz da lua seductora, sonhando e pensando, com aquella sua alma de creança cujo unico ideal é conquistar o mundo, sem indecisões, sem temôres, sem perturbações... seguindo sempre pela estrada além... até um dia vir a gloria ornamenta-lo duma aureola de...???

A. P.

Disse-se em tempos p'r'ahi que o representante de D. João VI, n'um momento de mal contidas iras e de enfado pelas queixas do seu povo, jurára ao sceptro de seu bisavô exterminar os ladrões.

Mas, que nos conste, nem ainda o Mariano reside na Penitenciaria, nem o Navarro tem chumbada ás pernas uma grilhêta.

Pelo contrario, muito a contento do bisneto do segundo descobridor do Brazil, elles ahi estão a engrandecer o poder real.

Só, porém, a nação é que se encontra cada vez mais roubada, sem que de nada lhe valha gritar — aqui d'el-rei!

Não vale gritar, estejam certos. Corra-os a marmelleiro emquanto não tem uma espingarda para os virar a tiro.

Convença-se disto o povo. Emquanto o não fizer hade ficar sempre sem relógio e sem bolsa e ainda por cima tripudiarão todos sobre a sua miseria.

Convençam-se... e não sejam poltrões.

A caminho da Republica

Sobre o mar-morto das almas portuguezas vae uma calmaria pôdre que tudo marasma n'um lethargo longo, de pelintras sem coragem, estatelados na lama, sem um impulso de rebellião, sem um movimento de revolta, febril, colerico. Parece que sobre a patria um nevoeiro paira, cinzento de tedio e indiferentismo, sob o qual vagabundeia, apathico e manso, somnambulicamente, o formigueiro lazarento e faminto do povo, como uma caravana esfarrapada de mendigos, sob as vaias insultantes de estranhos e despotas de opera-buffa, sem um abalo de energia que lhe sacuda a alma n'uma rajada electrica, sem um calafrio que lhe arripie os nervos e o faça crispar as mãos, em audacioso protesto, n'um arrellão desgrenhante e vingador...

E' assim, n'este meio deprimente e putrido, doble e corrupto, da nação lusa, que mais uma granada estoira, incendiaria e insurreccional, em cima d'esta barricada que ora levantamos, bem sobranceira á podridão venal e nauseante que cerca o throno, para proclamar o acordar d'um Portugal novo, pela bocca aureolada d'uma mocidade soffrega de ideal, sedenta de justiça.

Para as columnas d'este jornal arvorado em bandeira desfraldada ao vento da revolta, atiramos a nossa vermelha alma revolucionaria, indomita e anciada, tempestuosa e cachoante como um rio infernal, esbrazante e rubro, com o mesmo despreendimento com que a atiraremos á polvorada d'uma batalha estrelante, ahi na praça publica, sobre cadaveres de malandros e traidores rolando dos candieiros ás vallêtas das ruas, entre o rufo dos tambores e o toque dos clarins.

E' que nos nossos corações fogosos e entusiastas estalam pro-

cellas de odio contra a tyrannia enthronizada, á flor d'uma affectiva e emocional dedicação pelo povo que soffre e reclama luz e liberdade, em luçta aberta contra o cesarismo do capital e das bayonetas, que em vão tenta aprisionar-nos o espirito na treva e algemar-nos os pulsos com as gargalheiras do escravo.

Os verdadeiros inimigos, os assassinos do povo e da liberdade, são os privilegiados da ordem social actual, todos os que teem vivido sempre á custa que trabalham, que teem engordado sempre á custa da miseria do povo.

Caminhemos, pois, n'esta abalada de legionarios inflexos e áltivos, com a audacia stoica de rebeldes illuminados pelo ideal que estrelleja claro e lucilante em nossas almas limpidas, temperadas ao fogolante d'uma desforra a tirar e d'um sonho a cumprir, para desaffrontar os opprimidos e castigar os oppressores, derrocando privilegios e egualando direitos, no altar civico d'uma nova consciencia collectiva.

GONÇALVES CEREJEIRA.

Exposição Calligraphica que ha de realizar-se em julho de 1896 no Atheneu Commercial de Coimbra

INICIADA POR
OLYMPIO FERREIRA LOPES DA CRUZ

Director e professor do Instituto Calligraphico e Escola Moderna, professor do Atheneu Commercial de Coimbra, laureado com o primeiro premio na Exposição Calligraphica do Palacio de Crystal do Porto, em 1891.

PROGRAMMA

Artigo 1.º A abertura da Exposição, a que podem concorrer só nacionaes, effectuar-se-á no dia 1 de julho de 1896, encerrando-se no dia 12 do mesmo mez.

Art. 2.º A Exposição compor-se-á de cinco secções:

1.ª Calligraphia (1.º grau), quadros á penna que contemham bastardo, bastardinho, cursivo e alphabeto maiusculo.

2.ª Calligraphia (2.º grau), quadros igualmente feitos á penna, contendo caracteres de phantasia e as respectivas cercaduras, assim como quadros que, especialmente contemham letra gothica e ronde.

3.º Provas calligraphicas dos alumnos dos Institutos de Calligraphia, das aulas d'Instrucção Primaria, tanto officiaes como particulaes, em cujo numero se incluem tambem todos os estabelecimentos de educação.

4.ª Todas as obras publicadas, ou feitas á penna, pertencentes á arte calligraphica, como por exemplo — pautas, compendios, etc., embora sejam de auctores já fallecidos.

5.ª Desenho de figura.
Art. 3.º Os premios serão de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, e devem ser conferidos aos expositores conforme a determinação do jury.

Art. 4.º Os trabalhos calligraphicos executados pelo jury d'esta Exposição não podem ser submettidos a exame para qualquer classificação.

Art. 5.º Os expositores, para todo o assumpto, devem dirigir-se ao director da Exposição, quer pessoalmente, quer por escripto, sendo toda a correspondencia endereçada para o Instituto Calligraphico — rua de Sub-ripas, n.º 21, Coimbra.

Art. 6.º Os expositores deverão remetter ao mesmo director, até ao dia 20 de junho de 1896, os exemplares que tencionem expôr; e as remessa devidamente acondicionadas, assim como seus nomes e moradas.

Art. 7.º As despesas que occasionar a remessa dos trabalhos, que se destinarem á Exposição, e bem assim as que determinar a devolução dos mesmos trabalhos aos expositores, ficam a cargo d'estes. Podendo, no entanto, o director da Exposição, encarregar-se da devolução dos referidos trabalhos, uma vez que os expositores o sollicitem e satisficam as despesas de transporte.

Art. 8.º A todos os expositores devem ser concedidos bilhetes de admissoão, pessoaes e intransmissiveis, que serão opportunamente reclamados ao director da Exposição.

Instituto Calligraphico Conimbricense

Rua de Sub-ripas, 21 — Coimbra

O Director,

Olympio Ferreira Lopes da Cruz

dos nossos deveres, e juntamo-nos aos cozeiros d'estas, outr'ora gloriosas, nações peninsulares.

Amigos, o caminho está traçado. É percorre-lo...

Antonio Silveira.

NA ESTRUMEIRA

O *Commercio de Vizeu* noticia que o sr. Albertino de Pinho, bacharel formado em direito e presidente da camara municipal do Carregal, fôra aquella cidade cumprimentar, em seu nome e no dos seus correligionarios carregalenses, o governador civil do districto.

Duas palavras a este Albertino. Quando foi do *ultimatum* o sr. Pinho, então no 2.º anno de direito, andou p'r'ahi a fallar ás massas, dizendo improperios e sandices.

Mais tarde declarou-se republicano e tão intransigente que reprovou sempre todos os individuos propostos a entrar no grupo, por não darem provas sufficientes de fé republicana. Ora o malandro! Agora este safadissimo pandilha, incapaz, por falta de mioleira, de ganhar honradamente o pão quotidiano, tornou-se o mais abjecto gallego do João Franco.

Vendeu-se miseravelmente. Mas o velhaco fêde — vá de lançal-o á estrumeira. O grande malandrim!..

Em Alhandra fô assassinado o sr. Domingos Francisco Assis, pae do nosso amigo Augusto Assis, sympathico alumno do 5.º anno juridico.

Sentindo profundamente a dôr do nosso amigo enviamos-lhe a expressão sincera do nosso pesame.

Vieira de Mello — nosso querido amigo e valioso correligionario, alumno do 3.º anno de preparatorios medicos, acaba de ser ferido no seu coração amantissimo de pae, pelo fallecimento d'um seu estremoso filhinho.

Sentimos.

O sr. Manuel Gayo leu no domingo passado aos seus amigos a sua nova epopéa.

Ao primeiro folego, todos dormiam e o Gayo a ler e os amigos a resonar pareciam a orchestra de Sernache, regida pelo *edit* Manuel Miranda.

O sr. bispo de Coimbra e conde de Arganil, pessoa muito de bem que de braço dado com o larvado do director das obras publicas, tem dado p'r'ahi cabo de todos os monumentos — ordenou preces *ad petendam pluviam*.

Ora em tempos em que o fallecido dr. Jacintho dirigia o observatorio meteorologico a proposito tambem de estiagem o sr. bispo ordenou preces, pedindo antecipadamente ao Jacintho o avisasse, quando o barometro accusasse variações.

Fô correndo o tempo e o povo já rosnava a ausencia de religiosidade do seu pastor. Porém, um bello dia o Jacintho avisou-o de que o momento opportuno chegara.

Ao outro dia — preces.

Paramentava-se o conde de Arganil para a cerimonia e eis que surge novo aviso do Jacintho aconselhando-o a renunciar ás preces, visto que o barometro voltára á posição anterior.

O bispo ficou varado e o fiasco foi completo.

Chuva — nem gota.

Consultaria d'esta vez sua excellencia o Saragoçano ou o sr. dr. Viegas?

Referindo-se á estiagem, diz o *Commercio da Guarda*:

«Em pastos, então, não se falla.»

Effectivamente o redactor do *Commercio*, quando se trata de pastos, não falla. Come.

Exame de Alemão

Os estudantes de naturaes reunem amanhã afim de reclamar que lhes seja dispensado d'esta disciplina, visto terem sido obrigados ao exame de Inglez. Achamos justissima a dispensa e no proximo numero fallaremos.

ANNUNCIOS

Eduardo Vieira
 ADVOGADO E TABELLIÃO
 Rua da Sophia, 53
 COIMBRA

LIVRARIA MODERNA
 Augusto d'Oliveira
 L. do Príncipe D. Carlos, 19 a 25
 COIMBRA

Grande sortimento de livros de educação e ensino primario e secundario.

Satisfazem-se no minimo prazo possivel todas as encomendas dos livros que não haja em deposito.

Correspondencia com todos os centros litterarios estrangeiros.

Assignaturas para todos os jornaes e revistas ao preço de 240 réis o franco.

Resposta a toda a correspondencia na volta do correio.

Fornecem se catalogos de livros de todas as especialidades a quem os requisito.

EM PUBLICAÇÃO

REVISTA BIBLIOGRAPHICA, catalogo mensal annunciando tudo o que de novo appareça no mundo litterario.

Distribuição gratis a todas as pessoas que nos honrarem com as suas compras.

DEPOSITO DE BANDEIRAS

Todos os artigos para ornamentações de festejos

SERIO VEIGA
 COIMBRA
 66 - RUA DA SOPHIA - 63

N'este deposito, o primeiro no seu genero n'esta cidade, encontra-se para alugar um variado sortimento de bandeiras de diferentes tamanhos e gostos, assim como: arcos, columnas, pedestaes, postes, estatuas em tamanho natural, vasos escudetes, escudos, floeiras, lanternas de vidro branco e de outras cores, balões venezianos, balões á crivas, balões de movimento, etc.

Minerva Central
 18 - RUA DA SOPHIA - 20
 COIMBRA

Proprietario
Joaquim Bento Ladeira

Esta casa, montada com uma excellente colleção de typos e vinhetas Italianas e Allemãs, das mais modernas, acha-se habilitada a satisfazer com a maxima perfeição e rapidez, quaesquer trabalhos typographicos, sejam de que natureza fór, taes como:

FACTURAS
 MEMORANDUNS
 PAPEL E ENVELOPPES TIMBRADOS
 PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO, ETC., ETC.

Especialidade em Rotulos de Pharmacia

Bilhetes de visita a 450 réis o cento, francos de porte

COPIOGRAPHOS

BALÕES AEROSTATOS



Fabricam-se de diferentes gostos, com lindas e variadissimas cores, para fazer subir em arraias, medindo de 0^m.90 até 6^m.0, regulando os seus preços de 40 a 800 réis.

SERIO VEIGA - Sophia - COIMBRA

A Philatelia Portugueza

Mattos & C.^a

47, Rua Nova da Piedade, 47 - LISBOA

Grande variedade de sellos, albuns, etc., para colleções a preços resumidos.
 Pacote «Garret», 50 sellos estrangeiros, todos diferentes 100 réis
 Pacote «Bon-Marchés», 100 sellos estrangeiros, todos diferentes 350 »
 Pacote «Lisboa», 150 sellos estrangeiros, todos diferentes 750 »
 Pacote «Ideal», 200 sellos estrangeiros, todos diferentes 1500 »
 Pacote «Cosmos», 300 sellos estrangeiros, todos diferentes 15500 »
 Magnifico sortido de sellos de Portugal e colonias em pacotes de 10, 20, 60, 70 e 125 variedades para 120, 200, 900, 15100 e 25250 réis, muito uteis aos colleccionadores troquistas.
 Compram-se, pelos mais altos preços, sellos de Portugal, colonias e Brazil.
 N. B. - Para as provincias accresce sempre o registo e porte, que são 25 réis por cada 100 sellos e 50 réis de registo.

para reproducções de manuscritos, circulares, avisos, preços correntes, sebetas, etc., etc.
 Garante-se 50 copias.

SERIO VEIGA - Sophia - COIMBRA

BIBLIOTHECA INTERNACIONAL

Collecção de obras primas de toda a litteratura, antiga e moderna

100 réis - CADA VOLUME - 100 réis

Brevemente - o 3 volume - CARTAS DE SOROR MARIANNA

COIMBRA

Livraria Moderna



FABRICA DE CARIMBOS DE BORRACHA

Tem officina montada com machina e material pelo systema mais moderno, para fabricação de CARIMBOS DE BORRACHA para carimbar papel ou marcar roupa, fac-similes, sinetes, etc., onde se fazem com a maior perfeição, brevidade e commodidade em preços.

Remettem-se catalogos illustrados a quem os requisitar, francos de porte. Pedidos a SERIO VEIGA - Sophia - Coimbra.

PANNOS, CASIMIRAS, LUVAS, CAMISAS E GRAVATAS

Joaquim Pessoa

140, Rua de Ferreira Borges (antiga Calçada), 142

Coimbra

ESPECIALIDADE EM ARTIGOS DE PHANTASIA SÓ PARA HOMENS

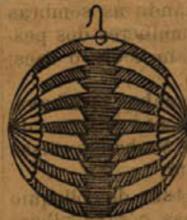
Director da Alfaiateria: Alfaiate de Lisboa

Fatos feitos por medida, desde 5\$000 réis.

Responsabilidade, economia e execução dos figurinos

N'esta casa:

VELOCIPEDES HUMBER E LIMITED.
 SEGUROS contra fogo: Companhia ALLIANCE.
 PIANOS a prestações mensaes. - Companhia PROPAGADORA.
 CAMISAS em brancos peito de linho, desde 500 a 1\$800 réis; oxford, flanela em cor, de 800 a 2\$500 réis.
 NOVIDADE - Camisas com peitilho bordado, de 3\$600 a 5\$000.
 LUVAS nacionaes e estrangeiras, de 500 a 1\$800 réis, em pellica, pelle de cabrito, vitella, INGLEZAS DO D'ENTS, camurça e couro da Russia.
 FABRICA DE GRAVATAS em algodão, la, seda e Tokin, grande sortido, desde 120 a 2\$500 réis. Para revender, grandes descontos.
 AGENCIA de seguros contra incendios: Companhia BONANCA.



BALÕES Á CRIVAS

Balões-pandeiretas, relógios, sinos, vasos, balões de movimento, chinez, tulipas, globos, etc. O que ha de mais surprehendente em illuminação, produzindo um effeito deslumbrante pela sua variedade de feitos e clareza de luz.

SERIO VEIGA - Sophia - COIMBRA

ESTABELECEMENTO

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

João Gomes Moreira

50, Rua de Ferreira Borges, 52

(Em frente do Arco d'Almedina)

COIMBRA

N'este estabelecimento ha sempre grande sortido de ferragens para construcções d'obras, que se vendem por preços eguaes aos de Lisboa e Porto, e tambem grande sortimento de todos os artigos proprios d'estes estabelecimentos, que se vendem por preços limitadissimos.

Especialidade em cutelaria Rodgers.

Rewolvers, espingardas, carabinas e artigos de caça.

Deposito de cimento inglez e do Cabo Mondego, gesso, cre, alvaiades e todas as tintas e mais artigos para pintores.

Folha de Flandres, zinco, chumbo em folha e em barra, arames de todas as qualidades, madeira para crivos e peneiras, pannos de seda e cabelo para as mesmas, etc., etc.

Pharmacia do Castello

Premiada em varias exposições

FUNDADA EM 1859



N'este estabelecimento, permanentemente dirigido por pessoa habilitada, encontra o publico o mais completo sortido de productos chimicos e pharmaceuticos, instrumentos cirurgicos, artigos de penso, algalias, mamadeiras, seringas de todos os systemas e applicações, meias elasticas, irrigadores de Esmarch, Eguisier, etc., etc., stetoscopios, pulverisadores, forceps, aguas mineraes nacionaes e estrangeiras, etc.

Tomam-se quaesquer encomendas de França ou Allemanha mediante pequena commissão.

Aviam-se formulas homeopathicas.

CAMILLO & COSTA

Largo do Castello - COIMBRA

Grande Livraria

Portugueza e Estrangeira

DE

MANUEL DE ALMEIDA CABRAL

163, Rua da Calçada, 165 - COIMBRA

Livros em todos os idiomas. Expedições rapidas.

Contra a anemia, debilidade, rachitismo, etc.

Vinho de glycero-phosphato de cal, de Alberto Veiga, pharmaceutico

Este producto é um reconstituinte geral do systema osseo e um accelerator poderoso da nutrição. Combate eficazmente a anemia e restaura a força dos velhos. E' um anti-neurasthenico por excellencia, -altamente proveitoso nas convalescências. Toma-se á hora das comidas, na dose de dois ou tres calices por dia. Garrafa, 1\$000 réis. Á venda nas principaes pharmacias e nos depositos seguintes: Lisboa: pharmacia Alberto Veiga, rua dos Retrozeiros, 40 e 42; e Leão, Rocio, 115. Porto: dr. Moreno, largo de S. Domingos; Coimbra: RODRIGUES DA SILVA & C.^a, rua Ferreira Borges. Como garantia, exija-se nos rotulos a assignatura de Alberto Veiga.

PORTUGAL

Orgão dos estudantes republicanos

Redacção e administração

RUA DE SÁ DE MIRANDA, 36

COIMBRA

ASSIGNATURAS

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Trimestre 150 réis
 Semestre 300 »
 Anno 600 »

Publicações e annuncios

(PREÇOS)

1.^a pagina, por linha 400 réis
 2.^a » » » 200 »
 3.^a » » » 60 »
 4.^a » » » 20 »

Os senhores assignantes tem abatimento de 50 %.

Publicam-se, gratis, todas as communicações de interesse geral, que nos sejam fornecidas.

Communicados de interesse particular e annuncios permanentes, contracto especial.

Não se restituem os autographos, sejam ou não publicados.

EDITOR - J. M. S. Nazareth

Typ. e Lyt. Minerva Central - Rua da Sophia - COIMBRA

PORTUGAL



ORGÃO DOS ESTUDANTES REPUBLICANOS

NUMERO AVUSO, 10 RÉIS

1.º anno

Coimbra, 28 de abril de 1896

Numero 3

OS NOVOS

Escondida detraz do tumulo de Elias Garcia, mão invisível que deixa, sem esforço, adivinhar o gigante, fundibuleia, em esgrima proterva d'encruzilhada, uma accusação tremenda, estúpida e revoltante, sobre a attitude, sobre a influencia dos novos na rota e governança da galera alterosa, velleira, das nossas illusões, das nossas esperanças, na marcha, na direcção do partido republicano portuguez.

Accusam-se, adentro das fileiras republicanicas, n'um jornal que a Commissão directora protege, que a Commissão directora instantaneamente recommenda, que é órgão reconhecido d'alguns membros d'essa Commissão, accusam-se d'ambiciosos, de nocivos á marcha, á dignidade, ao desassombro, á energia do partido republicano *os elementos novos, aliás intelligentes e prestimosos, que não tem ainda completa a sua educação politica, tendo, contudo, ambições justificadas em alguns, que se não justificam nem permitem n'outros, e se chocam nos encontros de opiniões sobre formas e processos da politica pratica.*

Adentro das nossas fileiras, existe, pois, um homem, soldado obscuro ou chefe prestigioso, que ingenuo ou velho, movido por um desejo de justiça ou por um repellido de infamia, por uma convicção funda ou por uma vingança abjecta, lança sobre o grupo dos novos o mais degradante dos stygmias, o mais affrontoso dos labeos.

Pois bem. Que esse homem saiba, que saiba o partido republicano portuguez, o que são, o que representam, o que querem os elementos novos, altivos e desinteressados, que, tendo assumido, perante a Historia, perante o paiz, a responsabilidade politica, a responsabilidade moral do mais audacioso documento até hoje publicado pelo partido republicano, não recuaram um passo, não se desviaram um apice, da linha recta, destemida e inflexivel, traçada em caracteres de fogo por Francisco Bastos — um morto querido — por João de Menezes — o mais saudoso dos companheiros — no Manifesto dos Estudantes republicanos de 1890.

Que esse homem, luctador esforçado ou calumniador emerito, saiba, que o partido republicano, que o paiz inteiro aprendam, quem são, o que trazem no seu passado, o que exigem nas suas aspirações, os homens hoje insultados á beira d'um tumulo, e que poderiam repellar a affronta indo simplesmente agasalhar-se, piedosos e cheios de respeito, á sombra da campaa austera, immaculada e luminosa, de José Falcão, que foi o seu mestre, que foi o seu guia, que é, ainda, alem da morte, o seu exemplo, o seu credo, o seu estandarte. Mas não.

O passado dos novos, deve estar, e está, aberto, a todas as curiosidades, a todas as investigações; é uma lição de moral, de abnegação, de hombridade e de civismo. Que a não esqueça ninguem, e saberá, em seguida, a ambição que os guia, as aspirações que os impulsionam nas suas campanhas, nos seus ataques e, quiçá, nas suas indisciplinas.

Os novos são os signatarios do manifesto de 90, que, embora diminuído seu numero por algumas despezas vergonhas dos que foram

para empregos do Estado, permanecem a través de todos os sacrificios no seu posto d'honra. São os que, na *Patria*, reprehenderam a campanha tremenda, violentissima, que levou ao Limoeiro João de Menezes e que, no *Ultimatum*, abortou ao primeiro numero, com a prisão de Antonio José d'Almeida.

Os novos são estes; são Brito Camacho, Hygino de Sousa, Martins Figueira, Afonso de Lemos e Francisco Leão em Lisboa; são Silvestre Falcão, Francisco Vieira, Pires de Carvalho, Augusto Barreto, João de Freitas, Barbosa d'Andrade, Jeronymo Silva e tantos outros, aqui, em Coimbra, que, arrostando perigos, iluminados, como velhos crentes, d'uma religião do Bem, luctaram, combateram, e se sacrificaram pela realização do seu ideal, romantico e poetico, d'uma Republica honesta, intransigente, immaculada.

Os novos são os que, presos por laços de sangue, por tradições de familia, ás prebendas e ás regalias, que a camarilha, pródiga e boa pessoa, faculta aos seus serventuarios, vivem honestos e independentes, nada accedendo da monarchia, dispostos a tudo recusarem da Republica.

Os novos são os que, de cabeça erguida, de peito descoberto, laz, sem transigencias, combatendo todos os monarchicos, todos os lacaios do rei, até quando individualidades proeminentes do partido imploraram momentos de folga, compassos de espera para os inimigos aggreiados sob uma bandeira avermelhada em dias de chuva, dubia e furta-cores, quando das bandas do Palacio, o sol lhes sorria n'uma caricia ou n'uma esperança.

Os novos são estes. Responde por elles o seu passado. Responderia pelo seu presente, pelo seu futuro, o vulto collossal, egregio, insubstituivel, do grande chefe que se chamou José Falcão. Responderia por elles o Mestre, porque é á sua campaa, é á sua memoria, é ás suas palavras, que os novos vão retemperar as suas crenças, vão revigorar as suas forças, vão procurar o objectivo dos seus ideaes, das suas ambições.

Responderia por elles José Falcão, porque, ambicioso como os novos, como os novos *incompleto na sua educação politica*, elle luctou sempre, elle morreu luctando por um partido republicano que fosse honesto, por um partido republicano que fizesse a Revolução.

Um dos primeiros actos do governo progressista, que hade succeder ao João Franco, será o de agradecer com o habito de Cavalleiros de Christo os cooperadores republicanos da Colligação Liberal.

Cartas de Conselho e diplomas de cavallos já elles teem.

Alpoim cita-se e applaude-se no *Janeiro* a propósito das suas jeremiadas no *Correio*.

Desculpa do Baltar: o onanismo é o vicio de todos os jovens...

O sr. Franco Frazão, engenheiro director das obras publicas d'este districto e camartello dos monumentos — foi nomeado socio da sociedade de Geographia.

Parabens ao *Mappa-Mundi*.

Elias Garcia

Passou na quarta br, 21 d'abril, o quinto anniversario da morte de Elias Garcia.

O seu nome, a sua individualidade pertencem, mais ainda e ao partido republicano, á Historia contemporanea da patria portugueza, que elle amou e serviu a seu modo.

E' cedo para que a Historia redusa ás suas verdadeiras proporções a influencia de Elias Garcia na politica portugueza. Ha quem lhe tribua uma grandeza phantastica, ha quem o desprece e odeie apesar da luz que de veria ressumbrar da sua epultura de cinco annos.

Para nós, que queremos a Republica pela Revolução e a Revolução pela Republica, Elias Garcia não merece a nossa sympathia, e horta tenha jus ao nosso respeito.

Politico da velha eschta fontista, a sua obra desabou com a sua vida. Deixou herdeiros, mas que, como os herdeiros do seu pendant-monarchico, só lhe herdaram os defeitos, os vicios, para não dizer os processos criminosos e corruptores.

Não fez falta a não ser por isto. A monarchia deve-lhe penhorantes finanças. A republica deve-lhe apenas algumas victorias eleitoraes, espalhadas o malogro dos heroismos de certos dias.

A não fallar, é claro, no seu enterro, que, como manifestação funebre-democratico-rhetorica, foi de primeirissima ordem.

Passou na quarta feira, 21 d'abril, o quinto anniversario da morte de Elias Garcia.

Paz á sua alma.

Rarboza d'Andrade

De passagem em Coimbra abraçou-nos este velho amigo, uma das mais salientes figuras na vida politica da academia, cuja indescutida sympathia conquistaram, desde muito, as suas altas qualidades de espirito e de caracter.

Fallou-se em que o sr. Ferreira d'Almeida, fargola da politica monarchica, ia tambem liquidar com os seus ex-collegas em volume de sensação.

A apasiguar dissidencias o governo foi enviando o terrivel lobo do mar como seu delegado á India.

O que tudo leva a crer que o livro desapparecerá na voragem d'alguns contos de réis...

Que sucia de gatunos!

O povo vai soffrer um anno de fome.

Para contrapeso a um governo de pouca vergonha.

Novidade litteraria

No numero anterior publicamos um soneto dos *Suspiros & Zagalotes*, composição bisarra do sr. Pedro Augusto da Silva, etc., par do reino em preparação. Hoje publicamos a *Symphonia d'abertura* do mesmo volume, que acaba de entrar no prelo e que está destinado a produzir grande alarido no mundo litterario-cientifico-musical.

Aos nossos leitores recommendamos a notavel peça que hoje inserimos em as columnas do nosso jornal.

Lourenço Marques

Ha muito tempo que na imprensa estrangeira se affirma o facto de o governo de bandidos, que p'r'ahi se propõe consolidar o throno de seu amo e senhor — o bisneto de D. João VI — ter vendido á Inglaterra Lourenço Marques.

Todavia, entre nós, não se levanta o menor protesto nem sombra de investigação por parte do verdadeiro interessado nesta traficança — o povo.

Ninguem ignora, certamente, que a Inglaterra é a fiel aliada dos braganças contra os legitimos interesses do paiz; ninguem desconhece que o actual bragança, rei de Portugal, é sobrinho da rainha Victoria.

E se accrescentarmos que lord Hintz, o canalha do tractado de 20 d'Agosto, é o presidente do conselho de ministros, temos razões de sobra para acreditar que a posse de Lourenço Marques está, pelo menos, em perigo.

O *Commercio de Portugal*, jornal insuspeito diz:

A frota ingleza que estava encarregada de vigiar Lourenço Marques acaba de ser reforçada. Vão entabular-se negociações entre Londres e Lisboa acerca de um direito de passagem das tropas inglezas pelo territorio portuguez durante um certo periodo de tempo. Não se trata de uma cessão mas de uma convenção temporaria que permita aos inglezes atacar com mais segurança os seus numerosos inimigos na Africa central.

Esta noticia é altamente significativa e comprometedora para o governo portuguez.

Que vantagens terão os inglezes em transportar as suas tropas por Lourenço Marques, quando é certo que possuem a linha ferrea do Natal que leva perfeitamente ao mesmo ponto?

Ainda está recente a tomada de Keonga.

Toda a gente se recorda da figura tristemente covarde que os tratantes do governo por essa occasião representaram.

Se neste paiz a dignidade e o patriotismo não fossem safadas figuras de rhetorica, ha muito que os cortezaos do sobrinho da rainha Victoria teriam dado entrada na penitenciaria.

Lourenço Marques está nas garras da Inglaterra e o producto da traição no bolso dos ministros.

Quando se lembrará a nação de acabar com tanta infamia, de obstar a tanto roubo.

A obra nefasta da monarchia ha de completar-se.

A bancarrota e a perda das colonias seguir-se-ha a intervenção estrangeira.

Abra os olhos quem quizer.

Os dois ultimos numeros da *Arte* são consagrados a elogiar Eugenio de Castro. O *reclame* a favor d'este sympathico poeta tem ultimamente sido mais espalhado no estrangeiro do que em Portugal.

Principalmente um prefacio de Vittorio Picca á versão italiana de Welkiss mette nojo.

Este senhor Picca já está em idade para mudar de nome...

A *Vanguarda* — é o unico diario republicano que nos dá a honra da permuta. Agradecemos.

Tenente Coelho

Condemnado a cinco annos de infamissimo degredo pelo crime executando de ser revolucionario e honrado num paiz cujos destinos estão á mercê de um bando de salteadores da bolsa, da liberdade e da honra — voltou de novo á sua patria amada este brioso militar.

Ha cinco annos no Porto estorou uma revolução.

O tenente Coelho foi um dos que, em 31 de janeiro, tentaram emancipar a sua terra da tutela humilhante de uma dynastia, em que os mais honestos representantes são, pelo menos, traidores.

Foram vencidos esses homens. D'essa madrugada resta apenas uma recordação saudosa... e tres revoltados no exilio.

Apesar d'isso ainda ninguem se expoz a arrancar a nação aos miseraveis, que a roubam e aviltam.

Foram vencidos e não consta que algum planeasse sequer a vingança d'aquelle punhado de valentes, que os tribunales de Leixões mancharam na sua altivez, insultaram na sua honra.

E se em 31 de janeiro a monarchia desafiava os odios populares, hoje que o seu descredito tem augmentado e roubado, o unico remedio seria desfazer-la com uma revolução vingadora e justiceira.

Mas para que pensar nisso neste paiz...

Toda a gente conhece a obra da monarchia; está ahí ás escancaras, á luz do sol.

Um paiz fallido e um governo de bandidos. Um povo deshonrado, sem consciencia e sem dinheiro. Tripudia-se ignobilmente na lei. Protegem-se descaradamente todos os malandros fugidos á penitenciarria e inferiores ao *Mineiro*, em talento e limpeza. Escarnece-se miseravelmente da liberdade do povo. Despresa-se vilmente a honra da nação...

E a bandalheira nacional avoluma-se impetuosamente, sem que algum haja que lhe ponha diques.

A revolução em Portugal é uma chimera em cabeças estovadas...

A honra d'esta gente ha muito desappareceu: emigrou para o Brazil, com D. João VI, o mais infame dos pandilhas, o mais torpe dos braganças.

Saudamos o tenente Coelho, convictos de que o degredo de cinco annos lhe avigorou as crenças e retemperou a fé.

No militar, que, nas ruas do Porto, cumpriu o seu dever desembauiando a espada pela *Patria* contra a monarchia, saudamos os revolucionarios de 31 de janeiro.

O valente e modesto revolucionario passou hontem, pelas 3 1/2 da madrugada, na estação de Coimbra, em direcção ao Porto.

Foram alli cumprimenta-lo alguns estudantes republicanos e parte da redacção do *Portugal*.

Os republicanos do paiz tem dirigido saudações a este chefe militar da revolução de janeiro.

De Coimbra foram dirigidos telegrammas de felicitação pela commissão municipal republicana, Re-

sistencia, e grupo academico republicano.

O nosso collega, sr. Ricardo Paes Gomes, enviou tambem ao valente perseguido um telegramma em nome do Portugal.

Publicamos, abaixo, o brinde pronunciado pelo nosso camarada de redacção, Joaquim Madureira, no almoço offerecido em Lisboa ao corajoso revolucionario Manuel Maria Coelho:

Meus senhores: — Os estudantes republicanos de Coimbra com a rude franqueza, com o selvatico desassombro dos que nunca se curvaram e nunca transigiram, que ainda se não poderam afazer á sensata trivialidade de moldar pelos seus interesses, pelas suas conveniencias, pelo seu egoismo, a formula prudente, concituosa e florida das suas convicções e dos seus ideaes, os estudantes republicanos de Coimbra encarregam-me de saudar no tenente Coelho estas duas coisas raras, antiquadas e quasi carunchosas: a honra e a revolução.

A honra, que conduziu do Campo de Santo Ovidio á rua de Santo Antonio, da rua de Santo Antonio aos tribunaes de Leixões, e dos tribunaes de Leixões ao degredo do tenente Coelho, n'uma linha recta inflexivel, de cabeça erguida, sem um desvio, sem uma hesitação.

A revolução, porque elle combateu, porque elle lutou, porque elle soffreu, porque elle, após cinco annos de tortura, está ainda disposto a combater, a lutar e a soffrir.

Mas, meus senhores, exactamente porque o tenente Coelho está ainda disposto a novos combates e a novos sacrificios, estamos nós obrigados a provar-lhe que sabemos, que podemos e que queremos um pouco mais do que almoçar com elle á volta d'um novo degredo, no conforto burguez d'um restaurant da moda.

E para isso, meus senhores, em nome dos estudantes republicanos de Coimbra, eu peço-vos a todos, eu exijo do partido republicano que se prepare, que se una, que se discipline para a batalha decisiva, que purificando em sangue um passado de transigencias e de cobardias, seja a desforra que da monarchia nós temos como homens e como republicanos, de tirar dos cinco annos de degredo do tenente Coelho. Sejamos dignos e mostremos aos monarchicos como pagamos as nossas dividas, como saldamos os nossos compromissos.

Não basta almoçar, não basta fazer brindes para saldarmos contas com o governo do rei, para provar-mos á boa fé do povo que queremos a revolução. Cumpramos os nossos deveres e cumpridos elles, no alto d'uma barricada, juntemo-nos todos outra vez para saudar-mos o tenente Coelho.

Por ora, é cedo. Os nossos brindes são quasi um insulto. Não temos direito de os formularmos, porque temos, durante cinco annos, esquecido por completo a necessidade dos traduzirmos em factos.

E por isso, meus senhores, os estudantes republicanos de Coimbra, associando-se com entusiasmo a todos os actos que tendam a enaltecer o character austero e a stoica abnegação do tenente Coelho, lembram que ao seu coração de portuguez, ao seu espirito lucido e immaculado de martyr republicano, o acto que mais intimamente o encheria de jubilo, que quasi o faria esquecer as torturas do passado, seria a proclamação da republica, d'uma republica honesta, intransigente, revolucionaria.

Os estudantes republicanos de Coimbra lembram isto ao partido republicano portuguez, ao partido republicano de Lisboa, cuja organisação elles reclamam em nome da disciplina, em nome da conveniencia politica, — os dois argumentos com que até aqui se tem respondido a todas as reclamações como que até aqui se tem fugido a todas as responsabilidades.

Meus senhores: Fazemos a revolução, implantemos a republica, demos ao tenente Coelho a desforra, que elle como homem, como republicano tem de tirar da monarchia, que elle como homem, como republicano, tem o direito de exigir que nós tiremos do governo do rei.

Façamos a revolução. E feita ella, saudemos o tenente Coelho. Por enquanto, é cedo. Disse.

CARAPETÕES DEL-REI TRAPAÇA

Sentado á beira do leito, ainda de barrete de dormir e longo camisão de noite o titular do reino lê os jornaes da manhã. Signal do telephone: trrim, trrim, trrim...

— Quem falla? — O Rei.

O ministro, esquecendo a distancia que o separa do monarcha, curca-se em longa rev'rencia.

— Então como vaes? — Mal, meu senhor. Trabalhei até noite alta na reforma eleitoral. Sinto-me cansado. E Vossa Magestade, bem?

— Olha que nem por isso. Fiz noite extraconjugal com a ministra da Beocia, estou que nem me sinto.

— Mas regalou-se... — Lá isso é verdade. Agora vê se te descoses... — Oh! Meu Senhor!

Guedelha desalinhada e lingua saborosa, o ministro da justiça aproveita os ocios matinaes compondo uma ode heroica ao verbasco d'Amarante. Cossando a face rotunda, cogita S. Ex.ª n'uma rima pouco usada, quando o telephone avisa: trrim, trrim, trrim... Ergue-se contrariado.

— Quem falla? — O Rei. — A's ordens de Vossa Magestade.

— Ha alguma novidade? — Nada de notavel, Senhor. Em Dona Amelia, hontem, é que se comentava muito o desastre succedido ao pobre ministro da Beocia.

— Então? — Fugiu-lhe a mulher. — Sim?! E com quem? — Com o secretario da legação. — Não sabia d'isso. Tambem não admira. Hontem fui para Cintra. Estava escuro como breu e aproveitei-me da treva para romper co'as praxes.

Mandei chamar o Pitaita que é batedor de lei e homem de segredo. Fui nas horas d'estalar...

Em frente d'um grande espelho de Veneta o ministro dos estrangeiros rapa com uma folha de Toledo o queixo peludo e tinnado. Poisando os olhos devaneados na propria imagem, evoca suspirante os triumphos alcançados nos ricos salões londrinos.

N'isto o telephone vibra: trrim, trrim, trrim... Com a cara ensuboadada acerca-se do aparelho.

— Quem falla? — O Rei. — God save, meu amo. — Que ha de novo? — Uma paz podre, Senhor. O Seculo é que traz hoje uma noticia que ha de penalisar Vossa Magestade.

O Pitaita, aquelle batedor que era tão amigo de Vossa Magestade, morreu d'apoplexia hontem á tarde.

— Coitado... Adeus. Von concluir uma carta para meu irmão.

— Sua Alteza escreveu? — Recebi hontem um longo telegramma d'elle.

— E continua bem o sr. infante? — Saude de ferro. — Deus lh'a conserve.

Charuto entre os dentes e olhos languidamente poisados na brancura da toalha, o conselheiro da marinha esmoé o almoço, fazendo bolinhas de pão. O telephone dá signal: trrim, trrim, trrim...

— Quem falla? — O Rei. — Como passa Vossa Magestade? — Nem bem, nem mal. Ha coisa de notavel?

— Ha Meu Senhor. E grave. — ?! — Está interrompida a ligação telegraphica co'a India. Ha tres dias que não vêm noticias.

— Ouve lá. Como tem sido apreciada o meu quadro do gremio. — Optimamente. Todos dizem que Vossa Magestade é um grande artista.

— O Casanova tambem diz isso. Esteve cá hontem.

He cyprestal, o ministro da faz. lê passagens de Baulieu paraantar os barrigas. Ouve-se o telec: trrim, trrim, trrim...

— Quem é? — O Rei. — ha de novo? — Tudo vi, Senhor. A influencia de Casap é que se aggravou. Fizeram hontem conferencia. E Vossa Magestade como tem passado?

— Semprjo. Todos os dias jógo as armbom o Martins. Sessões de duatres horas. Elle fica extenuado. Há sempre na mesma.

rcendo a bigodeira, o ministro guerra relê com grande enleu decreto que o guindou á governação. Otelephone soa: trrim, trrim, trrim...

— Quem é? — O Rei. — novel ministro perfila-se em conencia.

— Então que me contas? — Que l de eu contar, Magestade? Ah. Estive esta manhã com o Maris. Disse-me que vaes escrever a bssa Magestade, desculpendo-se p'faltar esta semana. O pobre rap: tem um tumor n'um braço que impossibilita de esgrimir.

— Não z falta. Já 'tava aborrecido de brete. Hontem fiz musica com Hussla.

Sentado á mesa, o ministro das Oras Publicas mastiga com delicia uma queijada de Cintra. O telephone: trrim, trrim, trrim...

— Quem falla? — O Rei. Como vaes? — Muito bem, real Senhor. Não ha nada prá saude como o campo.

— Sahiste de Lisboa? — Vim hontem do Estoril. — E que tal por lá? — Optimamente Senhor. Sombras frescas, mulheres lindas e então optima musica. Está lá o Hussla, com um sexteto.

Os ministros estão reunidos p'ra conselho. Em quanto El-rei não chega palestram sobre o monarcha.

O ministro do reino: — Sabem que Sua Magestade fez hontem noite d'amores co'a ministra da Beocia?

O ministro da justiça: — Não fez tal... A ministra da Beocia fugiu, mas com o secretario. El-rei esteve em Cintra; foi até com o Pitaita.

O ministro dos estrangeiros: — Ora adeus! O Pitaita morreu hontem. El-rei passou a noite em casa, por signal que respondeu por carta a um telegramma do irmão.

O ministro da marinha: — Pode lá ser! A ligação c'oa a India está cortada. Ha tres dias que de lá não vem palavra. El-rei passou a noite á conversar com o Casanova.

O ministro da fazenda: — Essa agora, collega! O Casanova está de cama. Até lhe fizeram conferencia. El-rei fez esgrima com o Martins.

O ministro da guerra: — Com o Martins?! Mas o Martins tem um tomor n'um braço que lhe tolhe os movimentos. El-rei passou a noite fazendo musica com o Hussla.

O ministro das obras publicas: — Qual historia. O Hussla está no Estoril a dirigir um sexteto. El-rei esteve...

Neste momento Sua Magestade entra na sala. Onde esteve hontem, Real Senhor? — Na cama. Tomei uma purga.

D'uma gazeta de Lisboa: «O sr. Ferreira do Amaral que tem vivido no mar tantos annos da sua vida, etc. De tanto viver no mar, até já tem barbatanas...»

É assim

Temos a ancia da Revolta, temos a febre da Justiça; é que nem só punhaladas ferem: tambem das encruzilhadas da lei sahem assaltos á honra.

E não queriam violencias, prefeririam talvez que as nossas penas fustigassem de fugida, cobardes, sem a firmeza d'uma convicção austera, sem as arremettidas audaciosas d'uma energia!

Mas, bom burguez, attende: não é, por ventura violento o chicote que fustiga as faces dos canalhas?

E podes conceber que uma liquidação de infamias se faça com sorrisos, se cubra com caricias?

Não. Caminho, por tanto, desfagado livre sem tropeços e sem desalentos, deverá ser o nosso; temos de atirar á cabeça do monstro, mas firmes, resolutos, alinhados pelo Dever em fila heroica de batalha, sem contemplações, sem transigencias.

89 foi assim: porque tropeçou na Bastilha, erguen o povo a guilhotina. E ainda hoje no horizonte embaciado dos povos opprimidos, 89 é uma estrella de alentos, um sol estonteante de luz.

Queremo-nos, portanto, na esplanada franca dos procedimentos claros e precisos, caminho direito aos miseraveis, sejam bandidos ou sejam ministros; queremo-nos sempre em guerra aberta contra o thrôno, porque é uma albarda infamante sobre a dignidade de um povo.

E agora, que um grande entorpecimento amadornou o antigo e ativo procedimento do povo portuguez, teremos sempre nos labios um grito de guerra, porque temos no coração uma tempestade de justiça.

Pelo povo contra os malandros, até á ultima gotta de sangue, até queimar o ultimo cartuxo.

E hoje, que empunhamos uma penna altiva, seremos tão violentos como no dia em que, subindo ao alto das barricadas, dermos a nossa publica.

O sr. Ferreira do Amaral, na sessão solemne da Sociedade de Geographia que em honra dos expedicionarios se effectuou em São Carlos, abriu d'esta arte o seu discurso:

«Meu Senhor, Minhas senhoras, senhoras e senhores». Lá nos parece algo attentaria da conselheiral moralidade do sr. Ferreira do Amaral, esta publica e escandalosa distincção entre as senhoras d'outrem e as madamas d'elle.

JOSÉ FALCÃO

O nosso prestante correligionario sr. Antonio Vaz Barreiros, de Belmonte, enviou-nos 500 réis destinados á reedição da Cartilha do Povo.

De Vizeu, tambem o nosso correligionario R. R. enviou a quantia de 2\$500 réis, para o mesmo fim.

O sr. Lindorpe Pinto enviou á commissão a quantia de 5\$000 réis, producto de subscrição por elle aberta na Povoia de Varzim.

Opina um jornal do minho: «O ministerio pede vala». Este vicio de trocar o b em v...

Na insania de pôr de lado todas as pretensões da academia, por mais justas e desinteressadas que ellas sejam, o governo acaba de puchar pelos cordellinhos aos seus adurados barrigas, obrigando-os (se os carneiros se obrigam!) a este monumentalissimo disparate:

— Isemplos da lei do recrutamento só os alumnos das missões ultramarinas e das sagradas theologias!... Ou sua magestade a rainha não fosse da nobre casa d'Orleans!...

A PROPOSITO DO FERRÃO

O heroe desta secção lançou aos ventos da publicidade, por intermedio do Conimbricense e relativamente á batotas, uma famosa epistola.

Urgente se torna a declaração, franca e sincera, de que se a notavel carta não viesse inserida nas columnas de tão respeitavel collega, toma-la-iamos á conta de blague.

Conheciamos de perto o valor do sr. Pedro Augusto da Silva Ferrão, não só como poeta, mas tambem como orador fluente. Todavia, como prosador deunos o valente trôlha da politica monarchica, uma prova cabal da sua falta de criterio e ausencia de conhecimentos litterarios e grammaticaes.

Dentro d'aquella caixa craneana existe o vasio perfeito!

O tristissimo documento da imbecibilidade policial, escripto em calão de varredor d'esquadra, com annotações de policia ou de collareja, vale uns reparos ainda que breves.

Não abunda o espaço para tractarmos, á larga, de insignificantes bellogos, que a protecção impudente da canalha governamental mantêm e accerta com grave e manifesto perigo d'ordem publica e da segurança dos cidadãos.

Tomámos, contudo, o compromisso de esmagar perante os ingenuos o feroz commissario que, além da sua caserna, nos aponta a dedo aos seus grosseiros subordinados.

Havemos de mostrar o que valem as affirmações epistolographicas desse dispersador grotesco e os desmandos dos seus gendarmes que parecem moços de estrebria, tresadando a aguardente e vomitando obscenidades.

Julgará o commissario de policia, Pedro Augusto da Silva Ferrão, que nos intimida com as suas ameaças?

Chega a ser infantil nesta persuasão o esbirro alcoolico de faixa azul e chapéu de bicos.

Poderosa estaca da realza encasquetou-se-lhe no bestunço que as arremettidas ferozes, em cavaqueira amena, ao nosso jornal e o facto ridiculo e significativo de nos mandar provocar e vigiar pelos marmellos seus subordinados, seria sufficiente a manter-nos em respeitosa continencia.

E esses brutos inconscientes da gendarmaria patusca arremeçam nos a sua graçola indirecta, com o fino espirito que caracteriza a policia civil indigena.

Querem apanhar-nos — eis o seu ideal.

Ora, o que vimos dizendo é apenas um ligeiro prologo do que hade vir d'outrem.

D'isto ficará convencido o heroe de Condeixa.

E' tempo de entrarmos no assumpto da missiva ferronica — as batotas.

Exame detalhado, emquanto a forma e á materia, do precioso testemunho que ficará para a historia da impetividade e descaro de um policia, não o faremos.

Não haverá ninguém que, leitura após dessa tristissima carta deixe de classificar o illustre bacharel em leis em qualquer dos conhecidos grupos de Lombroso.

Afirmámos que a opinião publica accusa o sr. Ferrão de proteger e receber lucros de um grande syndicato de batoteiros, organizado por malandros e com o fim pratico de explorar os rapazes e encher a bolsa.

Fomos tão generosos que collocámos de quarentena uma affirmação desta natureza, quando o passado do sr. Ferrão a isso não nos auctorisava.

Pois bem, o illustre batedor em lugar de perseguir os batoteiros, demonstrando assim publicamente a falsidade da insinuação, deitou epistola, e mandou vigiar-nos.

Tem graça. E, como o espaço aperta, — vá resumir.

Prá banda a parte litteraria que phantasmagorica; e, transcrevamos p'r'áqui uns periodos:

«E de certo continuaremos assim, quanto v. ou outrem não procederem de outra forma.

Não seria melhor em vez de virem com accusações fazer-se-me um aviso — anonymo — para eu poder levar a effecto uma boa caçada, e com ella a entrega dos batoteiros ao poder judicial?

Continuando-se a espantar a caça diligentemente se conseguirá o que se deseja».

O sublinhado é nosso. Frisemos as palavras e notem-se as ideas.

SUSPIROS & ZAGALOTES



SYMPHONIA DE ABERTURA

Sagrou-me Deus poeta e deu-me o ceu a lyra
Que em meu coração toca e em minha voz suspira!
Lira d'ouro, crivada toda de diamantes,
Eu com ella cantei minhas frageis amantes;
Meu coração que ellas fiseram em bocados
Valente como um troço, então, de dez soldados.
Lyra que alguém julgou ser de Virgilio ou Dante,
E que afinal não era, era d'um estudante.

O bom tempo passou, como hei-de eu agarral-o?
Tem boa mão de rédea e monta um bom cavallo!

Oh meus tempos d'amôr, meus tempos d'estroinice!
Se vós podesseis visitar minha velhice,
(Velhice é um modo de dizer, sou novo ainda)
Minha alma dançaria alegre á vossa vinda.
Mas silencio que o sol vae ter um novo brilho:
Chamou-me ha pouco a Honra o seu amado filho;
Já não pertenco ao Sonho e estou mal co'a Chimera,
Na minha posição ha uma missão austera,
A missão de velar p'la Ordem, p'lo Direito;
Meu braço se erga agora e cale-se o meu peito!
Bate o meu coração? A minha razão pare-o!
Não ha alma na faxa azul d'um commissario!

Poetas, perdoae se ás vezes eu vos prendo,
Crêde que emprego n'isso um esforço estupendo.
Eu fui rapaz e sei que beber lhe é preciso,
Mas beba-se com tino, ai! taxem-se com siso.
Eu tambem bebo e eternamente hei-de beber,
Mas sempre hei-de saber cumprir o meu dever.
Depois a mim ninguem me prende, eu sou quem sou:
Eu tenho um sabre á cinta e uma mão que o honrou.

Não paremos aqui; o assumpto é importante,
Mas fica p'ra tractar depois mais adiante.

Mulheres que eu ameí, eis o meu poema: é vosso
Este livro que eu fiz na minha mocidade,
Quando ainda resava á noite o padre-nosso,
E achava o padre-nosso uma banalidade,
Vida morta, que vale as mais intensas vidas,
Quadra estranha, que abriga o sonho mais ardente,
Em que eu fumava o meu cigarro ás escondidas,
E impanzinava já um litro d'aguardente...

E—o que é o destino!—alguem—lembrança sempre grata!—
No dia em que eu passei em instrução primaria,
Deu-me uma barretina e uma espada de lata.
Minha figura era já então extraordinaria!
Era noite, e, se é certo que o sol não raiava,
(Como o diz um poeta audaz, sem se lembrar
Que pela noite nunca o sol pode raiar)
O meu olhar chispava encandescente lava.
Desci para o quintal. Vinha subindo a lua,
E, envolta em sepulchral silencio toda a rua,
Eu fui-me sob a luz das estrellas primeiras
A dispersar a sombra e a zurzir as rozeiras.

E quantas coisas mais, quanta recordação!
Meus tempos de creança, oh tempos que lá vão!

Poetas Novos, é a hora: em fila e lyra ao hombro
Caminhemos p'ra o Bem com todo o desassombro.
O Anjo do Dever ergue-se ao nosso lado,
E a Virtude p'ra nós os santos braços abre;
Não vos parece o Azul um commissariado,
E um policia a lua, e cada estrella um sabre?
Vamos! É atacar de frente o Vicio e o mal...
Que são poetas senão policias do Ideal?!
Sabei que se aqui estou é que minha alma aneia
Ser um dia tambem commissario da ideia.
E, n'um coração só os nossos corações,
Que nenhum de nós pense hoje em revoluções.
Um tiro de canhão, quando não mate, arrasa;
Porque a revolta é o mal, conduz-nos por maus trilhos...

Boa revolução tem cada um em casa
Com a sua mulher e mais com os seus filhos.

Pedro Augusto da Silva, etc.

Ad petendam pluviam

Fins da tarde.
Para as bandas do Choupal, di-
luem-se em tom laranja as ultimas
cores de poente. E ao alto, na abo-
bada azincada, brilha pestanejante
a luz dos astros primeiros.

Estrada da Beira afóra, grupos
de capas negrejam. Veem-me ao ou-
vido retalhos de palestras: humo-
rismos a femeas, coisas d'aula, me-
chericos.

Poiso o olhar, affectuoso, num
morenito de voz branda, que falla
com nostalgia das moças da sua
aldeia. Digo-lhe adeus. Tão bom rap-
zap!...

Lufadas de ar morno revolteiam-
me a guedelha. Duas creanças pas-
sam, em trajes claros e grandes ra-
mos nas mãos. Um forte perfume
envolve-me. Entrevejo, rapida, a lín-
da scena das pequerruchas, quando
chegadas a casa, numa gralhada
alegrissima, lançarem ao collo da
mãe as rosas que lhe trouxeram.

Chego ao Caes. Bilha á cabeça,
vem do rio uma tricana. A luz cre-
puscular recosta-lhe o busto fino
numa tão suave e harmoniosa cur-
va, que estugo o passo para vel-a.

Entre á calçada. Nas torres da
cidade, dobram os sinos plangentem-
mente.

Nota na rua um movimento ex-
tranho. Ás portas das lojas, na orla
dos trottoirs, fitas de povo distendem-
se. As janellas clareiam-se de luzes.
E dos lados da Sophia um canto
vem rolando, arripiante e lugubre.

Olho em frente. Sinto, fugaz, a
impressão das velhas procissões da
meia-idade. Filas de cirios pontei-
am reticencias pelo espaço. E vozes can-
tantes alternam na ladainha dos
sanctos.

Uma ala de terceiros abre o pre-
stito. Com os seus trages de burel
e os seus cordões d'esperto, desli-
sam agora rente a mim.

Vou-os olhando de um a um. E
logo a suggestão de piedade que
vistos a distancia me infundiram,
se desfaz com este exame.

Trazem na face escanhoadá o
ar de bem jantados. Esse que acaba
de passar, atirou-me até p'ras ventas
um formidável arrotó, entre dois *ora
pro nobis*.

Fixo n'outro a attenção. Estra-
bico e chupado. Em quanto avança,
rebola para o alto o olho magano
e vesgo.

O ceu persiste limpido, sem um
farrapo de nuvem.

E o zanaga então, num frouxo
de riso suffucado, chocarreja p'ró
da frente:

Nem pinga!...
Rompendo a custo pela turba
vou furando, vou seguindo.

Entre dois portaes, attrae-me a
vista um velho typo de camponia.
Tem a pelle toda cortada das nava-
lhadas do vento, cabellos brancos
já, e no olhar claro e doce uma ex-
pressão de fé sincera. Mãos juntas
sobre o peito e labios a tremerem,
exclama compassiva:

Deus os oiça! Deus os oiça!
Retruca do lado um academico:
Isso ouve Elle, tiasinha!... Vozes
de burro...

Fui seguindo. Não ouvi mais.
22—IV—96.

Egipio.

Grande desastre?
(Ultima hora)

O comboio de Lisboa que devia
chegar á estação de Coimbra pelas tres
e meia da madrugada descarrilou pro-
ximo a Chão de Maças, constando que
ha numero consideravel de victimas a
lamentar.

Ha hora que o nosso jornal entra
na machina, 11 da manhã, não se co-
nhecem pormenores da catastrophe.

ADVOGADO

Frederico Guilherme Nunes de Carvalho

RUA DA SOPHIA, N.º 56

Deu entrada no manicómio do Con-
de Ferreira, o rev.^{mo} Moysés Nóra,
grande orador jesuita, de Cadima.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

O Berro — Caricaturas de Celso
Hermínio e chronica de João Chagas:
—nomes que, por si sós, affirmam uma
privilegiada organização de artista e um
audacioso temperamento de revoltado.

Tanto basta para saudal-os.
Paginas d'ouro, as que o lapis do
Celso illumina e a palavra ativa de
João Chagas incendeia, que ellas con-
tinuem a sua obra demolidora de justiça.
E que o paiz as comprehenda.

Jornal de Viagens — Eis o sum-
mario do ultimo numero recebido:

TEXTO — Descobertas portuguezas: A
India. — As grandes aventuras: Sem-Cinco-
Reis. — O Libano. — Os portuguezes na Aby-
ssinia. — O estrangeirismo geographico. — He-
roes portuguezes: O Capitão Couceiro. — His-
toria da Geographia: Lisboa. — Pelo mundo
vegetal: Plantas carnivoras. — Assumptos co-
loniaes: As abelhas. — O desfile da cavalla-
ria abezim perante o imperador Menelik. — O
Amazonas. — Dramas no mar: O navio myste-
rioso. — Revista colonial: A questão de Lunda,
A ilha da Lapa, Guiné. — Pelo mundo: So-
ciedade de Geographia, A Alemanha em
Africa, Execução d'um inglez, a Africa em
guerra, Pequenas noticias.

GRAVURAS — Descium do alto dos moun-
tes e precipitavam-se para a planicie. — Uma
princeza de Libano. Capitão Couceiro. — O
desfile da cavallaria abezim perante o im-
perador Menelik.

Preço da assignatura: trimestre 750
reis, provincias 800, pagamento adean-
tado.

Toda a correspondencia deve ser
dirigida a Deolindo de Castro, rua das
Taypas n.º 29, ou á Typographia Occi-
dental, rua da Fabrica, Porto.

Gedeón — Periodico de caricatu-
ras publicado em Madrid, marca-o o
cunho pesado do grosseiro lapis hespa-
nhol.

Desentranha se em fanfarronadas
contra os Estados Unidos, nada mais.

A Liberdade e a Imprensa —
Do incansavel trabalhador e erudito
professor Pereira Caldas recebemos um
pequeno folheto com o titulo acima.

Contem duas poesias, d'um bello
sabor classico, em que o velho demo-
crata nos dá com os seus 80 annos,
um activo exemplo de creença inquebran-
tavel e de austeridade sem mancha.

Felizmente restabelecido da gra-
ve enfermidade que acabo de soffrer
e a que estive a ponto de succum-
bir, venho tornar bem publico o meu
maior reconhecimento ao distincto
clinico, ex.^{mo} sr. dr. Carlos d'Oliveira
a quem, conscienciosamente, con-
fesso dever a vida.

Tratou-me s. ex.^a em substitui-
ção do sr. dr. Augusto Rocha
que, não obstante ter reco-
nhcido e confessado que era melin-
drosissimo o meu estado, me aban-
donava, deixando-me sem visita
nem medicamentos durante dias
sucessivos, sem maiores cuidados
ou escrupulos porque se agravasse
o mal que podia victimar-me,
nem ao menos em attenção a que
a minha morte importava a mise-
ria d'uma viuva e de seis creanças
menores, de quem sou o unico esteio.

Generosa e santa alma, a do meu
salvador, ex.^{mo} sr. dr. Carlos d'Oli-
veira, tão sollicito, tão empenhado
em arrancar-me a uma morte quasi
certa, tão acertado no seu diagnos-
tico e applicado receituario, que ao
fim de poucos dias renascia-me a
esperança de viver, quando é certo
que emquanto tratado pelo sr. dr.
Augusto Rocha, até que
começou de abandonar-me, não ex-
perimentei o mais simples allivio.

Que o céu, pois, recompense esse
generoso cavalheiro pelo inequali-
vel beneficio que fez a meus queridos
filhos e esposa, salvando-me, e que
s. ex.^a veja nas lagrimas de reco-
nhcimento vertidas por esses entes
que são toda a minha alegria, todo
o meu orgulho, o attestado mais
completo da nossa inolvidavel e
sentida gratidão, que aqui vimos
tributar-lhe. Aos meus amigos que
foram incansaveis em visitar-me e
em dispensar-me valiosos obsequios
e tanto se interessam pelo meu res-
tabelecimento, me confesso extre-
mamente reconhecido.

Muito grato a todos, do intimo
d'alma lhes agradeço tantas provas
de sympathia e sincera estima.
Coimbra, abril de 1896.

João dos Santos.

Do primeiro periodo deduz-se que
no momento ditoso para os batoteiros,
em que a imprensa largue o assumpto
—o sr. Ferrão deixará de perseguir
e farejar.

Teremos então jogatina com liber-
dade e franqueza.

Do resto, conclue se que o sr. Fer-
rão tem a sua policia tão bem instrui-
da que preciso se tornam os avisos do
publico — mesmo anonymos, — para a
boa caçada.

Pela nossa parte não mais tornare-
mos a apontar casas de jogo. A poli-
cia pertence a honrosa missão de as
descobrir.

Que o aspero commissario pense
menos em dispersões, e mais no rigo-
roso cumprimento dos seus deveres de
sentinella vigilante da ordem e da mo-
ralidade.

Não se usa impunemente um cha-
peu de bicos e um bastão de commando.

E então por consideração á esfar-
rapada lingua de Camões — não deite
mais epistolas.

Não se mostre feroz: apunhalando
cadaveres.

Perseguição á
VANGUARDA

No tribunal da relação aca-
bam integros juizes d'este paiz de
confirmar a sentença com que no
tribunal do 1.º districto foi ha dias
condemnado este nosso collega:

Seis mezes de prisão, 300
mil réis de multa, custas e suspen-
são do jornal por trinta dias.

Assim se pretende amordaçar
a imprensa livre.

Deste modo se galardoam os
jornalistas, honrados e indepen-
tes, num paiz que tem por ma-
gistrado supremo um bisneto de
D. João VI, um sobrinho da rai-
nha Victoria.

Cadeia, multa e suspen-
são — mordaca suprema das consci-
encias, que se não vendem a
um governo pelintra.

E o paiz hade continuar nesta
derrota de immoralidade, se não
nos resolvermos a atirar de can-
galhas este systema venal, de traf-
icantes e ladrões.

Os grandes criminosos deste
paiz são elevados aos cargos mais
eminentes da politica; á sombra
da monarchia floresce a tramoia
e medra o roubo.

O paiz explorado, a liberdade
insultada por miseros esbirros da
policia — a quadrilha do Fervilha
de posse da situação...

E continuará assim se da em-
bocadura das ruas, pelo cano das
espingardas, não se fizer ouvir a
voz da dignidade nacional.

A Vanguarda foi condemnada,
mas os seus redactores saberão
certamente desprezar a condem-
nação, continuando a vergastar
as infamias da monarchia.

E' necessario que a imprensa
republicana affronte as leis e es-
carre sobre os pygmeus do go-
verno, mostrando ao povo o ver-
dadeiro caminho — resistencia, a
revolução.

Não é com palavras que ma-
landros, sem vergonha e sem de-
coro, cáem — é a tiro.

D'aqui a nada, ahi temos a caminho
de Portugal os 9:000 contos de reis do
novo emprestimo.

Porisso, noticiava hontem um jornal
monarchico:

«Extraordinaria a concorrência na
Avenida. Muito para registar o luxo
inenarravel com que se apresentaram
algumas das individualidades mais pro-
minentes da nossa politica.»

Explicação d'um saragoçano: re-
messa de luvras novas. E o chalet de
Luso com mais um andar...

ANNUNCIOS

Eduardo Vieira
 ADVOGADO E TABELLIÃO
 Rua da Sophia, 53
 COIMBRA

LIVRARIA MODERNA
 Augusto d'Oliveira
 L. do Principe D. Carlos, 19 a 25
 COIMBRA

Grande sortimento de livros de educação e ensino primario e secundario.
 Satisfazem-se no minimo praso possivel todas as encomendas dos livros que não haja em deposito.
 Correspondencia com todos os centros litterarios estrangeiros.
 Assignaturas para todos os jornaes e revistas ao preço de 240 réis o franco.
 Resposta a toda a correspondencia na volta do correio.
 Fornecem se catalogos de livros de todas as especialidades a quem os requisite.
 EM PUBLICAÇÃO
 REVISTA BIBLIOGRAPHICA, catalogo mensal annunciando tudo o que de novo appareça no mundo litterario.
 Distribuição gratis a todas as pessoas que nos honrarem com as suas compras.

DEPOSITO DE BANDEIRAS

E DE
 Todos os artigos para ornamentações de festejos

SERIO VEIGA
 COIMBRA
 66 - RUA DA SOPHIA - 63

N'este deposito, o primeiro no seu genero n'esta cidade, encontra-se para alugar um variado sortimento de bandeiras de diferentes tamanhos e gostos, assim como: arcos, columnas, pedestaes, postes, estatuas em tamanho natural, vasos escudetes, escudos, floeiras, lanternas de vidro branco e de outras cores, balões venezianos, balões á crivas, balões de movimento, etc.

Minerva Central
 18 - RUA DA SOPHIA - 20
 COIMBRA

Proprietario
Joaquim Bento Ladeira

Esta casa, montada com uma excellente colleção de typos e vinhetas Italianas e Allemãs, das mais modernas, acha-se habilitada a satisfazer com a maxima perfeição e rapidez, quaesquer trabalhos typographicos, sejam de que natureza fór, taes como:

MEMORANDUNS
 PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO, ETC., ETC.
 ESPECIALIDADE em Rotulos de Pharmacia
 Bilhetes de visita a 450 réis o cento, francos de porte

COPIOGRAPHOS

para reproducções de manuscritos, circulares, avisos, preços correntes, sebetas, etc., etc.
 Garante-se 50 copias.

SERIO VEIGA - Sophia - COIMBRA

BALÕES AEROSTATOS



Fabricam-se de diferentes gostos, com lindas e variadissimas cores, para fazer subir em arraias, medindo de 0m,90 até 6m,0, regulando os seus preços de 40 a 600 réis.

SERIO VEIGA - Sophia - COIMBRA

A Philatelia Portugueza

Mattos & C.^a

47, Rua Nova da Piedade, 47 - LISBOA

Grande variedade de sellos, albuns, etc., para colleções a preços resumidos.
 Pacote «Garret», 50 sellos estrangeiros, todos diferentes 100 réis
 Pacote «Bon-Marché», 100 sellos estrangeiros, todos diferentes 350 »
 Pacote «Lisboa», 150 sellos estrangeiros, todos diferentes 750 »
 Pacote «Ideal», 200 sellos estrangeiros, todos diferentes 15100 »
 Pacote «Cosmos», 300 sellos estrangeiros, todos diferentes 15500 »
 Magnifico sortido de sellos de Portugal e colonias em pacotes de 10, 20, 60, 70 e 125 variedades para 120, 200, 900, 15100 e 25250 réis, muito uteis aos colleccionadores troquistas.
 Compram-se, pelos mais altos preços, sellos de Portugal, colonias e Brazil.
 N. B. - Para as provincias accresce sempre o registo e porte, que são 25 réis por cada 100 sellos e 50 réis de registo.

BIBLIOTHECA INTERNACIONAL

Colleção de obras primas de toda a litteratura, antiga e moderna

Acaba de apparecer o 3.º volume: CARTAS AMOROSAS d'uma religiosa portugueza, traducção de Filinto Elycio. - 1.º vol. - João de Deus - Poesias. 2.º vol. - Fialho d'Almeida - Madona do campo santo.
 Preço de cada volume cuidadosamente impresso em bom papel com o retrato do auctor - 100 réis.
 Successivamente serão publicados volumes de: Dr. Theophilo Braga, Gabriele d'Annunzio, Emile Zola, Eça de Queiroz, Balzac, etc., etc.
 Para assignar basta enviar o nome e morada a

LIVRARIA MODERNA - Coimbra.

A cobrança será feita pelo correio, por series de 5 volumes.



FABRICA DE CARIMBOS DE BORRACHA

Tem officina montada com machina e material pelo systema mais moderno, para fabricação de CARIMBOS DE BORRACHA para carimbar papel ou marcar roupa, fac-similes, sinetes, etc., onde se fazem com a maior perfeição, brevidade e commodidade em preços.

Remettem-se catalogos illustrados a quem os requisitar, francos de porte. Pedidos a SERIO VEIGA - Sophia - Coimbra.

PANNOS, CASIMIRAS, LUVAS, CAMISAS E GRAVATAS

Joaquim Pessoa

140, Rua de Ferreira Borges (antiga Calçada), 142

Coimbra

ESPECIALIDADE EM ARTIGOS DE PHANTASIA SÓ PARA HOMENS

Director da Alfaiateria: Alfaiate de Lisboa

Fatos feitos por medida, desde 5\$000 réis.

Responsabilidade, economia e execução dos figurinos

N'esta casa:

VELOCIPEDES HUMBER E LIMITED.
 SEGUROS contra fogo: Companhia ALLIANCE.
 PIANNOS a prestações mensaes. - Companhia PROPAGADORA.
 CAMISAS em branco peito de linho, desde 500 a 1\$800 réis; oxford, flanela em cor, de 800 a 2\$500 réis.
 NOVIDADE - Camisas com peitilho bordado, de 3\$600 a 5\$000.
 LUVAS nacionaes e estrangeiras, de 500 a 1\$800 réis, em pellica, pelle de cabrito, vitella, INGLEZAS DO D'ENTS, camurça e couro da Russia.
 FABRICA DE GRAVATAS em algodão, lã, seda e Tokin, grande sortido, desde 120 a 2\$500 réis. Para revender, grandes descontos.
 AGENCIA de seguros contra incendios: Companhia BONANÇA.



BALÕES Á CRIVAS

Balões-pandeiretas, relógios, sinos, vasos, balões de movimento, chinez, tulipas, globos, etc. O que ha de mais surprehendente em illuminação, produzindo um effeito deslumbrante pela sua variedade de feitiços e clareza de luz.

SERIO VEIGA - Sophia - COIMBRA

ESTABELEECIMENTO

DE
 FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE
 João Gomes Moreira

50, Rua de Ferreira Borges, 52

(Em frente do Arco d'Almédina)

COIMBRA

N'este estabelecimento ha sempre grande sortido de ferragens para construcções d'obras, que se vendem por preços eguaes aos de Lisboa e Porto, e tambem grande sortimento de todos os artigos proprios d'estes estabelecimentos, que se vendem por preços limitadissimos.

Especialidade em cutelaria Rodgers.
 Revolvers, espingardas, carabinas e artigos de caça.
 Deposito de cimento inglez e do Cabo Mondégo, gesso, cre, alvaiades e todas as tintas e mais artigos para pintores.
 Folha de Flandres, zinco, chumbo em folha e em barra, arames de todas as qualidades, madeira para crivos e peneiras, pannos de seda e cabelo para as mesmas, etc., etc.

Pharmacia do Castello

Premiada em varias exposições
 FUNDADA EM 1859



N'este estabelecimento, permanentemente dirigido por pessoa habilitada, encontra o publico o mais completo sortido de productos chimicos e pharmaceuticos, instrumentos cirurgicos, artigos de penso, algalias, mamadeiras, seringas de todos os systemas e applicações, meias elasticas, irrigadores de Esmarch, Eguisier, etc., etc., stetoscopios, pulverisadores, forceps, aguas mineraes nacionaes e estrangeiras, etc.

Tomam-se quaesquer encomendas de França ou Allemanha mediante pequena commissão.

Aviam-se formulas homeopathicas.

CAMILLO & COSTA

Largo do Castello - COIMBRA

Grande Livraria

Portugueza e Estrangeira

DE

MANUEL DE ALMEIDA CABRAL

163, Rua da Calçada, 165 - COIMBRA

Livros em todos os idiomas.
 Expedições rapidas.

Contra a anemia, debilidade, rachitismo, etc.

Vinho de glycero-phosphato de cal, de Alberto Veiga, pharmaceutico

Este producto é um reconstituinte geral do systema osseo e um accelerator poderoso da nutrição. Combate eficazmente a anemia e restaura a força dos velhos. E' um anti-neurasthenico por excellencia, -altamente proveitoso nas convalescências. Toma-se á hora das comidas, na dose de dois ou tres calices por dia. Garrafa, 1\$000 réis. Á venda nas principaes pharmacias e nos depositos seguintes: Lisboa: pharmacia Alberto Veiga, rua dos Retrozeiros, 40 e 42; e Leão, Rocio, 115. Porto: dr. Moreno, largo de S. Domingos; Coimbra: RODRIGUES DA SILVA & C.^a, rua Ferreira Borges.
 Como garantia, exija-se nos rotulos a assignatura de Alberto Veiga.

PORTUGAL

Orgão dos estudantes republicanos

Redação e administração

RUA DE SÁ DE MIRANDA, 36

COIMBRA

ASSIGNATURAS

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Trimestre 150 réis
 Semestre 300 »
 Anno 600 »

Publicações e annuncios

(PREÇOS)

1.ª pagina, por linha 400 réis
 2.ª » » » 200 »
 3.ª » » » 60 »
 4.ª » » » 20 »

Os senhores assignantes tem abatimento de 50 %.

Publicam-se, gratis, todas as communicações de interesse geral, que nos sejam fornecidas.

Communicados de interesse particular e annuncios permanentes, contracto especial.

Não se restituem os autographos, sejam ou não publicados.

EDITOR - J. M. S. Nazareth

Typ. e Lit. Minerva Central - Rua da Sophia - COIMBRA

PORTUGAL



ORGÃO DOS ESTUDANTES REPUBLICANOS

NUMERO AVULSO, 10 RÉIS

1.º anno

Coimbra, 5 de maio de 1896

Numero 4

OS VELHOS.

Não queremos abrir caminho por entre elles.

Para onde os velhos forem, levados pelo seu exemplo, guiados pelo seu conselho, os novos seguirão sempre, audaciosos e disciplinados, unidos deante dos perigos, sem uma reclamação, sem um protesto.

D'elles, só exigimos os logares mais difficeis, os reductos mais avançados, mais expostos aos pelouros do inimigo, ás granadas da monarchia.

E mais nada. Porque nada querendo do rei, nada queremos, tão pouco, dos republicanos.

Mas ha velhos e velhos, assim como ha novos e novos.

Queremos a selecção porque devemos ao paiz uma garantia de honestidade, porque, tendo o culto da propria consciencia, nos repugna a camaradagem, nos enoja a solidariedade com quem, em vez d'uma consciencia, tem um estomago, com quem mercadeja ideias por lentilhas, troca passados e convicções por chorumes do orçamento ou por figuras de rhetorica.

Vimos de longe já. Tivemos no passado um chefe, um só, mas tão grande, tão immaculado, tão glorioso, que não poderíamos, sem escarrar na sua memoria, sem renegar das suas lições, sem desertar da sua bandeira, não poderíamos lançar-nos ás aventuras estouvadas, irreflectidas, d'uma companhia com manchas, d'uma cumplicidade com patifes.

O nosso general chamou-se José Falcão. Para respondermos á tremenda responsabilidade d'este inicio, os nossos cabos de guerra tem a obrigação de trazer em seu nome a aureola da austeridade, tem de trazer no seu passado o prestigio da intransigencia, do desassombro, da energia.

Da geração que nos precedeu, na lucta aberta, rude e aguerrida, entre os ventrudos serventuarios dos braganças e os interesses legitimos do povo, entre a infamia do rei e a dignidade da Nação, d'essa geração gloriosa, talvez mais honesta, mais intelligente, talvez, do que a nossa, restam ainda, como reliquias inestimaveis, preciosissimas, postas de banda, arredados da brecha, quasi esquecidos, por intrigas, por mesquinhasias, muitos cerebros e muitos braços, muitas convicções e muitas forças.

Serão os nossos guias, serão amanhã os nossos chefes, se, apontando-nos o caminho da Revolução, confiarem á nossa honra as suas aspirações e as suas esperanças.

Aprendemos-lhes, ha muito, os nomes; guardamos, ha muito, no coração, a memoria das suas virtudes; sabemos, ha muito, onde iremos buscal-os no momento do supremo perigo, no momento decisivo da acção.

Iremos buscal-os, trazel-os-hemos á nossa frente, empunhando a bandeira immaculada que a morte arrancou das mãos de José Falcão, que a monarchia não conseguirá arrancar dos nossos peitos, que ninguém, nada, poderá sonegar ao nosso amor, á nossa admiração.

E novos e velhos, todos unidos pelo mesmo ideal, ligados todos por um passado sem maculas, n'uma

comunhão intima de abnegações e de honestidade, sem egoismos, sem vaidades, sem invejas e sem odios, tão grandes seremos uns como outros, porque, generaes e soldados, todos venceremos luctando ou morreremos com honra.

Não queremos abrir caminho por entre elles.

Não queremos ir mais longe do que aquelles que forem até á Revolução, até ao triumpho ou até á derrota, se a victoria fór honrada, se não fór vergonhoso o desbarato.

Os que não quizerem, os que não poderem ou não souberem ir tão longe, que fiquem para traz amezendados no ripanso das secretarias do estado, nas alfurjas sombrias em que se tramam pactos com o inimigo, onde se discutem machiavelismos de rhetorica e de prudencia, onde se aggridem, á facada, pelas costas, os que trabalham pela Republica, os que se sacrificam pela revolução.

Que fiquem para traz esses. Não fazem falta, ninguém os pranteia, mas tambem ninguém os combate.

Não são tantas as nossas forças que as possamos desperdiçar atirando bolas de strychnina aos podengos vadios da Republica, quando ganhada, insaciavel e nojenta, d'uma matilha de lobos realengos a desafiar as nossas balas, a reclamar as nossas montarias.

Não os combatemos; não abrimos caminho por entre elles.

Mas que se deixem estar onde estão, que se não mecham, que não se desloquem para virem atravancar o caminho que, levando-nos ao campo da honra, os poderia conduzir, por um fracasso do destino, por uma pirraça da justiça, aos ganchos d'um candieiro, ao Calvario da Expição.

Que se não mecham, que não fallem. Quietos, caladinhos, cada mocho no seu soito, podem, mais facilmente, esquecer, podem, mais airoosamente, evolucionar para as mangedouras do rei, se, em caso de derrota, ainda houver um rei de braços abertos para todos os mariolas, se ainda houver mangedoras para todos os salafriarios, para todos os bandidos.

Não queremos mais nada. Nada mais podem querer os velhos que estão comnosco e que, deixando-nos a responsabilidade plena das nossas opiniões, só exigem, só podem exigir a nossa sinceridade, a nossa energia, o nosso entusiasmo e o nosso sangue, para a lucta suprema, para o combate sangrento de que ha de sair um povo livre, de que tem de sair uma Republica honrada, revolucionaria e intransigente.

N'estes termos, não ha novos nem velhos, não ha chefes nem soldados; ha republicanos e especuladores, ha revolucionarios e bandalhos.

E nós, os que elles chamam novos, não temos que hesitar, não hesitamos um momento: quem teve o vulto colossal, immaculado e purissimo de José Falcão por chefe não pode aregimentar-se ao lado de bandalhos, não pode abrir caminho por entre especuladores.

Perfilamos, unidos, disciplinados, á frente dos republicanos, na vanguarda dos revolucionarios,

D'esse posto não arredamos pé. N'elle, esperaremos a victoria ou n'alle daremos á vida pela Revolução.

Obriga-nos a isso o santo e a senha que José Falcão nos legou. Quem a aceitar que venha para o nosso lado.

Escusa de cartas d'apresentação. Basta um attestado de bom comportamento... embora sem a rubrica do directorio.

O medio e roliço representante da monarchia portugueza, quando em noites luarentas dá o seu passeio pela cidade de granito, faz acompanhar a sua carruagem por aguerridas patrulhas da municipal.

Valente, como D. João VI!

Retalhos historicos

Que não vá só de darmos expansão ás nossas coleras reprimidas, cedendo ás impaciencias de temperamentos revolucionarios impulsionados pela necessidade d'uma lucta sem treguas com tudo o que para ahi está, n'uma bandalheira unica, a aviltar, perante a Historia e perante o testemunho dos demais povos, um povo inteiro—esta nova lectiva—a da nossa sociedade.

Busquemos tambem na Historia paginas que nos sejam exemplo, exemplo que nos arme o braço e courece o peito para o esforço que a Patria de nós exige, para a lucta que a Liberdade nos impõe.

E, porque somos estudantes, não se nos torne preciso consultar outras que não sejam as da historia da nossa academia, sempre de braço ás armas feito, quer em defeza da Patria, quer na conquista da Liberdade.

E, porque este jornal é, por emquanto, o unico reducto em que estudantes d'hoje dirigem o seu primeiro attaque á monarchia, será para elle que iremos trazendo, deixando-os aqui, pedaços d'essa historia, como se fossem outra tanta metralha com que iremos esburcando o throno d'um bragança.

Por hoje, basta-nos lembrar que, quando o cacete do sr. D. Miguel era a unica garantia das liberdades e direitos d'um povo, na vanguarda dos que se disporam a libertar este paiz d'aquella tutela infamante estiveram sempre estudantes de Coimbra.

Ninguém, por certo, desconhece a historia do batalhão academico nas luctas civis.

Pois bem. Que do peito d'estudantes parta agora tambem o grito de revolta contra uma monarchia, que, depois de nos ter arruinado, nos avilta e nos degrada á mais humilhante das condições.

Que estudantes formem hoje tambem as primeiras fileiras do exercito da Republica. Com isso cumprimos um dever, quando não seja por outra razão, ao menos para manter as tradições.

A rainha poz ao peito d'el-rei, seu esposo, a medalha d'ouro do Gremio artistico.

O Casanova riu-se e o povo, contente, fez os seus calculos: quando elle ganha medalhas n'uma exposição d'arte, que raio não ganharia n'um concurso de pecuaria?

Que os cevados andam na espinha,

A NOSSA REPUBLICA

Por toda a parte se respira o halito ardentissimo d'uma aspiração de revolta—não para a substituição esteril de formulas, mas para a convulsão proficua das coisas.

O movimento é profundo; os principios generosos dos declamadores romanticos perderam toda a abstracção ao concretisarem-se nas affirmativas poderosas dos economicistas-socialistas.

Por isso, a revolução que se avizinha, não será o tumultuoso esbravejar de desorientados, mas o caminhar seguro de quem quer convulsionar até ao amago uma sociedade inteira, para ahi estabelecer poderosos alicerces d'um estado novo.

Se é certo que os movimentos moraes precedem sempre as grandes transformações economicas, verdade é tambem que uma mudança politica jamais se poderá radicar sem que haja encontrado no modo de ser economico uma forma sua, que lhe corresponda, e que deve simultaneamente satisfazer á evolução politica e á natural ambição de melhoria social.

Um só século de critica bastou a disciplinar a Liberdade economica, deu em tuma analyse a centralisação de todas as forças vivas nas mãos da oligarchia capitalista. Ora a moral social, que não é o simples reflexo da moral politica, mas o resultado d'uma intima comunhão da moral politica e economica, exige hoje mais largas resoluções.

E' esta a aspiração de todos os revolucionarios que não querem a Republica do Magalhães Lima, nem o progressismo de Gomes da Silva. E não os querem, porque a revolução, para ser duradoura, hade ser o resultado de muito estudo e de muita analyse, conscienciosa deducção de toda a nossa historia politica e economica, e não uma copia, mais ou menos caricatural, dos bons dias de 20.

Na nossa Republica cabem todas as ambições de justiça e todas as aspirações de direito; e é por isso que, em torno da sua bandeira, se haode reunir todos os novos que pensam e os poucos velhos que ainda luctam; todos os que, acima de qualquer interesse egoista, veem o futuro patrio e todas as grandes forças productoras que ora fazem guerra indisciplinada de guerrilhas dispersas.

Mais de cem mil homens formam a grande classe proletaria do Porto e Lisboa; e este grande e dedicado exercito, que lucta pelo mesmo direito que a nós sorri, que quer o que nós queremos, tem andado afastado, por culpa dos ineptos que quasi sempre têm dirigido o partido republicano.

Isto, porque se não pode comprehender que a democracia seja orientada pelo "Seculo" e o partido dirigido pelos empregados de confiança do sr. João Franco.

Tem sido norma trilhada por quasi todos os Gomes da Silva o procurar exclusivamente conquistar as classes conservadoras, que, por interesse proprio, só aspiram a uma eternisação do presente, á permanencia das epochas—que são o tempo, e o tempo passa.

A Republica, que de modo algum se deve confundir com as aspirações

do Dia, tem um largo programma a realizar immediatamente, programma que não é o do Seculo, mas que é o de todos que aspiram a um futuro em que a sociedade, libertos os opprimidos, será em politica, economia e moral—Liberdade, Igualdade e Justiça.

A questão social não é para os republicanos equação sem resolução positiva; é dos primeiros problemas a abordar, e que irá, scientificamente, desenvolvendo-se conforme o interesse colectivo o fór exigindo.

No proximo dia da revolução o partido republicano não hade, por contemporisação de resultado sempre negativo, deixar de realizar todas as reformas de que depende, não só o nosso bem estar social, mas, o que é mais ainda, a unica garantia que pode ter um povo de sustentar a sua autonomia—saber cooperar proficuaemente na evolução humana.

A grande diversidade de impostos substituida por um unico e progressivo; a monopolisação dos bancos pelo estado, a regulamentação das sociedades financeiras, a regulamentaçao do trabalho das mulheres e menores nas fabricas, fiscalisação de todos os trabalhos industriaes, responsabilidades dos patrones nas clamações de justiça, serao de principio resolvidas.

Os covardes que se aterrorisam e que tentam suste a marcha da revolta, com perigos de phantasia, leem pelo Dia e pelo Seculo.

A insurreição, quando chegar, hade ser revolução; e, com ella, estaremos todos nós.

Porto. H. C.

Festas—o grande estadista mavortico de bigode e pera—promulgou a pena de morte para os crimes de rebellião.

O ministerio applaudiu e o bisneto de D. João VI sancionou.

Sahiú o Festas e entrou Sarmento sob a condição de ser riscada tão infamissima pena.

O ministerio concorda e o sobrinho da rainha Victoria sanciona.

Coherentes—os malandros!

Navarro—um ladrão—defende as espadas.

Mariano—um navarro—agarrase aos ouros.

José Gatuno—um mariano—tem predilecção, á batota, pelas copas.

O povo—um asno—para completar o baralho, ainda não apellou para os paus.

Prefere os candieiros.

O Raphael d'Andrade para o Gomes da Costa:

—Aquelle é o tal Constancio Gomes da Costa.

Em seguida reouou.

Chama-se a isto metter os cães á moita...

Ahi, valiente!

Prorogados por mais uns dias os espectaculos parlamentares.

Havia muitas patifarias e o tempo apertava.

D'ahi a prorogação: uma algalia de roubalheiras.

1.º DE MAIO

Assustou-se, tremen, encomendou-se ao Deus dos Exercitos, e reforçou a guarda pretoriana dos seus cofres a burguezia dinheirosa e cobarde que na Europa, velha e desdentada, na America, recém-desmamada e egoista, opprime pela força bruta do metal e dos canhões os famintos, os esfarrapados, os sem um naco e os sem camisa que nas minas, nas officinas, nas gehenas do trabalho, ruminam, soffrendo, rebelliões de vingança, carnagens de reivindicção.

Mas assustou-se só. Não periclitou, d'esta feita, a minoria dos bens jantados que no regalarío pantagruelico de bestas feras, refociladas e tyrannicas, suga, como um vampiro enorme, a liberdade e o sangue dos escravos brancos d'uma civilisação de canalhas.

Foi como um laxante, como uma capsula de ricinio no estomago relaxado dos que nunca tiveram fome.

Ao outro dia estavam na mesma, sem vergonha e sem emenda.

E os outros, os miseraveis, os martyres obscuros dos calvarios capitalistas tambem não estavam melhor: estropiados de longas caminhadas civicas com pendões e archotes, cheios os ouvidos de má rhetorica e de eloquencia avariada, torrados pelas soalheiras dos comícios, gastos os pulmões pelos vivas romanticos e ingenhos á panacea das 8 horas, os pobres não avancaram um palmo no caminho das suas aspirações, da sua justiça e da sua emancipação.

Enganaram-se mais uma vez na therapeutica empregada: não se endireita, não arrija já, mercê de purgantes, o organismo podre que está a pedir causticos.

Reclamações pacificas, ordeiras, com o beneplacito da policia e o applauso dos especuladores *liberaes* não bastam a quem tem o direito e tem a obrigação de fazer mensagens de polvora, de sellar com sangue do inimigo os requerimentos

Tudo o mais são tolices ou pelo menos inutilidades, porque não colhe o argumento de ser da velha tatica guerreira o passar revista ás tropas, o distrahi-las com o tilintar das espadas numa parada offuscante, antes d'uma batalha, antes do combate.

Para quê?
Para computar o numero dos combatentes, a pericia dos generaes?

Não terá generaes a campanha tremenda, heroica, da legião dos trabalhadores contra a crapula infecta dos bandidos que a subjungam.

Não ha mister computar-lhes o numero. São todos os que tem fome, são todos os que trabalham, todos os que soffrem; são os que choram na sombra um martyrio de desanove seculos, os que tramam na escuridão a desforra d'esse martyrio, os que, ingenhos e resignados, luctam por uma Patria que os explora, se sacrificam por os que uma Lei que os opprime, os que amanhã se deixarão chacinar pelos inimigos d'um Estado que os rouba.

Assustou-se, só, a burguezia. E só a mais estúpida, a mais renitente á extravagancia asiatica d'um racionio.

A outra, a que de longe em longe tem um pensamento, a que por entre calculos cambiaes e operações da bolsa se permite o regabofe d'uma ideia, essa refestelada em veludos macios, na beatitude feliz d'uma boa digestão, riu, riu muito do palanfrorio, das flores, dos carros triumphaes e dos cortejos da canalha.

Gargalhadeou, divertiu-se, e, muito socegada, muito tranquilla, como se nada fosse com ella, como se chiasse um carro, foi á noite para a pandega, para o deboche, a prostituir, n'uma luxuria de satyros, as carnes novas, perfumadas e purissimas das filhas da Plebe, que grita mas não mata, que desfolha flores em vez de queimar cartuxos.

Mas foi d'arromba a manifestação operaria d'este anno; numerosa,

pacifica, sem rixas com a tropa, sem desmandos de linguagem.

Pareceu o 1.º de maio do Magalhães de Lima com menos asneiras e com mais figurantes: uma especie de procissão dos Passos sem opas roxas e com a Santa Cobardia n'um andar.

Porque quem tem fome não grita: revolta-se; quem tem direito a ser livre, quem tem direito a viver, não dá espectaculos aos seus oppressores, não diverte com protestos palavrosos os seus assassinos: defende-se, combate-os, esmaga-os, sem dó, sem piedade, sem demasias mas sem tibiesas.

Não ruio ainda no 1.º de maio de 96 o castello rouqueiro da Burguezia.

Enão será tambem, no 1.º de maio de 97 que elle cairá nas mãos do exercito sitiante dos que tem fome, dos que tem rasão.

Não será n'um 1.º de maio, pois a Revolução Social não é uma patascada, á moda de festa d'egreja, que d'antemão se possa marcar no calendario.

Mas ha de ser um dia: Tarde? Cedo? Hoje? Amanhã?

Ninguém o sabe. Quem jantou bem nem mesmo pode calcular...

Degladiam-se; por ora, dois monstros: a fome e a prudencia.

A prudencia apella para as flores...

A fome apella para as balas...

A Burguezia que trema, mas escusa de pôr a pelle no seguro porque contra a Justiça da Humanidade opprimida não ha seguro que valha.

O conselheiro concorda: — A monarchia está moribunda. — Serio? Mas o Dantas Guimarães ainda ignora a hora do enterro.

Voz da Patria

Com a titula sua nos serve d'publicação um semanario democratico. O artigo d'apresentação termina assim:

«Vimos de blusa e não trazemos luvas; mas a nossa consciencia está limpa, podem apertar-nos a mão».

Toque.

Para representar o ministerio de bandidos no governo civil de Coimbra citam-se muitos nomes...

Tão expressivos que até parecem alcunhas.

Organisação republicana

Os nossos correligionarios de Ouirique reuniram-se a fim de eleger a sua commissão municipal, que ficou composta pelos cidadãos seguintes:

Effectivos: — José Pedro Dias, *pharmacutico*; Joaquim Antonio Nobre, *vereador e quarenta maior contribuinte*; Bazilio Rosa Loures, *artista*; Joaquim Coelho Amaral, *proprietario*; Ignacio Affonso Nobre, *quarenta maior contribuinte*; José Francisco Martins, *proprietario*.

Substitutos: — Antonio Sabino, *negociante*; José Felisberto, *proprietario*; Manuel Francisco, *proprietario*; Jacintho Lousão, *quarenta maior contribuinte*; José Nobre Franco, *quarenta maior contribuinte*; José Alexandre Simões, *proprietario*; e Francisco Manuel Ayres, *proprietario*.

Que tão desinteressados democraticas não desanimem na lucta contra a monarchia.

E' o nosso voto.

Ad petendam monarchiam

A monarchia vae tambem fazer preces implorando de todos os Sanctos e Sanctas da corte do ceu, a graça de lhe prolongar por mais algum tempo a sua preciosa existencia.

De grande pontifical irá o Sergio, acolytado pelo Navarro e Marianno.

Podem pedir com a devoção de quem se vê perdido que não serão satisfeitos. Deus não anda feito com mandros nem as suas vozes chegam até lá.

Os socialistas de Lisboa

Na capital o partido socialista, na piugada do operariado de todo o mundo festejou, cordato e comedido, sem violencias e com muita rhetorica, o 1.º de maio.

Foram em romagem ao tumulo de José Fontana, cubriram-no de flores e depois, n'um comicio concorridissimo votaram esta moção:

«O povo operario, lastimando que os poderes publicos não tenham attendido, por completo, as reclamações que até agora lhe têm sido feitas, reclama de novo e reclamará sempre, que a legislação portugueza, com relação á classe trabalhadora, se equipare pelo menos, á existente nos outros paizes industriaes.

Quer que termine a burla das leis não cumpridas; o *optima* des regulamentos que inutilizam o effeito presumido das leis; toda a artimanha, emfim, com que se tem pretendido estorvar o progresso e o bem estar do povo operario; e ainda mais uma vez reclama:

Estabelecimento, por lei, do dia normal de 8 horas de trabalho; — suffragio universal; — inteira liberdade de imprensa, de reunião e de associação; — que os operarios do estado não estejam sujeitos ao regimen militar; — completa abolição da pena de morte; — fiscalisação das leis que se refiram aos operarios, por delegados eleitos pelas associações de classe; — responsabilidade dos patrões pelos accidentes fabricis; — remodelação dos impostos, sendo abolidos todos os direitos de consumo; — immediata approvação dos estatutos de classe, depositados conforme a lei; — n'uma palavra, que sejam, emfim, attendidas as reclamações formuladas pelo povo trabalhador.

Não pedem muito nem pouco. Pedem simplesmente aquillo a que tem direito, aquillo que ninguém poderá obstar que consigam, quando, livres de velhos preconceitos romanticos, sem palavriado e com energia acompanharem as suas recopetas, com a violencia da dynamite.

E, então, como hoje, nós, saudando os opprimidos, acompanhados-hemos, com a nossa força, na conquista da Liberdade e da Igualdade, sem peias, sem restricções.

Rosna-se na Arcada que d'esta feita sempre sahe Antonio d'Azavedo, o Kagedo da Justiça...

Os taberneiros do paiz protestam por intermedio do Pedro Ferrão, commissario illustre e egregio sustentaculo das instituições e da pinga.

O paiz tem fome. ... Mas não tem vergonha.

Parece que o Rei recua: já não nomeia pares o Navarro, o Mariano, nem o Zé Gatuno.

Sua magestade, prefere ouvir o coro dos 3 ratas da *Gran Via* em sua casa e vae nomeal-os para o Conselho de Estado.

E ficam melhor, porque na Camara dos pares protestava o Mendonça Cortez de indignado.

Navarro, pudibundo, indigna-se pelo Alfredo Gallis assignar obscenidades com o pseudonymo de Rabellais.

Mas esquece que um bandido já assignou as Lamas do Tejo com o pseudonymo de Emygdio Navarro.

Fez setenta annos a Carta Constitucional.

Uma pequenina mudança na conhecida phrase de rhetorica. Agora diz-se: setenta annos de constitucionalismo, etc.

Os progressista não foram ao Paço. Nem podiam ir. São vassallos fieis mas não tem o dom da ubiqüidade...

E o rei tinha-os mandado a... Baixo de Braga.

Hoje como hontem

A mocidade que em 32 n'um bracejar de liberdade enverga a fardeta e abandona as escholhas, que, nas ruas do Porto, em cada barricada deixa impressa com a generosidade do seu sangue a grandeza das suas convicções; que com o paiz, em 52, despedaça a gargaheira despotica que vinha amortalhando as liberdades publicas sob o mando desvairado e louco dos Cabraes; que em 60, de Coimbra, sauda entusiasticamente os seus irmãos pela unificação da Italia; a mocidade que é sempre a mesma no ideal que lhe irradia a fronte, que é sempre a mesma na lucta que lhe avigora a crença; a mocidade que pensa, que sente, que ama a liberdade da sua patria, — é a que hoje aqui está, d'olhos em chamma e de die no peito, para no primeiro momento vencer ou morrer sob o lampear da revolta, que a ha de levar ao triumpho ou arrastal-a á derrota.

A mocidade d'hoje é a mocidade d'hontem que entre o estilhaçar da granada e o trespassar das baionetas não desanima, nem trepidal!

E' por isso que n'uma convicção intima, dictada pelo mais vivo sentimento, nós sabemos que amanhã, quando a vontade livre da nação até agora esmagada e comprimida pelo medo der o primeiro rebate contra a oppressão e terror que lá do alto tem vindo estrangulando a tudo e a todos, — ella ha de cumprir a sua gloriosissima missão que lhe compete em todos os tempos e em todos os logares, rasgando em pedaços esta atmosfera de miseria e ignorancia que, corroe e transforma as energias n'uma sociedade automata aonde falta a luz e onde não ha pão!...

Ao grito d'hoje ha de seguir-se o combate d'amanhã!

E n'essa hora de tremendissima vingança em que a historia ha de ir registrando a liquidação d'um sistema de rotinas e de rotinas e de rotinas, — n'essa hora austera e grave, limpida e serena, unica no tempo, a mocidade d'hoje será como a d'hontem... tambem generosa!...

José Falcão

Recebemos do sr. dr. Eduardo Vieira, para a subscripção da reedição da «Cartilha do Povo», a quantia de mil réis que lhe foi enviada pelo medico da armada P. R.

Diz o Sergio, afflicto, bebado, pela estagem nos vinhédos: «O bago para se formar precisa de agua aliás enfesa-se, secca e pouco sumo pôde produzir.

Exactamente o contrario do Sergio que até para ser burro precisa de vinho.

Diz o *Commercio da Guarda*:

«E' fora de duvida que o governo trata de preparar as malas»

Está-se a ver o despeito d'este antigo servico de João Franco por não o incumbirem de transportar mala nenhuma.

Por um fio a preciosissima vida do *Rey niño*.

Não vale felicitar a Hespanha que a medicina ainda não desesperou... E tem sete folegos o real petiz.

O dr. Mirabeau publicou um livro que o Augusto Rocha elogia na *Coimbra Medica*.

Pobre dr. Mirabeau, coitado, que n'aquella idade era digno de melhor sorte.

Elogios do Rocha... oh nojo!

Ultimo telegramma de Havana:

Um soldado, tendo-se-lhe acabado as munições, matou á dentada 7 insurrectos. Vae ser condecorado.

JÁ É TEMPO

Eu não venho agora clamar, do alto d'esta tribuna de irrequietos, a uma nação cataleptizada e combalida, que se revolte e esmague os que a espesinham. Palavras inuteis. Ingenuidade talvez.

A indolencia de meridionaes, sob este claro sol da Peninsula a remirar-se nas bahias azues do Mar, anesthesia as almas n'um morbido indifferentismo, paralyzando as energias sãs e o esforço da vontade, de molde a preparar o paiz para receber sem rebuço o cesarismo despotico e chinez d'uma oligarchia de bandoleiros. Incapaz, por imbecilizada e imbuída d'um scepticismo pessimista e sarcastico, de se interessar pelas questões que mais affectam a sua vitalidade organica e a propria autonomia civica e soberana, esta boa gente portugueza vae atamancando sovivamente a vida no espolinheiro pantanoso das conveniencias estupidas, por uma rotina retrograda e immoral, sollicitando apenas da gamella orçamental alguns restos de ração para cevar em paz a sua glotoneria depravada. Excelente povo, que teve heroes sem par, recebe de continuo, com uma inoffensiva passividade, todas as vergastadas affrontosas que d'alto lhe vibra, n'um riso alvar e pedante, uma camarilha ignobil, que tripudia sem vergonha nem remorso n'esta bacchanal finalisante de Baixo-Imperio.

Chamem-n'o á barra a defender os seus direitos e a sua honra, e elle resmungará covardemente uma recusa dissimulada. Preparem-lhe, porém, festarolas de espavento, com bandeiras a trapejar nos mastros e o bom *rascante* a gorgolejar das torneiras das pipas em pleno arraial, e já tudo accorre ao festim, n'um estonteamento enervante e cego que esconde aos olhos o resvalado da voragem. E' como uma tripulação que se embriaga, ao presentir o naufragio, em vez de procurar salvar a embarcação prestes a soboar no pelago hiante.

Para que gritar, pois, a este bom povo, tão soffredor e tão pandego, que ali se demora em contemplanções os sem dilhas e refinados tartufos que se arvoraram em timoneiros da nau desmantelada da patria?

Por isso eu não venho clamar-lhe que se revolte. Da sua consciencia offendida, da dignidade nacional affrontada, é que deve partir este grito formidavel, anciado e tempestuoso, infligindo, de escopeta nas mãos e anathema nos labios, o castigo aos malandros, n'uma desforra vingadora e depurante...

A' penna do jornalista compete apenas fazer o balanço geral das responsabilidades a liquidar, e apontar á opinião e ao braço das multidoes o caminho a seguir na desaffronta dos seus direitos e brios agravados e na conquista d'um ideal melhor a concretisar em novas formas sociaes, na desintegração e integração successiva da evolução historica, que não opera sem revoluções a sua linha ascensional, como não se concebe uma escada sem degraus para preparar.

E para em poucas palavras definir a situação, eu não encontro mais frisantes expressões do que as que se lêem n'um livro de estudo e critica ultimamente publicado, *A Crise*, do sr. Silva Cordeiro. Lá diz: «O facto positivo, incontestavel e definitivo é este — a *revolução moral está feita*. E o actual ministerio, pondo o rei em foco, e procurando apoio nos sabres d'um exercito pretoriano e no conservadorismo do alto capital, teve o merito de pôr a questão nos precisos termos em que ella forçosamente ha de ser travada, mais tarde ou mais cedo: — Nós, El-Rei e nosso válido João Franco, governámos e governaremos enquanto tivermos por nós o *sabre* e o *capital*: se vós podeis partir-nos estas duas armas na mão, desalojae-nos: senão... é engulir e calar! — Tal é a situação, nua e clara, como ahi está definida, como todos a sentem, embora o não digam por medo á vergasta do *corregedor*».

A' nação, que é o exercito e o povo, cumpre dizer da sua justiça

SUSPIROS & ZAGALOTES

ANCEIOS



Que não serei eu que a chame á revolta, mas a voz da sua dignidade affrontada pela lei e pelo corregedor. Se a consciencia nacional não é morta, ella se fará ouvir pelo cano das espingardas, sobre as barricadas e ás esquinas das ruas. De resto, basta de palavras que já não acham echo, onde devem sibilar balas e estoír granadas. Já é tempo; e a nação ha muito que deve saber já qual o seu dever perante um systema politico de bandidos e corruptos. As revoluções não se annunciam: fazem-se.

G. CEREJEIRA.

Ainda sobre estiagem diz o Sergio: Para a fructificação da novidade que ha de vir não receberam um pingo. Boa novidade te havemos de dar um dia e mais á quadriha, malandro.

Sua alteza, o Condestavel Bigodeiro, Viso-Rei da India e da Rua Larga de S. Roque, continua a heroicisar-se em terras do Oriente.

Se ainda não derrotou o inimigo, pelo menos, ja pode cantar victoria sobre duzentos bayaderos... de doze vintens.

O sangue de D. João V á custa do povo de Nun'alvares.

A proposito d'um illustre bandido allemão prega moral o bandido portuguez Mariano de Carvalho...

Não é remorso de Catão, é o osso do mesmo officio.

A's mãos piedosas d'um seu subdito, entregou a alma ao Deus dos Persas, Sua Magestade indiana o Sehah Nasser-ed-Dui.

Das mãos piedosas dos seus vasallos Sua Magestade Fidelissima só tem recebido mensagens respeitadas, respeitossimas petições...

Que isto aqui é um paiz civilizado... não mata reis nem paga dividas.

RELOGIO

Está um depositado na redacção do nosso jornal. Será entregue a quem provar pertencer-lhe.

A caminho de Cabo Verde, suicidou-se, n'um mergulho, Sua Magestade negra o soba de Libolla.

Sua Magestade negra suicidou-se por vergonha de estar prisioneiro de Sua magestade branca o soba portugalense, que até á data, encavallado no seu charuto, ainda se não suicidou por desgosto de ser lacaio da rainha Victoria.

D'onde se prova que a vergonha fugiu para a Nigricia e que de testas coroadas só as escarumbas são susceptiveis de córar!

PORTUGAL

Órgão dos estudantes republicanos

Redacção e administração

RUA DE SÁ DE MIRANDA, 36

COIMBRA

ASSIGNATURAS

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Trimestre 150 réis
Semestre 300 »
Anno 600 »

Publicam-se gratis annuncios de livros de que se receba um exemplar.

×

Foram-nos devolvidos alguns exemplares do 2.º numero do nosso semanario.

Prevenimos, os cavalheiros devolventes, de que consideramos assignantes todos os que nos não enviaram o 1.º numero.

Com o presente numero começará a cobrança.

×

São agentes do nosso jornal:
EM VIZEU: A. Solitario.
EM LISBOA: Vieira da Cruz
—Galeria Monaco.
NO PORTO: Arnaldo Soares,
praça de D. Pedro.

Eu:

Senhora, por piedade, attenda, escute
A voz do meu amor extranho e cavo.
Que sacrificio exige que execute?
Ordene — e cumprirei como um escravo.

Mande p'r'ahi quanto lhe venha á pinha,
Verá que lhe obedeço como um cão.

Quer que vá pelas ruas a vender sardinha?
Ou quer que vá roubar?—Eu faço-me ladrão.

Uma palavra d'esses labios finos
E serei pertinaz, serei casmurro.
Por si —iria á caça aos gambosinos
Por si — apanharia pés de burro.

Um beijo apenas d'essa bocca mésta,
Um signal só d'essa cabeça d'oiro.
Se quer que dê pinotes — serei besta.
Se quer que dê marradas — serei toiro.

Para provar-lhe o amor extraordinario,
Este abrasante amor que me assolapa,
Demittia-me até de commissario,
Far-me-hia rei, imperador ou papa.

Ordene, e a honra e a minh'alma dou-as
...Nem sei porque?.. por uma pel' de rata

Ella, interrompendo-me:

Eu gosto immenso que me cantem loas.
Venha cantar-me logo uma ser'nata.

Á luz do luar cheia d'uneção
A minha voz tremente de carieas
Cantou-lhe então esta canção
(Faziam córo dezesseis policias)

Olhae o luar tão bonito,
Senhora vinde á janella.
Nunca vi pelo infinito
Tantos astros, tanta estrella...
Olhae o luar tão bonito
Senhora vinde á janella.

Vinde ouvir um namorado,
Senhora vinde á varanda;
Meu bandolim encantado
Aos astros vae dar siranda.
Vinde ouvir um namorado,
Senhora vinde á varanda.

Seu busto de graceis linhas
Eis que ao mirante se assoma.

Os policias:
Ora toma Mariquinhas
Mariquinhas, ora toma...

Não ha affeição mais meiga
Que a minha meiga affeição

Os policias:
Torradinhas com manteiga
Por cima café, limão...

Astros calae meus acordes,
Escondei-vos na amplidão!

Os policias:
Dispersem todos.. São ordes...
Ou vão já p'ró cagarrão.

Retiro dos pacatos

10—Março—93

Pedro Augusto da Silva, etc.

João Franco está peor das nevralias. Uma desgraça para o paiz porque quanto mais doente mais patife.
Que Deus o melhore ou o diabo que o carregue. Amen.

Carta do Porto

Meus amigos

Vocês não me conhecem, e eu por minha vez recorde-me dos vossos nomes, quando ahí estive nos meus tempos de caloiro, mas de um modo vago e confuso que em nada me consegue esclarecer. Isso porem não obsta: commungando nos mesmos ideaes, escravos da mesma ideia, dirijo-me a vocês pedindo d'esse Portugal um pequeno espaço, com a sinceridade de um irmão, com a franqueza de um igual que confia e crê. E vão d'aqui estas linhas incommodar-vos, nem vocês sabem porque titulo? É que acabo de ler, que passou no Solar, o tal projecto de lei do recrutamento militar em que não só são altamente offendidos e melindrados os nossos direitos, como ainda se menosprezam as facultades que frequentamos, os cursos em que estamos matriculados, privando-nos d'isempções que a outros permitem, ignoro com que titulo, não sei com que direito, criterio ou razão.

Refiro-me, é claro, e vocês já o sabem, aquella emenda feita ao tal projecto e que isempta os cursos theologicos, os collegios das missões e quejan dos, do correame e mais apetrechos da ordem.

Já não quero entrar por agora, se voçes quiserem ficará para outra vez, no que diga respeito ás inconveniencias, aos transtornos, á serie enorme de obstaculos que nos apresenta obrigando-nos, a meio do curso, a largar os livros para pegar na espingarda, a deixar as nossas aulas, os theatros anatomicos, para fazermos guardas de honra a procições, ou quem sabe se de amas seccas e creados graves dos nossos futuros officiaes, referir-me-hei tão somente, a esta escandalosa differenciação que se pretende abrir, considerando os theologos acima de todos os outros, fazendo d'elles uma classe unica, privilegiada.

Mas com que direito, repito?
Se a missão do padre, o bom padre, é evangelica em extremo, a missão do medico, junto da cabeceira do doente, no foco de uma epidemia, a missão d'esse homem que arrisca a sua vida desde o 1.º anno de anatomia, até ao ultimo da sua vida, exposto a um córte, a uma infecção, não é com certeza menos sympathica, não é com certeza menos benemerita.

Que nos dêem espingardas, queremos manejal as para mais tarde reivindicarmos os nossos direitos e fazermos justiça; queremos possuil-as para que um dia fazendo uso d'ellas, o povo saiba que por traz das nossas estroinices de rapazes se escondem caracteres de velhos, que não temem a morte, que despresam a vida; instruem-nos na arte militar, mas não nos tolham os cursos scientificos, protegendo os theologicos, que isso equivale a negar ao paiz a illustração, o verdadeiro conhecimento das cousas; isso equivale a negar tudo que é positivo, tudo que é verdadeiro, arrastando-o n'uma torrente falsa de mysticismo, envolvendo-o nos veus impenetraveis da treva, esmagando-o sob uma educação em que predominam theorias doutrinarias, falsos raciocinios!
Dêem-nos espingardas, queremos manejal-as, mas simultaneamente não nos fechem as portas dos estabelecimentos scientificos, abrindo-nos as dos seminarios e coios jesuiticos pois que, para ignorancia são de sobra esses que por ahí existem já.

Um alumno da Escola Medica do Porto.

Dialogo:
— Vocês nem para os seus são bons.
— Podera! Somos honestos até para os correligionarios (?).

ADVOGADO
Frederico Guilherme Nunes de Carvalho
RUA DA SOPHIA, N.º 56

Degladiam-se um assignante do Povo da Figueira e um assignante da Gazeta, a proposito do Festas, marchal d'echru, que Deus haja.
O do Povo chama-lhe ridiculo e espaventoso. O da Gazeta, protesta indignado.

Festas, grato ao seu deffensor, vae pedir para elle um posto d'accessor.
...Porque no posto do assignante Festas não pode montal-o.

Um coronel só monta cavallos, não monta burros.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Gedeón— Visitou-nos o n.º 24 d'este semanario humoristico. Traz córes herrantes a mais e traços mordentes a menos. A parte litteraria, boa.

Instituto—No volume correspondente ao mez de março salienta-se, entre varios artigos interessantes, um bello estudo do sr. A. de Vasconcellos sobre o Aeminium (Coimbra).

Memorandum das commissões instaladoras das assoclações: Commercial de Lisboa, Industrial Portugueza e Commercial dos lojistas, sobre o projecto dos novos impostos.

Justificando a publicação d'este notavel documento dizem os seus signatarios:

«Na dura posição em que estamos de não nos podermos dirigir aos poderes publicos pela voz das nossas assoclações por elles menospresadas, a ponto de lhes addiarem indefinidamente a constituição juridica, tendo de soffrer ao mesmo tempo o descalbro dos actos do governo recorrem a este meio para que o paiz lhe faça justiça.

Cartas da Religiosa Portugueza—Está posto á venda o numero 3 da Bibliotheca Internacional que é dirigida pelo sr. Eugenio de Castro e editada pelo sr. Augusto d'Oliveira.

O presente numero contem a versão das cartas de Soror Marianna por Francisco Manuel do Nascimento (Filinto Elysio).

La Revue Blanche—N.º 69— Abre com um estudo de Tolstoi, em que o celebre escriptor russo procura remover as abjecções de diversos publicistas ás doutrinas desenvolvidas no seu Patriotismo e Christianismo. Seguem-se artigos de Lemonier, Barraud, Leclerq, Laforgue, etc.

Muito notavel, como documento mística, a traducção feita por Bursecher á Vida de Ruysbroek. Digna de signalar tambem a Cansão da Eternidade de Camillo Lemonier.

A Critica—Recebemos o numero 17 d'esta revista theatral. Abre com um esplendido retrato do actor José Ricardo. Entre diversos estudos d'um criticismo sereno, destaca o artigo titulado: Bajuladores.

Bofetadas—por Alexandre d'Albuquerque (Xandre).
Prosa descabellada e franca de quem não deve nem teme.
Gostámos.

O Berro—Talento e desassombro, É quanto basta dizer.

Jornal de Viagens—Eis o sumario das materias contidas no 5.º numero:

TEXTO—Contos e lendas do Univerão: O propheta de Kunsia.—Lendas das vegetaes: A giesteira.—As grandes aventuras: Sem-Cinco-Reis.—Descoberta do Brazil (?): João Ramalho (O Bucharel).—O Amazonas.—A Palestina.—A cidade de Christovam Colombo.—No coração da Africa: No paiz dos elephantes.—Revista colonial: Africa, India.—Pelo mundo: A cidade de S. Paulo, A ilha de Yeso, Influencia do clima dos paizes quentes sobre a saude, Influencia das redes telephonicas sobre a electricidade atmospherica, Reconstrucção de uma casa gigantesca em Chicago, Pequenas noticias.

GRAVURAS—Os dentes do serrote haviam já rasgado a carne do ventre ao desditoso. Sem-Cinco-Reis, com o ar d'um homem que tem pressa esperava as explicações dos dois importunos.—Uma vista do Amazonas. Monte Thabor, Rua Carlos Losseps na cidade Christovam Colombo.

Preço da assignatura: trimestre 750 reis, provincias 800, pagamento adeantado.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Deolindo de Castro, rua das Tappas n.º 29, ou á Typographia Occidental, rua da Fabrica, Porto.

ANNUNCIOS

Eduardo Vieira

ADVOGADO E TABELLIÃO

Rua da Sophia, 53
COIMBRA

LIVRARIA MODERNA

Augusto d'Oliveira

L. do Principe D. Carlos, 19 a 25
COIMBRA

Grande sortimento de livros de educação e ensino primario e secundario.

Satisfazem-se no minimo prazo possivel todas as encomendas dos livros que não haja em deposito.

Correspondencia com todos os centros litterarios estrangeiros.

Assignaturas para todos os jornaes e revistas ao preço de 240 réis o franco.

Resposta a toda a correspondencia na volta do correio.

Fornecem-se catalogos de livros de todas as especialidades a quem os requisite.

EM PUBLICAÇÃO

REVISTA BIBLIOGRAPHICA, catalogo mensal annunciando tudo o que de novo appareça no mundo litterario.

Distribuição gratis a todas as pessoas que nos honrarem com as suas compras.

COPIOGRAPHOS

para reproducções de manuscritos, circulares, avisos, preços correntes, sebtas, etc., etc.
Garante-se 50 copias.

SERIO VEIGA - Sophia - COIMBRA

BALÕES AEROSTATOS



Fabricam-se de diferentes gostos, com lindas e variadissimas côres, para fazer subir em arraias, medindo de 0^m.90 até 6^m.0, regulando os seus preços de 40 a 600 réis.

SERIO VEIGA - Sophia - COIMBRA

A Philatelia Portugueza

Mattos & C.^a

47, Rua Nova da Piedade, 47 - LISBOA

Grande variedade de sellos, albuns, etc., para collecções a preços resumidos.

- Pacote «Garret», 50 sellos estrangeiros, todos diferentes 100 réis
- Pacote «Bon-Marché», 100 sellos estrangeiros, todos diferentes 350 »
- Pacote «Lisboa», 150 sellos estrangeiros, todos diferentes 750 »
- Pacote «Ideal», 200 sellos estrangeiros, todos diferentes 15100 »
- Pacote «Cosmos», 300 sellos estrangeiros, todos diferentes 18500 »

Magnifico sortido de sellos de Portugal e colonias em pacotes de 10, 20, 60, 70 e 125 variedades para 120, 200, 900, 18100 e 28250 réis, muito uteis aos colleccionadores troquistas.

Compram-se, pelos mais altos preços, sellos de Portugal, colonias e Brazil.

N. B.—Para as provincias accresce sempre o registo e porte, que são 25 réis por cada 100 sellos e 50 réis de registo.

BIBLIOTHECA INTERNACIONAL

Collecção de obras primas de todas as litteraturas, antigas e modernas

Acaba de apparecer o 3.^o volume: CARTAS AMOROSAS d'uma religiosa portugueza, traducção de Filinto Elysió. — 1.^o vol. — João de Deus — Poesias. 2.^o vol. — Fialho d'Almeida — Madona do campo santo.

Preço de cada volume cuidadosamente impresso em bom papel com o retrato do auctor—100 réis.

Successivamente serão publicados volumes de: Dr. Theophilo Braga, Gabriele d'Annunzio, Emile Zola, Eça de Queiroz, Balzac, etc., etc.

Para assignar basta enviar o nome e morada a

LIVRARIA MODERNA—Coimbra.

A cobrança será feita pelo correio, por series de 5 volumes.



FABRICA DE CARIMBOS DE BORRACHA

Tem officina montada com machina e material pelo systema mais moderno, para fabricação de CARIMBOS DE BORRACHA para carimbar papel ou marcar roupa, fac-similes, sinetes, etc., onde se fazem com a maior perfeição, brevidade e commodidade em preços.

Remettem-se catalogos illustrados a quem os requisitar, francos de porte. Pedidos a SERIO VEIGA—Sophia—Coimbra.

PANNOS, CASIMIRAS, LUVAS, CAMISAS E GRAVATAS

Joaquim Pessoa

140, Rua de Ferreira Borges (antiga Calçada), 142

Coimbra

ESPECIALIDADE EM ARTIGOS DE PHANTASIA SÓ PARA HOMENS

Director da Alfaiateria: Alfaiate de Lisboa

Fatos feitos por medida, desde 5\$000 réis.

Responsabilidade, economia e execução dos figurinos

N'esta casa:

- VELOCIPEDES HUMBER E LIMITED.**
- SEGUROS** contra fogo: Companhia ALLIANCE.
- PIANNOS** a prestações mensaes.—Companhia PROPAGADORA.
- CAMISAS** em branco peito de linho, desde 500 a 1\$800 réis; oxford, flanela em côr, de 800 a 2\$500 réis.
- NOVIDADE**—Camisas com peitilho bordado, de 3\$600 a 5\$000.
- LUVAS** nacionaes e estrangeiras, de 500 a 1\$800 réis, em pellica, pelle de cabrito, vitella, INGLEZAS DO D'ENTS, camurça e couro da Russia.
- FABRICA DE GRAVATAS** em algodão, lã, seda e Tokin, grande sortido, desde 120 a 2\$500 réis. Para revender, grandes descontos.
- AGENCIA** de seguros contra incendios: Companhia BONANÇA.



BALÕES Á CRIVAS

Balões-pandeiretas, relógios, sinos, vasos, balões de movimento, chinez, tulipas, globos, etc. O que ha de mais surprehendente em illuminação, produzindo um effeito deslumbrante pela sua variedade de feitiços e clareza de luz.

SERIO VEIGA—Sophia—COIMBRA

ESTABELECIMENTO

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

João Gomes Moreira

50, Rua de Ferreira Borges, 52

(Em frente do Arco d'Almedina)

COIMBRA

N'este estabelecimento ha sempre grande sortido de ferragens para construcções d'obras, que se vendem por preços eguaes aos de Lisboa e Porto, e tambem grande sortimento de todos os artigos proprios d'estes estabelecimentos, que se vendem por preços limitadissimos.

Especialidade em cutelaria Rodgers.

Rewolvers, espingardas, carabinas e artigos de caça.

Deposito de cimento inglez e do Cabo Mondego, gesso, cre, alvaiades e todas as tintas e mais artigos para pintores.

Folha de Flandres, zinco, chumbo em folha e em barra, arames de todas as qualidades, madeira para crivos e peneiras, pannos de seda e cabelo para as mesmas, etc., etc.

DEPOSITO DE BANDEIRAS

E DE

Todos os artigos para ornamentações de festejos

SERIO VEIGA

COIMBRA

66—RUA DA SOPHIA—68

N'este deposito, o primeiro no seu genero n'esta cidade, encontra-se para alugar um variado sortimento de bandeiras de diferentes tamanhos e gostos, assim como: arcos, columnas, pedestaes, postes, estatuas em tamanho natural, vasos escudetes, escudos, floreas, lanternas de vidro branco e de outras côres, balões venezianos, balões á crivas, balões de movimento, etc.

Minerva Central

18—RUA DA SOPHIA—20

COIMBRA

Proprietario

Joaquim Bento Ladeira

Esta casa, montada com uma excellente collecção de tipos e vinhetas Italianas e Allemãs, das mais modernas, acha-se habilitada a satisfazer com a maxima perfeição e rapidez, quaesquer trabalhos typographicos, sejam de que natureza fór, taes como:

FACTURAS

MEMORANDUNS

PAPEL E ENVELOPPES TIMBRADOS

PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO, ETC., ETC.

Especialidade em Rotulos de Pharmacia

Bilhetes de visita a 450 réis o cento, francos de porte

Pharmacia do Castello

Premiada em varias exposições

FUNDADA EM 1839



N'este estabelecimento, permanentemente dirigido por pessoa habilitada, encontra o publico o mais completo sortido de productos chimicos e pharmaceuticos, instrumentos cirurgicos, artigos de penso, algalias, mamadeiras, seringas de todos os systemas e applicações, meias elasticas, irrigadores de Esmarch, Eguisier, etc., etc., stetoscopios, pulverisadores, forceps, aguas minerais nacionaes e estrangeiras, etc.

Tomam-se quaesquer encomendas de França ou Alemanha mediante pequena commissão.

Aviam-se formulas homeopathicas.

CAMILLO & COSTA

Largo do Castello—COIMBRA

Grande Livraria

Portugueza e Estrangeira

DE

MANUEL DE ALMEIDA CABRAL

163, Rua da Calçada, 165—COIMBRA

Livros em todos os idiomas. Expedições rapidas.

Contra a anemia, debilidade, rachtismo, etc.

Vinho de glycero-phosphato de cal, de Alberto Veiga, pharmaceutico

Este producto é um reconstituinte geral do systema osseo e um accelerator poderoso da nutrição. Combate efficazmente a anemia e restaura a força dos velhos. E' um anti-neurasthenico por excellencia,—altamente proveitoso nas convalescencias. Toma-se á hora das comidas, na dose de dois ou tres calices por dia. Garrafa, 1\$000 réis. Á venda nas principaes pharmacias e nos depositos seguintes: Lisboa: pharmacia Alberto Veiga, rua dos Retrozeiros, 40 e 42; e Leão, Rocio, 115. Porto: dr. Moreno, largo de S. Domingos; Coimbra: RODRIGUES DA SILVA & C.^a, rua Ferreira Borges.

Como garantia, exija se nos rotulos a assignatura de Alberto Veiga.

PORTUGAL

Orgão dos estudantes republicanos

Redacção e administração

RUA DE SÁ DE MIRANDA, 36

COIMBRA

ASSIGNATURAS

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Trimestre 150 réis
Semestre 300 »
Anno 600 »

Publicações e annuncios

(PREÇOS)

1.^a pagina, por linha 400 réis
2.^a » » » 200 »
3.^a » » » 60 »
4.^a » » » 20 »

Os senhores assignantes tem abatimento de 50 %.

Publicam-se, gratis, todas as communicações de interesse geral, que nos sejam fornecidas.

Communicados de interesse particular e annuncios permanentes, contracto especial.

Não se restituem os autographos, sejam ou não publicados.

EDITOR—J. M. S. Nazareth

Typ. e Lit. Minerva Central—Rua da Sophia—COIMBRA

PORTUGAL



ORGÃO DOS ESTUDANTES REPUBLICANOS

NUMERO AVULSO, 10 RÉIS

1.º anno

Coimbra, 13 de maio de 1896

Numero 5

O banquete republicano

Vem de realizar-se em Lisboa, por iniciativa de Gomes da Silva e Eduardo d'Abreu, um banquete republicano que, substituindo para logar de reunião os extintos centros republicanos da capital, teve como fim unico, affigura-se-nos, a criação d'um novo centro.

Para breve, novo banquete, este de quatrocentos talheres; e adivinhar deixam as folhas que a petisqueira se estenderá a todo o paiz, n'uma hugolina commumhão de estomagos que suppra a desejada commumhão de ideias.

Utilidade, a serio, para o partido republicano não descobrimos nas patuscadas: — manifestação de forças organisadas, apresentação de processos em mira a captar, pela confiança, elementos de valor, affirmação de que o partido republicano está unido, disciplinado?

Não vemos.

Basta lançar os olhos á lista dos convivas para que, de prompto, nos choque a falta de nomes esperados; dir-se-hia mesmo que frisar uma distincção era um dos fins do banquete.

Apresentação de processos?

Entristecem as palavras de Eduardo d'Abreu lembrando aos presidentes das comissões parochias que vão pensando na hypothese d'uma intervenção estrangeira.

Manifestação de forças organisadas?

Nem uma palavra que as signale, nem um facto que as demonstre: umas duzias de banoas a comerem e a torturarem a grammatica em brindes.

De resto, uma deploravel reunião de elementos e opiniões inconciliaveis. Ao lado de Gomes da Silva, Eduardo d'Abreu a dizerem que «é um traidor todo aquelle que affirmar não ser a revolução uma necessidade»; de par com a affirmação de que a todos os espiritos se deve impor a formula: — «fazer a republica pela forma mais facil e rapida», a affirmação de que, nos processos a adoptar, o partido republicano tem de harmonisar-se com o nosso meio politico e social.

Ora, não nos parece, em que peze aos conselheiros, que a maneira mais facil e rapida de fazer a republica, seja papar jantares e fundar centros.

Para oppôr ao despotismo d'um governo que nos fecha as casas de reunião, cremos haver movimentos mais nobres do que o das queixadas: o d'uma espingarda de repetição, por exemplo.

E jante cada um em sua casa, que é melhor.

Silva Mendes

nosso sympathico amigo, erudito e talentoso alumno do 5.º anno juridico.

Silva Mendes, um bello character e um excellente coração, vem — em defesa da grande legião, trabalhadora e opprimida, — com um volume de excepcional valor, e, principalmente, de consciencia e generosidade.

Publicamos adeante um excerpto dessas paginas de sã doutrina, servida por uma austera crença.

Ao seu auctor agradecemos a honra concedida ao nosso jornal.

Monarchia de ladrões

Ao somma e segue dos escandalos juntem-se mais os seguintes, — recompensas a alguns paladinos do throno do bisneto illustre de D. João VI:

Um secretario de ministro tem 70\$000 réis mensaes só para caruagem.

Um vogal substituto do tribunal de contas ganha como effectivo.

Um empregado que nos Açores tinha um ordenado de 380\$000 réis, foi aposentado com 600\$000 réis.

N'um armazem de tabacos do Douro foi creado um logar de fiscal com 50\$000 réis mensaes.

Para o estrangeiro partiram ou estão para partir varios commissarios, isto é, vão certos malandros gosa a custa de um povo, incapaz de correr a tiro esta cáfila de bandoleiros. E ninguém apita...

A proposito dos Barrigas, falla assim o Ladrão-mestre do Popular:

«Por isso a camara, que mal nascera, peor viveu, e caiu no tumulo entre risos escarminhos votando o proprio suicidio.»

Ora o grande ladrão pertencia ao Solar e como tal definiu-se. Desavergonhado e ladrão. O paiz que lhe agradeça... n'um candieiro.

Positivamente os altos politicos monarchicos contam-se pelos grandes ladrões cá da terra.

Paiz corrupto! Paiz perdido! A's grandes ladroeiros da Salamancada, Nyassa, Lamas do Tejo, bancos Lusitano e do Povo, Outra Metade, Companhia Real, Thesouraria d'Evora, etc., etc. vem juntar-se agora o grande e infamissimo roubo da Mala Real.

Todos os dias vem á supuração novos escandalos; a toda a hora engrossa a lista dos marianos, narvarros, sergios, centenos, etc., etc.

A justiça é uma mentira. A magistratura é um ludibrio. Fóra, malandros!

Perseguem-se os homens honrados; abafam-se processos dos grandes gatunos.

Arre, ladrões! Mas este povo não terá um vergalho com que corra esta sucia de mariolões?

Santa canalha! Honrada gente!

Ao menos Cegueira ou cobardia?

Vão passados cinco annos depois que nas ruas do Porto estalou uma rajada de revolta sangrenta, estilhaçando para o largo a alma revolucionaria dos que morreram trahidos, com gritos de vingança, unindo-nos, chamando-nos para o perigo dos grandes commettimentos, para a sombra acariciadora da Republica, em lucta pela Patria, em lucta pela honra.

Vão passados cinco annos de sensatez, de conselheirice, de tudo o que quizerem, depois que as grandes ancias do povo insurreccionado se afogaram em sangue, se abafaram em degredos.

Cinco annos! ainda, comtudo, no altar sagrado da Patria não brilhou o lampejo febril d'um relampago tempestuoso accendendo uns cirios pelos nossos mortos queridos!

E não é porque todas as nossas energias tivessem morrido n'essa jornada impetuosa e irrefletida de Janeiro, aclamada entusiasticamente por alguns, abandonada cobardemente por muitos.

Não. Quando um sangue novo e revoltoso nos corre em turbilhões pelas veias, em ancias de batalha, em febre de justiça, é porque não está tudo perdido, tudo abysmado no marasmo da cegueira. Não: temos a fé dos grandes credos, temos a coragem das energias indomaveis.

O relampago estonteante que em 31 rasgou pelas nuvens da nossa athmosfera sombria um grande traço de luz que se coloriu em sangue, recolhemo-lo em nossas almas, abrimos-lhe os nossos peitos para que, no momento decisivo e redemptor da salvação da Patria pela proclamação da Republica, tivessemos uma firmeza heroica nos nossos postos, á frente de todos os perigos, onde o fogo tenha de ser mais cerrado e ardente.

Vão passados já cinco annos, vão; mas a culpa não tem sido nossa que temos provado sempre o travo amargo das luctas e sonhado com a febre impetuosa da batalha...

Que, ao menos, n'um momento unico de heroismo e sinceridade levantemos este povo escravizado e vilipendiado!

Que, ao menos, n'uma grande audacia de visionários, vingemos os espingardeados do 31.

Encerraram-se finalmente os trabalhos solares.

A carneirada lá vae de malas aviaadas, alegre e feliz, curar na provincia a syphilis que adquiriu na estroinice a que obriga a devassa politica monarchica.

Vão todos pôdres.

Mais pôdres que o paiz — os canalhas.

Corre que o sr. Manuel Miranda vae partir para o estrangeiro, em viagem de recreio.

Corrido da camara, da veneravel ordem de S. Francisco, accusado de ter desviado um retabulo e outras coisas, sua excellencia sente esboroar-se-lhe debaixo dos pés o sólio em que se havia empoleirado.

Sem se lembrar que a farinha é pouco solida para throno.

Ficam sem representante os moleiros de Sernache.

Prostitue-se uma nacionalidade; avilta-se a sua bandeira; esmaga-se a sua liberdade; a tyrannia campeã, desenfreada e cynica, petulante e afadistada sobre uma sociedade que se desconjuncta e se dissolve, e eis que os ordeiros, os prudentes feticchistas pelas commodidades, adversos a grandes agitações, embora d'ahi dependa a conversão do seu ideal n'uma realidade viva — clamam immediatamente, com a força que dá o egoismo, aos imprudentes, aos violentos que, não respeitando conveniencias, só aspiram á revolta:

Quereis a salvação da patria? Esperae pela Evolução.

A gangrena moral ameaça carcomir o organismo inteiro d'uma nação; a sua situação financeira torna-se, dia a dia, mais desesperada; a administração publica, confiada aos desatinos e á venalidade de homens completamente desacreditados perante o paiz, é a personalisação das torpezas mais infames e da crapula mais hedionda; o poder judicial, um laçao submisso e reverente d'um ministro odiado e odiento, a servir sómente para proteger as altas summidades, que juraram nas aras santas do Constitucionalismo continuar, mas com habilidade, sem perigo d'especie alguma, as tradições inolvidaveis dos seus confrades da Calabria ou outros ladrões emeritos; isto é, uma nação, a Patria, debate-se na agonia d'uma morte impia, vergonhosa e covarde, mas os seus filhos, que a devem amar ardentemente e por ella tudo sacrificar, sob pena de pesar sobre elles o estygma de despreziveis e traidores, tem obrigação de cruzar os braços, ou, quando muito, auxiliar, mas pacificamente, dentro da lei, a sublime Evolução que restaurará as forças do organismo moribundo e lhe rasgará uma era de gloria, de luz e de progresso!

E no grandioso dia da resurreição da patria, os que fizeram da alma um altar, onde lhe prestam um culto fervoroso e nobre, devem ainda confraternisar e compadecer-se d'aquelles que, coitados, mais por um erro d'intelligencia que por falta de honradez lhe cavaram, amorosamente, a sepultura infamissima que alem, no cemiterio da Historia, a espera, se uma reacção energica e vigorosa, impulsionada por um amor robusto e ardente que se lhe consagre, e por um odio intransigente e masculino á monarchia e seus miseraveis sequazes, a não levantar do lodaçal que a conspurca e envenena.

Singular theoria e excepcional patriotismo este que na morte vê a vida e no retrocesso constante, accelerado e assustador, o progredir d'um povo e a causa do robustecimento d'uma nacionalidade!

Cegueira ou cobardia?

Felizmente que não é esta a nossa orientação, e, podemos affoutamente dizelo, a orientação do partido republicano.

A revolução é sempre nobre, sempre heroica, sempre humanitaria; mas, quando um povo é apunhalado na sua honra, no seu brio e no bem estar a que tem direito, por um bando de corruptos e uma cafila de bandidos; quando o rei, escudado

com o absurdo legal da irresponsabilidade, desafia, com um boçal e cynico riso de desprezo, a colera d'um povo, a Revolução que — vinda: ctamente ideia e sentimento — alem de ser a solução unica e inadiavel, é tambem um dever sagrado para todos os que ainda sentem no cerebro a luz d'uma ideia e na alma a vibração d'um sentimento.

TELEGRAMMAS IMPORTANTES

Do nosso solicito correspondentes da capital recebemos os telegrammas que abaixo publicamos. Desnecessario será encarecer a sua transcendental importancia. Basta dizer que os factos ali narrados fizeram mudar completamente as instituições do paiz.

O partido come, logo existe, como muito bem disse o sr. conselheiro Gomes da Silva no seguinte trecho do seu admiravel discurso:

«Ninguém poderá negar, meus senhores, esta verdade, mais uma vez amplamente confirmada.

O partido come, logo existe.»

×

Lisboa, 6 maio, ás 11 da h. noite. Anda coisa no ar. Tropas de prevenção. S. magestade faz as malas. A toda a hora se esperam graves acontecimentos.

Correspondente.

Lisboa, 7 maio, ás 3 h. da tarde. A policia por mais que tenha indagado não consegue descobrir o fio do famoso trama revolucionario. Tudo a postos. De momento para momento augmenta a anciedade. Por toda a parte se respira uma athmosfera de revolução.

Correspondente.

Lisboa, 7 de maio, ás 11 da noite. Rebentou grande banquete. Um batalhão de 156 patriotas atacou valentemente as posições dos inimigos. A primeira investida o batalhão, com os dois grandes chefes Gomes da Silva e Abreu, tomou o forte Camarão Portuguez.

Do alto d'este forte, Abreu bradou com toda a força que lhe deu tão assignalada victoria: «É traidor aquelle que disser que a republica se não ha de fazer pela revolução.» Em seguida foram, uma a uma, tomando todas as posições. A ultima foi a fortaleza Champagne em que se praticaram actos de heroicidade. Todos os combatentes ficaram ebrios de alegria, levantando nos braços Gomes da Silva e Abreu.

Tudo isto feito sem a policia saber! Que homens, que talentos, que genios!!

×

A' ultima hora. Alcançada aquella enorme victoria, tudo se retirou para suas casas com a consciencia do dever cumprido. Nada mais resta fazer. O partido cumpriu a sua missão.

Correspondente.

Receita do sr. Feio Terenas para uso externo do partido republicano:

R.º — Esperemos que passe a epocha dos banhos e das thermas. Até lá pense o partido republicano na sua organização e na attitude que the convenha tomar em face da evidente immoralidade politica dos partidos monarchicos.

Não se discute e muito menos se applica a droga avariada de tão illustre esculapio da lusa democracia.

THEORIA HISTORICA SOCIALISTA

A PROPOSITO DO FERRÃO

Com a segunda metade do século XIX começou o período do socialismo científico. Antes, encontramos, em todos os tempos e lugares, aspirações generosas de regeneração humana, mas não um systema de renovação social, que, tendo em conta as formas da evolução económica, política e moral, coordenasse e generalisasse as ideias fornecidas pela experiencia, e d'ellas deduzisse a formula da evolução futura.

Os systemas socialistas de Cabot, Saint-Simon, Fourier e tantos outros que na primeira metade d'este século propugnaram pela emancipação da humanidade, foram, pela maior parte, divagações metaphysicas, generosas, sim, porem tendo em pouca ou nenhuma consideração os dados que a marcha historica da civilisação fornece, como pontos necessarios da sua evolução futura.

Colocando-se, geralmente, sob o ponto de vista da razão pura, construíram, principalmente os fourieristas, sociedades, cuja structura determinavam aprioristicamente em todas as suas partes. Cabot, Luiz Blanc, Fourier, Saint-Simon, todos padeceram da paixão de regulamentar o futuro, sem verem que, se é possível enunciar as grandes linhas do desenvolvimento social imminente, não se pode ir mais alem.

Se o futuro de um individuo isolado, diz Tolstoi, ao passar de uma idade a outra, lhe fosse perfeitamente conhecido, a sua vida não teria razão de ser. Do mesmo modo; se a humanidade tivesse o programma da vida que a espera, quando entra n'uma idade nova, seria isso o indicio mais seguro de que já não vivia, de que já se não movia, mas calcava o mesmo terreno. As condições da nova ordem de cousas não podem ser nos conhecidas, porque devem ser creadas justamente por nós mesmos. A vida está precisamente na procura do desconhecido e na subordinação da acção aos conhecimentos que vamos adquirindo.

Alguns d'estes socialistas bem previram que a formula da evolução futura se devia deduzir do passado e do presente, e, n'este sentido, algumas tentativas se fizeram. Saint-Simon, quando disse que a direcção social devia pertencer aos nobres, ao clero, e aos grandes funcionarios, foi por uma reconstrução historica, a partir da conquista das Gallias pelos frankos, que ficaram depositarios do poder politico e economico, emquanto que os vencidos ficaram constituindo a classe dos trabalhadores.

Porem a concepção historica saint-simoniana foi tão incompleta, que nem sequer retrogradou ás formas primitivas do desenvolvimento social, para d'ahi seguir toda a marcha da civilisação, explicando como um estadio social, tendo em si a razão sufficiente da sua existencia, ao mesmo tempo contem elementos criticos que provocam e determinam a passagem para novos estadios. Os dois principios sociaes, que Saint-Simon assignava como determinantes de todas as phases, não podiam de maneira alguma explicar a fatalidade social, que mais tarde a sciencia consagrou como um principio indiscutivel.

Segundo a theoria Saint-simoniana, toda a historia oscillaria entre dois principios fundamentaes, o individualismo e o associacionismo, unidade ou associação. A prevalencia de um ou outro crearia na historia as epochas organicas e as epochas criticas. Assim, concebe-se que Saint-Simon interpretasse a historia da antiguidade e da idade moderna, reduzindo-a a categorias logicas, que se reproduziriam uniformemente.

Não era mais perfeita a concepção historica dos fourieristas. Não abrangendo a seriação dos phenomenos economicos, a solução dos problemas sociaes não podia deixar de ser incompleta. A sociedade, não apresentando, segundo o ver dos socialistas metaphysicos, senão in-

congruencias, era medicada empiricamente, sem a comprehensão que só pode provir de um conhecimento profundo, largo, completo, das relações do passado com o presente, pela observação experimental.

Fourier, desviando do seu systema toda a concepção materialista, considerava como propulsor da evolução social o jogo regular das paixões humanas, categorisadas em sensitivas, affectivas e distributivas. As phases societarias—selvagemismo, patriarcado, barbarie e civilisação—dependeram, segundo este socialista, do modo mais ou menos intelligente por que o homem harmonisou as suas paixões; não foram phases fataes, mas creadas pela liberdade humana.

Ao contrario de simil'—a concepção de sciencia proclama hoje o determinismo que, seja tellurico, seja anthropologico, em nada se compadece com os ideaes particulares de justiça absoluta. O proprio Proudhon, que tanto se salientou no movimento revolucionario socialista de 1840 a 1865, foi primeiro que tudo um negativista; e os seus pontos de vista organicos não eram, em geral, novos, mas importados do movimento socialista precoce dos inglezes e americanos. E, se bem que emprehesse um vasto trabalho economico, em contradicção com a orthodoxia do seu tempo, não conseguiu fazer uma systematisação completa do desenvolvimento historico do phenomeno economico, nem desembaraçar-se do metaphysismo, em que andavam envoltas as theorias socialistas.

A inauguração do periodo do socialismo scientifico estava reservada a um economista de mais pulso do que o celebre revolucionario:—Karl-Marx. E', com effeito, a Marx que se deve o grande desenvolvimento theorico do socialismo contemporaneo. Não veio crear uma sciencia nova; porem os seus pontos de vista originaes dão-lhe um logar eminente entre os mais celebres economistas.

Original não é aquelle que construe um edificio etodos os seus materiaes. As grandes obras não costumam ser o producto de um só homem. Colher elementos disseminados no tempo e no espaço, affeçoal-os, agrupal-os, dispol-os, systematisal-os, emfim, eis no que consiste a originalidade. As grandes descobertas são, geralmente, impessoaes; porem ha sempre uma individualidade que as representa, que as personifica. Embora resultantes do trabalho colectivo, uma individualidade é que lhes dá vida, que as reduz a um complexo doutrinal. Um edificio não é conhecido pelo nome dos operarios que o construíram, mas, sim, por o d'aquelle que o apprehendeu e fez construir: assim a originalidade na sciencia. E Karl-Marx é n'este sentido, um economista verdadeiramente original.

Precusores teve-os e muitos. Elle procede do grande movimento intellectual que, na Alemanha, se manifestou no principio d'este século; e, se nos restringirmos unicamente ao ponto de vista economico, elle é o continuador do movimento iniciado por Adam Smith, Ricardo, de Tracy e Bastiat, por esses economistas que iniciaram a reacção contra a doutrina physiocratica. Mas os trabalhos d'estes economistas não tornariam possível uma tão vasta concepção historica do phenomeno economico, sem os dos historiadores Guizot e Thierry e sem a tradição philosophica de Spinoza a Hegel, os com seus continuadores David Strauss, Bauer, Feuerbach, Wischer, Gans e Lassalle.

Eis o movimento intellectual que constituiu o meio de Karl Marx.

No *Kapital* encontra-se um systema historico novo. Pondo, por um pouco, de parte os postulados arithmeticos que constituem a theoria do valor, não podemos deixar de confessar que a concepção economica e materialista da historia, como a expoz Karl Marx, excede em muito todos os trabalhos anteriores dos economistas sobre a evolução do phenomeno economico. Marx poz-

se mesmo logo em contradicção com a orthodoxia do seu tempo, negando a estabilidade das leis economicas. Até Marx, as leis geraes da vida economica eram sempre as mesmas, tanto para o passado, como para o presente.

Eis o que Marx começou por negar: as leis economicas são variaveis com cada phase do desenvolvimento social, porque a structura geral dos organismos varia de phase para phase.

Mas como se determinarão as leis da economia?—Eis um problema em que Karl Marx pensou gravemente. Achar as leis em um determinado estadio, pareceu-lhe relativamente facil; porem mais difficil julgou a explicação da passagem de uma para outra phase. Ora e precisamente n'este ponto que Marx se socorre da philosophia hegeliana. Vejamos como.

Para Hegel só existe um vasto movimento ou processo do qual a historia é uma phase particular. A logica é uma historia superior ao tempo e ao particular: a historia do processo eterno e universal da Ideia pura. As sciencias são a historia de uma parte do progresso da Ideia na sua marcha atravez da natureza para chegar á consciencia.

Hegel substituiu a *Razão* ao fatalismo na historia, fazendo d'ella um processo racional. Partindo do absoluto primordial, da noção mais simples da razão, do ser puro, derivou d'ahi todo o conhecimento, toda a realidade por um processo continuo de raciocinio que vae do abstracto ao concreto, do indeterminado ao determinado,—determinação que se opera por meio do principio da identidade das contradicções.

Flinti explica assim este principio: "Todo o pensamento, todas as cousas contem em si o seu contrario: toda a asserção é tambem uma negação: afirmando um pensamento, negamo-lo igualmente; mas, em vez de se destruir por esta contradicção, concilia-se em certo modo consigo mesmo n'um pensamento novo, n'uma realidade nova e concreta, mais rica e mais complexa sob todos os respeitos pela negação do que a constitue; mas apenas é posta, é regeitada com o mesmo resultado, de forma que o processo nunca pára, sem que a verdade de todo o conhecimento e de toda a existencia se desenvolva completamente."

Hegel deduzia as leis do movimento historico da auto-evolução da ideia absoluta, não vindo na historia senão um processo dependente das leis e independente do arbitrio humano, cujo ultimo termo seria a liberdade. O auto-desenvolvimento da ideia, da razão universal, é que dominaria toda a historia. Karl Marx não perfilhou a concepção historica de Hegel no todo, mas unicamente lhe aceitou o principio de que todo o pensamento, todas as cousas, todos os estados sociaes, contem em si o seu contrario, isto é, germens que, desenvolvendo-se, os dissolverão.

Assentando toda a sua concepção historica no determinismo economico, rejeitou igualmente, na theoria hegeliana, a pretensão de reduzir tudo á razão pura. Para Marx, a evolução social é a resultante do determinismo tellurico e do determinismo anthropologico, em tanto que determinismo economico. As condições economicas são determinadas pelo meio physico e pelos caracteres anthropologicos. A moral, o direito, a politica, a sciencia, a arte, todas as manifestações, emfim, da vida humana resultam das condições economicas; são, para bem dizer, epiphenomenos do phenomeno economico.

A constituição economica da sociedade é, pois, segundo Marx, a base de toda a vida social; toda a fenomenalidade tem a sua razão de ser no phenomeno economico, sendo, por isso, considerada em relação a elle como uma verdadeira sobreposição. Para Hegel, toda a historia é a auto-evolução da ideia absoluta; para Marx, toda a vida social é a auto-evolução do pheno-

meno economico. Para ambos, a passagem de uma phase para outra effectua-se por virtude do principio das contradicções.

Assim, determinadas as leis de um estadio social, ou antes, economico, prevê-se a forma do estadio futuro pelo estudo das variações do antecedente, pois que elle sempre em si contem os elementos criticos que o hão de dissolver, estabelecendo-se, d'este modo, uma concatenação natural dos phenomenos que constituem todo o movimento social.

Engels, fiel interprete da theoria marxiana, aceita com o mestre o principio de que são as condições economicas que determinam o desenvolvimento politico, e apresenta a seguinte prova: "Ora, actualmente, no tempo da grande industria e das ferrovias, o reflexo na forma mais comprehensiva das necessidades economicas proprias da classe que dirige e monopolisa a produção, o mesmo deveu acontecer, com mais intensidade ainda, n'uma epocha em que uma geração tinha de empregar uma grande parte da vida na satisfação das suas necessidades materiaes, e era mais dependente d'estas do que nós o somos actualmente."

Marx, segundo Engels escreve, evitando os erros e as contradicções da philosophia de Hegel, completou a doutrina de Feuerbach com as observações genias dos historiadores francezes. Hegel pretendia que a historia da humanidade fosse um desenvolvimento infinito da sua natureza, desenvolvimento que, por conseguinte, não pode ter o seu termo final na descoberta de uma verdade absoluta; e, por outro lado, pretendia que o seu systema fosse o resumo d'esta mesma verdade absoluta. Marx viu que um systema de conhecimentos da natureza e da historia que tudo abraçasse e fosse definitivamente estabelecido, estava em contradicção com as leis formaes do pensamento dialectico, que, longe de excluir, afirma, pelo contrario, que o conhecimento systematico do universo procede a passo de gigante de geração em geração.

MANUEL DA SILVA MENDES.

Morreu o Mineiro.

Falsificador de habilidade mas que d'ella pouco se utilisou.

Os navarros e marianos tem tido outro tino.

Melhor a aproveitam.

Dr. Antonio José d'Almeida

Profundamente abalado pela enorme desgraça que o feriu—a morte de seu irmão—estava resolvido, á data das ultimas noticias, a retirar-se de S. Thomé para Loanda. Não lhe era possível permanecer na terra onde jazia o seu querido morto.

Nós que conhecemos a sua grande alma, comprehendemos quanto elle deve ter soffrido. D'aqui lhe enviamos um abraço de irmãos.

N'um combate entre as tropas hespanholas e o cabecilha Maceo, ficou, entre os feridos, uma beroica cubana, Mathilde Agramonte y Verona.

Á intimação dos hespanhoes a que se rendesse, respondeu com vivas a Cuba livre.

Em seguida cahiu varada por 12 balas.

Valentes hespanhoes!

Recita de despedida

Na quarta feira e no sabbado realiso, no Circo, o curso do 5.º anno juridico a sua tradicional festa de despedida.

Subiu á scena a opereta—*O Sonho de um bacharel*—letra de Augusto Mesquita e Sebastião de Carvalho, e musica do sr. dr. Simões Barbas.

Os dois espectaculos correram animadissimos.

O intrepido commissario Pedro Augusto da Silva Ferrão, na impossibilidade de nos intimidar com as suas audaciosas arremettidas lembrou-se agora de usar contra nós de uma arma temivel.

Trata nada menos de indagar quem são os assignantes do *Portugal* afim de metter empenhos para que nos devolvam a gaseta.

Estratégia de commissario!
Tactica de Ferrão!

Ora carissimo senhor—na redacção d'este jornal encontra V. Ex.ª a lista completa dos assignantes.

Se a quizer ver, contemplar, mauséar, mirar, meditar, decorar, copiar, não tem mais do que dirigir-se aqui á rua Sá de Miranda, 36, onde teremos muito gosto de o receber, caso se apresente decentemente vestido, gravata e antes de jantado, por causa dos arrôtos.

Não seja feroz a querer abrir, assim de pancada, fallencia á empresa. Sim, era realmente uma fallencia... e n'este ramo tem obrigação V. Ex.ª de ser habil.

Olá! mas, adeante...

Porque, sabe o que lhe desejavamos, era que Deus lhe desse juizo e Nossa Senhora o illuminasse no emprego de *duchs* e abstinencia de *briol*.

Não era nada mau... se bem que um impossivel para um protector de taberneiros.

Fallaremos.

Continua de ser commentado o escandaloso displante com que o famoso commissario dá entrada no camarote destinado á autoridade a pessoas estranhas ao corpo policial; e o caso é que insistentemente se afirma estar a commissão promotora da recita dos quintanistas soberanamente entupida com o inacreditavel descaro da burlesca autoridade que, com aquelle fino criterio que lhe é peculiar, se julgou no direito de ser amavel para com o nobre conde de Foz d'Arouce convidando-o para assistir do seu camarote á primeira representação da recita do quinto anno.

Amabilidades baratas em prejuizo dos mais, é caso que tem nome feio, senhor doutor...

Cuba

Nuestros hermanos —vão-se á véla.

A natureza auxilia os insurrectos. No dia 7 desencadeou-se na Habana, uma formidavel tempestade.

Cairam raios, fiascas, o diabo!

O mastro que tinha içada a bandeira hespanhola na capitania general, foi incendiado por um raio.

Weyler escapou.

E' pena.

Agencia de Negocios Universitarios

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio que sobre esta agencia publicamos n'outro logar.

Recommendamolo, porque estamos certos que o seu proprietario, o nosso amigo Antonio Paula e Silva se esmera em bem servir a sua já numerosa clientela e por um preço modicissimo.

Retalhos historicos

II

Temos sobre a nossa banca de trabalho um esboço historico do grande tribuno José Estevam. Abri-mo-lo quasi ao acaso e encontramos logo um capitulo curioso e interessante, tanto pelo que diz respeito á academia de Coimbra, como porque é uma pagina cheia de verdade e cheia de justiça.

Hoje, que parece quererem vencer-nos de que não ha de ser por meio da fuzilaria e do troar do canhão que um povo inteiro ha de explodir as suas coleras contra uma monarchia corrupta que o avilta, que lhe suga o ultimo alento, mas sim pacatamente, burguezmente, por meio de jantares em restaurants baratos,—aquella pagina é d'uma oppurtunidade flagrante.

PORTUGAL



ORGÃO DOS ESTUDANTES REPUBLICANOS

NUMERO AVULSO, 10 RÉIS

1.º anno

Coimbra, 18 de maio de 1896

Numero 6

O NOVO PORTUGAL

E' frequente dizer-se que Portugal está morto e, como em certas crises das sociedades, um grito basta para as almar, a sociedade portugueza da actualidade achase convencida de que realmente morreu.

Portugal está morto, quer dizer, o povo portuguez deu por finda a sua missão e, constituindo apenas territorio, espera que o futuro decida a quem elle pertencerá.

Quem foi que disse isto?— Não sei. Quem é que no theatro lança a voz de— fogo? Quem é que na multidão grita— salve-se quem poder?— Não se sabe. O panico nas sociedades é como o tiro de revolver nas revoluções: nunca se sabe d'onde parte.

O grito, porém, está dado, e toda a gente convencida de que isto acabou. Assim, uma parte vae-se aproveitando dos ultimos despojos do que se supõe ser um cadaver, enquanto outra foge ao que já imagina ser a morte.

Verificado o facto, isto é, averiguado que se deu um grito de alarme, tentemos, como se faz na rua e no theatro, evitar que o panico seja maior e o desvairamento mais desastroso. Levantemos os braços sobre esta multidão de insensatos e poltrões e gritemos— ordem!

Affirma-se que Portugal está morto.

E' falso!

Portugal, isto é, nós, estamos de perfeita saude.

Convem dizer isto e nenhuma voz mais auctorizada do que a da mocidade o pôde fazer. — A mocidade é uma garantia e, quando uma nação se afirma por ella, essa nação affirma do mesmo passo a sua vitalidade.

Não. Portugal não está morto. O que está morto é uma classe. O que está morto é uma idéa. — O que morreu foi o liberalismo. O que está morto é a ideologia liberal.

Houve um tempo em que tudo entre nós era liberal. «Veinte padres, amigo mio! veinte curas... y todos liberales» (Port. Cont.— Martins). Com effeito, até os padres, em todo o ponto combatentes, eram entre nós liberaes. O liberalismo foi talvez o unico principio que, de remotas eras, pôde tão unanimamente interessar-nos.

Mas, os progressos da intelligencia, a evolução das idéas acabaram por banir essa formula abstracta da liberdade, e no dia em que o liberalismo caducou por falta de culto, o constitucionalismo, seu filho, caducou igualmente. A monarchia constitucional vivia em Portugal á sombra d'essa idéa e do favor do seu prestigio. Em-

quanto ella teve gloria viveu. Logo que ella deixou de interessar, a monarchia constitucional tornou-se incommoda.

A partir d'então, compreendendo que não subsistia já mercê da sua influencia, resignou-se a existir como coisa feita, mercê dos factos. Nenhuma epocha representa melhor esta situação do que o reinado de D. Luiz e o apogeu do Fontes, o fomento e a rethorica. Foi o periodo chamado de paz, unico na historia das nossas instituições liberaes, e o que consummou, em meio da indifferença do publico, alheio a principios, a obra da nossa ruina.

A morte d'esse rei nullo e timorato foi a morte do liberalismo. Com elle desceu á cova uma epocha inteira, e a partir do dia em que o seu corpo decomposto deu entrada no *putridero* de S. Vicente, a decomposição da sociedade que o cercava começou cá fóra.

Veio o filho, tão nullo como o pai, rei á mercê de um povo antigo, creado n'um meio de parlapatões corruptos, e, com o seu advento, veio a crise, não a crise dos balcões e das mercearias, mas a crise das almas e dos espiritos. A' fadiga de sessenta annos de formulas sem significação, succedeu um vago ardor de luctas. Um ideal pareceu querer formar-se. Arvoraram-se principios de emancipação. A palavra Liberdade teve um sentido.

A esta crise, a velha sociedade chamou— morte, e, vendo-se extincta, liquidada, tendo dado por finda a sua missão, deu por findo o paiz. O paiz era ella. Que estava morta. Logo o paiz estava morto.

Ora, isto não é assim. Vós o sabeis, nós o sabemos todos, os que nos sentimos ainda com sufficiente porção de energia para viver e afirmar que vivemos.

A que phenomeno estamos assistindo?

A' decadencia de uma instituição, á queda de um principio, á decomposição de uma sociedade.

Pois bem. Aceitemos este facto tal como elle se nos apresenta. E' a historia, e a historia não se contradicta. Mas, longe de, como o philosopho, assistirmos a elle impassivelmente, cooperemos para que elle se consume, provoquemos-lhe o desenlace, marquemos-lhe o fim.

E' tempo.

O rei é fraco, a tyrannia molle, as classes transigentes. O dia d'amanhã será d'aquelle que o conquistar com audacia. Porque não sereis vós os primeiros?

A mocidade tem isto de formidavel e é que os seus unicos interesses são os interesses do seu coração.

A mocidade é o sentimento e só o sentimento pode salvar-nos.

A razão é um pessimo conselheiro, porque a razão manda muitas vezes esperar, e nós não temos um minuto a perder.—A decomposição invade tudo, e o mal, que era de uma classe, já ameaça uma sociedade inteira.

Para traz a Historia. Para a frente o Futuro.

Provenmos a Portugal que existe um Portugal novo, um *jeune Portugal*, e á crua matula de cretinos que nos anda a pedir o Estado, com um pessoal de directores-geraes, demos a Revolução, com um exercito de cidadãos.

Lisboa.

JOÃO CHAGAS.

De luva branca

A alguém dizia Franco Frazão, director d'obras publicas, baixando a cabeça para poder olhar:

—Sabe o que elles queriam? Era que eu sabisse d'aquí. Esse é que é o motivo da guerra que me fez sair de cá. Eu sei, eu sei, eu sei, em cahindo meu primo João Franco, eu tenho um outro primo progressista, e estou aqui enquanto eu quizer.

Emquanto eu quizer!...

×

Nós não sabiamos que elle tinha um pé, perdão, um primo n'um partido e outro no outro, mas desconfiavamos á muito que elle tinha os pés no ar.

São compensações... Já não é mau andarem os pés no ar... Não é mau, mas é perigoso...

×

Na Sé Velha havia um altar renascença de pedra, mutilado, a apodrecer n'uma loja humida.

O museu do Instituto pediu o altar.

Franco Frazão negou-o e deixou-o ficar a apodrecer, sem cuidados na mesma loja humida.

Isto alem de impertinente é estúpido, e revela da parte de quem deu a ordem a um servente, falta absoluta de delicadeza para com uma corporação respeitavel, alem d'ignorancia completa do que seja o seu dever— conservar o que indevidamente lhe confiaram.

Mas não, o... homem teima que nada irá para o museu do Instituto.

×

Se elle está com os pés no ar... Cautella...

OS MISSIONARIOS

Subordinado a esta epigraphe publicamos hoje um magnifico artigo de que é auctor o sr. dr. Manuel Joaquim Massa, illustre secretario geral d'este districto e velho republicano.

Propagandista entusiasta desde 1870 tem sua excellencia alguns trabalhos de valor.

No proximo numero começaremos a publicar a opinião de tão distincto correligionario sobre «O Voto».

João Chagas

Com a promessa d'uma collaboração assidua, cujo brilhantismo e valor escusamos de encarecer, honra pela primeira vez as columnas d'este jornal com a sua prosa d'um sabor litterario pouco vulgar em artigos de fundo e toda faiscante de energia, de verdade e de audacia, o grande jornalista revolucionario João Chagas.

Este nome não precisa de encomios, de louvanhas, de reclames.

O partido republicano pôde esquecer-lhe a lista dos sacrificios e dos merecimentos, mas não ha portuguez honesto que se não honre apertando-lhe a mão, não ha revolucionario que se não orgulhe com a sua camaradagem sempre leal e destemida, sempre audaciosa e fulgurante.

A redacção do *Portugal*, agradecendo a gentileza do glorioso vulto da revolução de 31 de janeiro, saudando-o, em nome dos novos, como um dos poucos, um dos raros que sabe avaliar a coragem e honradez que ninguem poderá abocaañar, que ninguem ousará ennegrecer.

Vão cobras e lagartos na freguezia de Santa Cruz por causa do novo parochio, um bom servo de Deus.

Alguns parochianos, capitaneados pelo barão da divina Providencia, figurão muito conhecido das caueias de Lamago, movem ao infeliz reverendo uma guerra atroz de intriga e infamia. E' que o barão perdeu o açaimo.

Entrou em Coimbra, e retirou já para o Porto, Teixeira Lopes o primeiro escultor portuguez, que aqui veio com varias pessoas de sua familia e entre ellas seu irmão, architecto que tem feito o seu curso em Paris, obtendo, apesar d'estrangero, as primeiras classificações.

Ambos concordaram que a obra de restauração de Santa Cruz é enorme d'audacia e d'ignorancia.

Aqui deixamos a opinião dos dous artistas, recommendando-os ás iras do director e do Primo, perdão, dos primos.

Teixeira Lopes, o auctor da imagem da Rainha Santa, veio a Coimbra pedir a Antonio Augusto Gonçalves para desenhar a peanha que ha de suportar a imagem sobre o andor.

Da nova imagem disse um grande critico que era uma obra d'arte para ser admirada por um grande artista.

Teixeira Lopes demorou-se uma hora no museu do Instituto, dizendo que havia de voltar muitas vezes a estudá-lo.

Admirou as colleções de renascença e elogiou o que o museu tem de novo para a historia das artes industriaes e que para quasi todos é uma verdadeira revelação.

Regressou a Santa Clara a Rainha Santa Isabel, que, para exploração dos parvos, esteve alguns dias hospedada na igreja de S. Thiago.

Mais uma vez a *santa protectora* fez um milagre aos seus devotos, a quem tirou o juiso,— ha já annos.

Até que afinal o sr. José d'Alpoim arranhou as coizas de modo a ser julgado sem perigo da sua pessoa e bens.

O juiz attendendo ao *cavalheirismo do réo* applicou-lhe 30 dias de multa a 200 réis, custas e sellos dos processos.

Integros magistrados, não ha duvida.

NO CIRCO

Não ha *parti-pris* que valha: mais forte que todas as anticipadas opiniões sobre a moleira dos meus contemporaneos, sobre a semente e agua chilra das estrumeiras intellectuaes d'uma platea de incultos, afeita aos esganichamentos da Mercedes, ás truanices do José Ricardo, educada nas farças do Gervasio— *brevet* musical do Cyrilo— e nas rapiocas de boulevardismo da rua das Congostas,— exclusivo de Taveira em terras do Mondego— acima de tudo, a boa verdade, a boa justiça de confirmar que, mercê d'um bamburrio do Accaso ou d'um lampejo bisarro de racionalidade, muito de se ver em quadrupedes, a platea de Coimbra, o grande publico das capas negras— esperanças do futuro e o diabo que os carregue— a platea de Coimbra, que lá fóra passa por intellectiva, manteve d'esta feita os seus creditos, soube aguentar no balanço a sua reputação.

Pelo menos fez isto que em Lisboa, nas cavernas da Monaco, nas encruzilhadas do Martinho, quando affirmado sob palavra d'honra juradinho aos Santos Evangelhos, assumira as proporções phantasistas, increditaveis, tarrasconezas, d'um successo extraordinario, unico, nos annos da ronha do cobatinismo normalino: n'uma reprodução typica do Calvario, sem cruces e sem Madaglenas— que Mademoiselle Damasceno não veio e Mano Augusto estava com a visita — Brazão archangelico e Roza gaguejante, saltaram á ribalta com Ferreira da Silva ao centro, a empurra-lo ás ovações do publico, como boas pessoas, gente de bem, incapaz de guerras e infamiasinhas, almas brancas de bons amigos em que a inveja se não acoita, em que o despeito não topa guardada.

Conseguiu isto a platea de Coimbra. Com este truc bem achado dos normalianos, queiram ou não, impuseram-se elles a obrigação de deixar florescer o talento do mais esperançoso comediante do nosso palco que espera, apenas, lhe não atravanquem o caminho para ser o primeiro actor da scena portugueza.

Na platea isto só, que não é pouco, que é tanto, que, quasi, faz esquecer a sua pouca gentileza para as ruínas gloriosas de João Rosa— a quem não se galardoou com tanta justiça quanta merecia o seu trabalho primoroso, quasi impecavel, quasi perfeito na *Dôr Suprema*; isto só, que é tanto, que, quasi, faz perdoar a asnetica sem-cerimonia com que se permittio applaudir com furia as zericardinias caretas do grande cabotino, berrodor e vasio,occo e pomposo, que, a trinta reis por linha, é da praxe alcunhar-se de grande actor Brazão.

Isto da platea. A de D. Maria que se penitencie, que se remire n'este exemplo, Gualdino que se morda de inveja, Braguinha que venha aqui á cata d'ovações.

Das peças nada, quasi nada. Na primeira noite a *Dôr Suprema*.

A' sahida concordavam todos, n'aquillo que o Marcelino Mesquita sabe dès pequenito, quando garoto, fralda de fora e ranho no nariz, descobriu, por entre os mysterios do *a b c* que o theatro nacional era um pouco mais do que os pastellões indigestos do Lopes da Portugueza.

e que o talento dramaturgico não estava, positivamente, nos pilhos e na casparia da gaforina apocalyptica do João da Camara.

Todos concordaram, á sahida, que Marcellino de Mesquita é um grande, embora nem todos houvessem lobbrigado que a sua obra seria enorme em qualquer litteratura e em qualquer canto do mundo em que haja um grande dramaturgo, em que haja uma Arte dramatica, grandiosa e humanafeita d'alma e de musculo.

A fechar o primeiro espectáculo o *Salto Mortal*. Não vale uma noutula; esquisita-se, misericordiosamente, por dever d'officio, apenas uma historietta: Uma noite, a fugir das facadas do Martinho, refugiei-me, tranquillo, na Feira de Belem. Fadistas, cigareiras, mulhersinhas da vida e rufiões.

Barracas de mexilhão, tascas, cafés de camareras, coureaceas, reventadas e theatros, muitos theatros de lona, de papelão.

A insipidez miseravel d'um palhaço levou-me para bancos de pinho incommodos, cebosos do *Varietades*, ou coisa assim, em que mestre Dallot—Brazão incomprehendido—monturo com rigor scenico de entupir, um proposito rimado sobre não sei que heroismo lusitano: sarrafusca sangrenta de naifadas na Mouraria ou aventura epica da milicia em Africa. Quando entrou a estrella da companhia sahi eu. Tinha jantado assorda d'alho, arrotava alexandrinos e fartum—o estupor!

Cá fóra, a ler o cartaz, o *Rei da Madureza*—meu homonymo quasi, quasi vosso irmão pelo talento—entretinha a multidão:

Prosa rimada
Oh que taxada
Pelo Senhor Dupont
Bom! Bom!
Bom! Bom!

É eu que fingira do talento do sr. Dupont fiquei-me uma hora a ouvir o vinho do *Rei da madureza*... o que não quer dizer, que, para fugir ao *Salto mortal* do sr. Mendonça eu não fosse ouvir o sr. Dupont mais os arrotos da estrella da lha, arrotava alexandrinos e fartum—o estupor!

Na segunda noite o *Marquez de Villemer*. Comedia insignificante de George Sand, que bastava ter sido amiga de Flaubert para ser mais alguma coisa que a Guiomar Torrozo que não é nada ou que a Claudia de Campos que tem a amizade do Fernandes Costa.—Guiomar-torrozo em tenente coronel de cavallaria... desmontado.

Do desempenho, posto de parte o trabalho de Verginia na *Dór* e no *Marquez*, o de João Rosa na *Dór* e do Ferreira da Silva no *Salto mortal*, primittam-me que eu me calle. A gente para fallar d'aquillo apella para as banalidades do theatro dos Borrás; na Companhia do primeiro theatro portuguez as obscenidades enfiam-se umas traz das outras, como as cerejas...

...E eu não quero offender castidades, nem apontar defeitos a burros, que, de velhos e burros, já não apprendem lingua de gente.

Da Virginia, de Ferreira da Silva e de João Rosa, não ha que dizer... Elles são o que são. Não se pode ser maior e difficilmente se é tão grande.

Os senhores desculpem, mas, não tem de que se zangar pois á certa, não deram os dezreisinhos pelo jornal para ouvirem dizer bem...

Para isso compravam o *Illustrado* e liam que o Augusto de Mello, é o primeiro *diseur* e a Bred'ind uma grande actriz.

Não acreditavam? Ora deixem-se disso: todos comem palha... e os senhores, sim, afinal, não tem tão má bocca como isso.

—Pois se ainda acreditam que eu tenho má lingual...

F. V.

RELOGIO—Está um depositado na redacção do nosso jornal. Será entregue a quem provar pertencer-lhe.

EM ALMOEDA

III

Missiva de um Commissario (?) ao nobre bisneto de D. João VI

Hontem sahi do *Circo* debaixo da suggestão d'uns negros e bellos olhos de uma formosa matrona.

E pelas duas da madrugada entrei n'um tasco, immundos restaurantes da Lusa-Athenas, a abroquelar, com iscas e verde, o espirito atribulado por tentações lascivas.

Fui-me depois pela beira do rio, contemplando as estrellas que se espalhavam pelo azul do ceo, e a assobiar o *hymno da carta*, que o Bernardo Ayres ha 3 annos tenta passar a limpo e annotar, para ser dançado nos bailes do illustre senhor Conde de Foz d'Arouce.

Voitava pela *Estrada da Beira*, taciturno e calmo,—pensava de novo nos taes olhos negros—quando, proximo ao Gymnasio, deparei com uns papeis abandonados sobre um banco.

Oscillaram-me os nervos pela curiosidade suprema de apreender a papelada.

Quem sabe o que seria?... Segredos d'amantes, talvez, cartas perfumadas, despedidas tragicas, mentiras fabulosas que alguém visse rler á luz da lua, no conforto suave d'uma noite deliciosa.

Cartas, talvez, d'aquella mulher d'olhos negros que me provocou uma crise. Segredos de namorados, prosa de caixairo, escandalos, alguma tronga de carango que esfaqueasse a grammatica e me delectasse agora na contemplação pachorrenha de uns soliloquios asna-ticos...

Santa e bem dicta ingennidade! a desillusão foi completa.

Aprehendi e desdobrei essas folhas de papel, que julgava perfumadas e que afinal estavam manchadas de vinho.

Periodos desconnexos, phrases incomprehensíveis, emendas, córtes, erros de orthographia, pontapés na grammatica, nuphalada na pontuação.—tudo, emfim, que pode constituir o libello de um grande e horrivel crime litterario—grammatical.

Passei os dedos pela grenha en'uma blasphemia horrivel compromettim-me a mostrar ao publico a prosa apilarada de um *homem* da politica. Ajunto os periodos, emendo os erros e... ahi vae a *composição*.

Majestatico patrão!

Senhor!

Lambo-lhe as excellentissimas botas de vossa magestade com reverencia e muito amor.

Permtti, Senhor, que cá muito de baixo um reptil se abalance a ir junto da magnificencia do vosso throno augusto, a deitar falla no empenho sincero de consolidar as instituições e prestar serviços á sagrada causa da monarchia.

Humilde lacaio de um grande rei de um paiz zambro, eu venho, despido de vaidade, em relatorio singelo, dizer ao meu amo o que tenho feito e mais que faria se a minha cabeça pensante fosse chamada a intervir, mais de perto, na emmaranhada direcção da bateira do estado.

Sois um rei maximo, com inclitos ministros e leaes servos.

Como é consolador recordar os vossos brilhantes feitos—senhor!

Que magnanimidade! que grandeza! que fausto! que força bruta!

Todos os vossos subditos, de columna vertebral em arco de pipa, contemplam embrutecidos e selvaticos o vosso esplendor e triumphos.

Párvoa gente!

Abominavel canalha!

Que grande rei, na verdade.

Encolhe-se deante do vosso poder a Inglaterra; no vosso olhar tremem as nações; a vossa voz causa terramotos e os vossos charutos eclipses totaes.

Antes de vós em valor e audacia só D. João VI; depois de Vós,—só se fôr o vosso amado filho.

Nem sempre, porem, os vossos ministros seguem, em seus actos, uma trajectoria consentanea com o vosso poder.

Gafada a alma nacional pelas ideas torpes que lá vem de fóra seria preciso empregar reagentes fortes, cautarios preciosos, na evolução scientifica aos tempos da media idade.

Tal qual aqui tenho feito.

Encontrei uma corporação enorme, anarchisada, imbecilisada, sem prestigio, sem acção, sem unidade. Transformei a, creio que habilmente, n'um corpo aguerrido, resistente, insolente para a canalha e cosmopolita em orthographia.

Em estando juntos ninguem lhe bate.

Entendia que, como medida preventiva, fossem fechados os cursos superiores por cincoenta annos, e suprimidas, perpetuamente, as escolas de instrucção primaria.

As Escolas!... as Escolas!... Senhor!—é preciso dispersar isso...

Creio Senhor, seguir o vosso genial programma politico e não vos offenderei, certamente, rogando-vos uma commenda.

Dávai insignificante para Vós, conordo, mas que sinceramente vos agradeço—não por mim, todavia porque é uma honra para a familia, e porque estão proximas as festas da Rainha Santa, a que o meu garbo dá grande brilho.

Offereço-vos o trazeiro para limpardes as botas.

Será do nosso heroe?

HERACLITO FERNANDES.

Uma medida que muito honra o ministro das obras publicas.

Foi dado um subsidio para a restauração dos bigodes do sr. director das obras publicas.

Tem sido difficil o trabalho para se encontrar cabelo que podesse applicar-se sem destoar do tom archaico do seu bigodo cahido.

Afinal o grande industrial Soares (carros a todas as horas, preços modicos, cocheira ao Caes) encontrou, cedendo da praça cabelo necessario. O sr. director deve ficar como novo.

A coisa é muito simples, e francamente não percebem por que tanto barulho.

Em Cellas havia um retabulo de madeira, o sr. Manuel Miranda pediu-o para a igreja da Portella.

Disseram-lhe: informe o secretario. O secretario geral não sei se informou; mas naturalmente deixou o sr. Manuel Miranda á vontade.

E o sr. Manuel Miranda mandou o retabulo para a igreja da Portella. Não houve questão d'arte, foi um facto commum. O retabulo podia mesmo voltar para Cellas sem tanto barulho... Mas não voltou... e naturalmente não volta.

E o Manuel Miranda sahi do partido e foi... para o Souto *naturalmete*, onde fica tambem com o Ayres; porque... francamente, francamente o Ayres não é melhor. Ficam agora o Ayres, o Vicente e o Luiz Pereira...

O Ayres é bom.

O Vicente tão bom como o Ayres, e até como o Manuel Miranda, mesmo que este roubasse no pão.

O Luiz Pereira esse é... não se sabe bem ainda o que elle é...

O dr. Damazio chamou-lhe o *meiguinho*...

E o Damazio que lho chamou, lá tinha as suas razões!...

Ha annos que a policia d'esta cidade farejava o paradeiro de uma salva de prata, roubada ao sr. padre Simões.

A calumnia rosuava forte que a salva se encontrava em casa do barão da *divina Providencia*.

Porem, entre os milhões do Shah da Persia encontrou-se agora o mencionado objecto.

E os maldizentes ficaram embatucados...

Agencia de Negocios Universitarios

Chamam-se a attenção dos nossos leitores para o annuncio que sobre esta agencia publicamos n'outro logar.

Recommendamo-lo, porque estamos certos que o seu proprietario, o nosso amigo Antonio Paula e Silva se esmera em bem servir a sua já numerosa clientela e por um preço modicissimo.

OS MISSIONARIOS

São as ideias que governam o mundo, porque são ellas que regem o homem.

As grandes transformações sociais, que marcam as edades na vida dos povos, são sempre o resultado d'este poder fecundo, e a ellas corresponde necessariamente uma revolução consideravel no dominio interior do individuo. O abalo, que teve logar na França ao finarse o seculo passado, foi a consequencia dos esforços da philosophia para extirpar os antigos erros. Se os sceptros se abatiam á voz dos soldados de 89, é porque as ideias que os animavam, se iam desenvolvendo e communicando ás massas, até alli eivadas de uma inacção fatal; se os povos se agitavam entusiasmados ao ouvir o canto da Marselheza, é porque esse canto era o hymno dos seus direitos, por tão longo tempo desconhecidos e tyrannizados!

Não ha povo que não desperte ao contacto d'este fogo eterno de Prometheu! Os pagãos deixaram os idolos pela doutrina de Christo. Insufflari no povo inerte do Oriente uma ideia nova, e vereis esse cadaver levantar-se como galvanisado, e rasgar as dobras da mortalha da ignorancia para saudar o novo dia.

Tal é a influencia poderosa da ideia. E' pois natural que todos os poderes, que pertendem dirigir a sociedade, se esforcem por ensinar uma doutrina, que lhes assegure a obediencia dos povos. Com effeito, se a historia nos faz ver o elemento material da força, representando algumas vezes um papel importante no destino das sociedades, é certo que, ainda neste caso, a força pertencia basear-se em alguma cousa superior. "Le plus fort n'est jamais assez fort pour être toujours le maître, s'il ne se transforme sa force en droit et l'obeissance en devoir," dizia o illustre philosopho de Genebra. Os fundadores das antigas sociedades reconheciam já a existencia de um elemento, que actuava no homem com mais energia do que o braço potente do tyranno: assim vemos alguns recorrerem ao maravilhoso e á inspiração sobrenatural para implantarem as suas instituições.

A dominação theocratica dos Gregorios, e dos Innocencios procurou legitimar-se no pretendido direito de todos os povos; e o poder odioso da monarchia absoluta escondia-se por detrás da mascara da *sciencia certa* e da *alta soberania* recebida immediatamente de Deus.

Qualquer d'estes dois systemas teve por defensores dedicados campeões, como attestam o livro de Joseph de Maistre e a *Politica tirada da Escripultura* de Bossuet. Qualquer d'elles tem ainda hoje os seus representantes, embora a sua existencia seja uma ironia viva deante da illustração do seculo.

Reservamos para outra occasião tractar das causas, que fazem com que estas duas potencias rivaes, entre as quaes se pelejaram as mais sanguinolentas pugnas, pareçam hoje andar unidas, pelo menos apparentemente, sem embargo da opposição dos seus principios.

Agora occupar-nos-hemos somente dos prégadores das doutrinas ultramontanas. Não é dos Peltier, nem dos Veuillot, que vamos fallar: não são tão illustres os nossos heroes, mas são decerto mais perigosos, porque se dirigem aos fracos e aos simples. Tambem não temos o intento de traçar aqui a historia dos missionarios e da organização d'esta milicia sagrada desde a fundação da Propaganda por Gregorio xv em 1662, nem das outras associações da mesma ordem, taes como a sociedade dos padres da missão fundada em França no seculo xvii, cujos membros são hoje conhecidos pelo nome de Lazaristas. O que nós queremos é prevenir o povo portuguez contra as insinuações d'estes prégadores da falsa ideia.

E não se julgue que vimos aqui aconselhar a perseguição: respeitamos a liberdade de consciencia como um santuario, que não deve ser profanado, e porisso queremos

a sua manifestação debaixo de todas as formas; amigos intrepidos da liberdade, combateremos sempre a intolerancia em si, seja qual for a doutrina a que ella se prenda. Mas é dever de todos os que tem amor aos principios, de todos os que amam a paz e a ordem, sem as quaes é impossivel o progresso, mostrar que os que se dizem apóstolos da sublime ideia do Christo, esqueceram a sua missão para curarem dos seus interesses, e resuscitarem um passado que é o maior dos anachronismos.

Os nossos prégadores citam com frequencia as conhecidas palavras de Christo: "ide e ensinai." É verdade; mas Christo queria que ensinasse a sua doutrina.

Mas a doutrina de Christo é a igualdade, e vós prégais o privilegio odioso, e sobre elle pretendeis construir o edificio social; mas a doutrina de Christo é a fraternidade universal, e vós prégais a intolerancia, e quereis renovar os horrores das cruzadas albigenses, das dragonadas, e resuscitar esse monstro abominavel da Inquisição com todo o seu apparatus funebre, que um povo regenerado fez em pedaços.

Ides ter com o povo, que rega a terra com suor para vos sustentar, e em vez do conforto moral enchei-lhe a alma de terrores apocalypticos, e fanatisaes o seu espirito. Em vez da caridade evangelica tirais-lhe por meio de escrupulos religiosos o mingoado fructo dos seus labores. É a simonia levada ao ultimo ponto! Profanais o santuario da familia, calcais aos pés os seus direitos, e quebrais com mão sacrilega os laços sagrados de seus exemplos.

Podia citar exemplos bem recentes, mas prefiro não sair da generalidade.

Eis em resumo a obra dos se-meadores do catholicismo.

Babelos que ainda ha, caracteres honrados, que andam de boa fé: esses respeitamo-los; mas, em todo o caso, a intenção pode desculpar o homem e não a doutrina. Povo portuguez! não te deixes illudir; é preciso que estejas sempre em guarda para repellar o inimigo da tua liberdade.

Eu bem sei que alguém diz: Não devemos receiar, que as mummies que repousam nas pyramides do Egypto, venham ainda estabelecer-se entre nós: a esses lembrarei as palavras de J. Simon: "Il ne faut jamais dire: La destruction de la liberté est impossible. C'est pour l'avoir trop dit et pour l'avoir trop cru que plus d'un peuple libre est tombé dans la servitude."

O padre pela sua importante missão pode contribuir muito para o bem da sociedade, como pode causar-lhe grandes males. O pulpito e o confessionario podem ser a vida ou a morte da intelligencia e do coração.

Missionarios, se o vosso zelo é tão fervoroso, porque não ides levar a luz do evangelho á Asia e á Africa, onde é mais necessaria que em Portugal? Deus havia de compensar bem o vosso trabalho.

Manuel Joaquim Massa.

Franco Frazão conversando com o sr. Manuel Novaes

—Então agora *banho* todos os dias

—Agora e sempre

—Mas agora mais do que sempre!

—Mais do que sempre?!...

—Sim...

—?!...

—Pois como se chama o novo governador civil?...

—O novo governador?...

—Pois não é o visconde do Banno?...

Ah!... Tem graça!...

Eu passava e ri...

As pedras da rua saltaram fóra da calçada a rir a rir.

O vento correu ao longe, e entrou na igreja de Santa Cruz ás gargalhadas.

Parou de chover. O ceu sorriu...

ARTE & LITTERATURA

MARIA

Palavras ha que dizem tanto dia,
Ha nomes onde tanta alvorca é accesa,
Que, quando o nosso labio os pronuncia,
A nossa alma, dentro em nós, os reza.

Ser um astro é ser luz e ser Maria
É ser Alma, é ser Ceu, ser da Pureza
E, mais que da Pureza, da Agonia,
Se a Agonia é maior do que a Tristeza!

Santa entre as Santas, Bella entre as mais Bellas,
Que bem te diz o nome de Maria!
Ha um cruzeiro no ceu com cinco estrellas!...

Nome que deixa sempre os labios doces;
Tua alma é já de si essa ambrosia...
Eras Maria... embora tu o não fosses!...

(Da «Mocidade Perdida», no prelo)

GUEDES TEIXEIRA

La Patrie Portugaise

POR

Madame Adam (Juliette Lamber)

Arabes pela hospitalidade, como pelo sangue que em nossas veias abundante corre, a já lendaria franqueza com que os estrangeiros recebemos, pagam-nol'a elles — tão esquecidos andam do preceito de Seneca: *res sacra miser*... — se de nós algo dizem, por vezes com insolencias, quasi sempre com despresos. Esta a regra; de longe a longe uma excepção. E, valha-nos isso, se é a França quem mais pecca, é também a França quem melhor se penitencia. Mais uma vez cabalmente o povo o herói que adora a minha banca tenho e cuja apparição, de agradecido pelas boas-horas que lhe devo, não me esquivo a noticiar, posto que mais reflectida leitura precisa me fosse ainda para d'elle fallar, como mereço. Porque parece escripto por um portuguez — este livro: por um portuguez que o fosse devéras: tão generoso é o seu intuito; tão serias as reflexões por todo elle a granel dispersas; tão conscienciosas as informações que de nós dá; tão quentes do nosso sol e tão perfumadas dos nossos laranjeas são as paisagens que o enfloram: — como se, por muito de fugida contempladas, mais fundas se gravassem nos olhos que, uma vez, nelas se embeberam e mais no amago da alma as recolhesse a Auctora do livro, ella tão, desde moça, propensa a reviver pela imaginação tudo quanto, lido ou visto, mais vivamente a impressione: — amores d'um romance ou recortes d'um horizonte; estrophes d'um poema ou relevos d'uma estatua.

E' ella quem nol-o confessa:
Des que j'en ai quelque loisir, bien vite je suis reprise par mes songeries, moi qu'on croit uniquement active. Toute une nuit de rêves, les yeux ouverts. Ah! qu'il est large le champ libre pour l'imagination... E para que a illusão sobre a procedencia do encantador volume mais empolgante se nos antolhasse, andam de braço dado por ali fóra, vestidos á franceza a dizerem-nos: não nos conheceis?... — versos de Camões e phrases de Garrett: de Garrett que era também seu tanto ou quanto francez... de coração e de espirito; e de Camões que a querida Avosinha lhe ensinou, quando creança, a ler e, o que mais é, a compreender, amando-o...

E agora avaliam vocês, meus amigos, agora avaliam vocês a deliciosa surpresa que estas linhas me inspira; não é verdade?
Depara-se-me o annuncio do livro que Madame Adam acabava de reeditar; corro a compral-o num alvorço de curiosidade e — porque não confessal-o? — de receio também (se eu ando já tão farto de ver as nossas coisas ou ignoradas ou ridiculizadas, lá por fóra!); impaciencias de namorado abrin-

do a primeira carta da Dama dos seus Pensamentos — rasgo-lhe atabalhoadamente as folhas; e simultaneamente — como em frequentes beijos miudinhos o homem que deveras ama nos labios da Mulher-Amada sorve o pensamento de cada minuto para assim lhe reconstituir a Alma de Tod'o-Sempre... — assim eu lhe vou lendo, atabalhoadamente ainda, uma phrase em cada uma das suas quatrocentas paginas: versiculos de Sibylla que me dessem a ultima palavra do volume todo, cujo espirito, cuja intencionalidade ou, d'um hausto só, absorver quizera também...
E encontro estas linhas:
Tout peuple qui a enfanté un grand peble national se réenfante à son tour éternellement par lui...

E dobro o joelho — eu, que não aprendi a dobral-o! — ante a veneranda Sexagenaria: e beijo-lhe respeitoso a mão que estas palavras escreveu: porque — vaticínio que, por meu mal, talvez não veja realizar-se! — taes palavras, assim mesmo, consolam.

De resto, a intencionalidade do livro estava bem claramente expressa no pequenino prefacio — demasiado modesto, oh! demasiado... — que o antecede: «Ha thesouros de vitalidade litteraria e artistica a descobrir, tendo sua originalidade propria, des que o sentimento portuguez accorda, o pensamento nacional se encontra e a intellectualidade readquire em Lisboa a sua seiva de raça, assim se libertando da banalidade cosmopolita».

E antes ainda: O que apenas quiz foi esboçar impressões geraes sobre o que senti e comprehendí do caracter, das tradições, dos destinos d'um povo que eu considero como um amigo excepcional da França.

Tão alto emprehendimento, e de tanta dedicacão sobretudo, milagre parecerá que pulso de estrangeiro a elle se votasse e, para vergonha e proveito nosso, o levasse a fim. D'ahi a minha desconfança, ás primeiras paginas: montesino e, porque o sou, pouco afeito a gentilezas, aggravada a ingenita selvagesa pelo habito de ver as obras em opposição com as palavras, rapido passou-me pelo espirito a ideia de certo livro, d'uma dama também, onde, ácerca da primeira capital do mundo, apenas se nos offerece minuciosa repportagem de visitas feitas e de visitas recebidas, de cartões dados e de cartões accites, de madrigaes endereçados e de madrigaes ouvidos, — eu para aqui; mais eu para acolá — tudo isto com muito francez pelo meio, como de quem, num mez que andou por fóra, da lingua patria se esquecerá... E não me lembrou, no momento, que o nome que firmava *La Patrie Portugaise*

se era o de uma senhora de virilissimos espiritos, habituada a presidir a um grupo de homens de talento e de energia, já por de mais exercitada na lucta accesa dos partidos e, principallissimamente, d'um patriotismo nunca desmentido.

E' que Madame Adam, como Dido das alheias nas proprias, nas desgraças da sua patria aprendeu a compa decer-se das desgraças da nossa patria. E' ella quem nol'o diz ainda: Onde procurar consolações ás amarguras e infortunios soffridos pela França? «Où chercher? Je songeai au peuple de Camoens, tant de fois vaincu depuis les siècles glorieux, et qui, avec une constance admirable, résiste au joug de son vainqueur, au joug anglais».

Não era Portugal, como a França, uma victima?... Quando foi do Congresso de Berlim, refugiou-se com Homero na Grecia... «au moment où Kiel devint menaçant, je me sauvai en Portugal avec Camoens...»

Irmãos gêmeos Homero e Camões: genios ambos, que ambos geraram para a immortalidade o povo que para a desgraça os gerara...

Se ella, já em creança, os irmanava no seu coração, por ambos repartindo igualmente vigílias, affectos e chimeras! «L'Iliade et la Conquête des Indes, grâce à la complicité de ma grand-mère, n'eurent plus que leurs épisodes superbes et glorieux, auxquels s'ajouta le plus doux des romans».

E é porque, no seu coração de mulher intellectual, um povo vale o poeta de que foi berço, é por isso que Portugal e a Grecia, até pelas antinomias, no seu espirito se associam.

Tirante o povo grego nenhum povo pequeno teve algum dia uma historia maior que Portugal; cerrou-nos o mundo antigo a Grecia; abriu-nos Portugal o mundo moderno.

E, pois que vou em maré de transcripções, mais esta que d'um modo irrefragavel mostra os olhos de justiça e mesmo de penhorante sympathia com que a talentosissima senhora encorou o nosso povo e lhe sondou os escaninhos mais reconditos da alma.

Respira-se em Lisboa uma atmosphera d'epopeia.

Ali vive-se das grandezas e das glórias do passado. Sobretudo o estrangeiro, só evocando a magia dos dias heroicos, é que bem pode iniciar-se na vida portugueza. Então para elle, ainda mais que para o indigena, avultam os monumentos, novos como no dia da sua inauguração, repetem-se os factos, as immortaes figuras animam-se, e a admiração por este pequeno povo, tão grande, commove a alma n'esta viagem extraordinaria através dos tempos idos.

Mas o que augmenta o encanto e o imprevisto d'uma tal viagem é o testemunho de que os Portuguezes nada esqueceram da epoca gloriosa. Vivem ainda do que jaz morto e estão por isso mesmo dispostos a ressuscital-o. Não ha um homem do povo, não ha um fidalgo, não ha um burguez, não ha um soldado, não ha um marinheiro que a gente não possa, hoje como outrora, arrastar as conquistas longiquas e em cujo espirito não vibrem as estrophes da exaltação da patria.

E' que o povo portuguez encarnou em si Camões. Em Lisboa, por toda a parte Camões domina o pensamento portuguez, como Homero domina o pensamento grego. Ha, ao contacto de povos assim, uma poesia infinitamente doce, melancolica e grave, mas sobretudo consoladora.

Ora o que é incontestavel é que, para assim saber ver um povo, da mesma forma que para bem saber ler um poema, são requisitos indispensaveis a vivissima imaginação de Madame Adam, que da imaginação faz a mais espirituosa e mais sensata apologia (1) o seu superior talento e vasta erudição e, a fecundar isto e a fructificar tudo isto, como nm raio de sol, como uma gotta d'orvalho, como um sopro de bom Deus — a uma larga, humana e generosa sympathia, tão precisa para bem criticar um livro como para bem comprehender uma sociedade. — E comprehender é perdoar: não foi também uma dama de subido talento, e dama franceza também, que escreven estas palavras algures?...

(1) Je crois qu'il de puiser dans les forces de l'imagination, autant de pensées consolatrices et de resistance aux épreuves de la «Souffrance universelle», que par exemple, dans certain livre de M. Sébastien Faure: — pag. 11.

Longe, demasiado longe iria eu, se de *La Patrie Portugaise* dissesse tudo o que dizer desejava — e devia. Ha finissimas observações que a nós mesmos nos surprehendem, de tão subteis e verdadeiras que são. Esta do habitante da capital: *Il n'est démocrate de principe que parce qu'il est aristocrate de race*. E esta, revelando, simultaneamente, o artista e o publicista hypotastico áquelle na pessoa de Madame Adam: *O Tejo... diamante que faisa ao sol, um diamante do cabo um pouco amarello; rio carreado o precioso lodo areento que fertlisa ás mil maravilhas; e de Lisboa que tem a apparencia d'uma cidade nova. As suas casas parece que acabam de ser construidas! Nada disso; é da pedra portugueza que tem virtudes particulares, não absorve o fumo e não se altera nada; e ainda esta em que a mulher se revela: falla das touradas em Portugal que ella confronta com as touradas em Espanha; a belleza decorativa das cortezias arranca-lhe esta exclamação: *Et les trois belles révénces qu'il (le capitaine de la lice) fait devant la loge royale!**

Tenho notado que são exactamente as damas quem mais se deixa captivar pelas touradas...

Atavismo talvez: não são ellas afinal as descendentes das damas de outrora que presidiam aos torneios, armavam os filhos e, se preciso fosse, pelejavam ao lado dos maridos?...

E sempre a observação vindo de mulher afeita a dirigir e a tractar e a resolver as questões mais momentosas do seu paiz e a exercer, na alta politica, cruenta e patriótica (que contra políticos sem fé nem patriotismo vae ella pelo caminho semeando a sua revolta...) na politica que, assim considerada, avulta quasi com uma religião, uma influencia incontestada e nobremente merecida:

La municipalité (falla do municipio de Lisboa) avait jusqu'à l'ultimatum anglais de 1890, une certaine autonomie, non par des coutumes gardées et par des tolerances traditionnelles, mais par l'exercice de libertés très modernes. Ces libertés ont été sans cesse réduites. Maintenant un «administrateur du conseil» propose les mesures, assiste à toutes les séances et représente se le ministre de l'Interieur. Les minorités d'opposition, ne pouvant exercer aucune influence, ne se font plus représenter.

E' assim que ella fecha o capitulo que consagra a Lisboa.

Interessantissimos; até para a maioria dos portuguezes fornecendo curiosas informações colhidas nas nossas chronicas que nós deixamos cobrir de pó, — para lh'o sacudirem estrangeiros da envergadura de Madame Adam — os capitulos consagrados á historia dos nossos grandes reis e ás reformas do Marquez de Pombal: e pelo mesmo theor vae ella tractando o nosso Theatre, a nossa Imprensa, a nossa Litteratura e a nossa Arte architectural. Curiosissimo ainda o estudo que faz dos nossos costumes de provincia, marginando-o de observações juridicas que, em mulher e estrangeira, forçoso é confessional-o, maravilham: este capitulo e o consagrado ás mulheres portuguezas talvez em hora folgada eu venha ainda a aprecia-los em artigo mais reflectidamente escripto.

Termina o volume, falando de Coimbra que ella viu viuva de estudantes, n'essa occasião em debandada a festejarem a Paschoa com as familias. *C'est un regret d'autant plus vif que quelques fines silhouettes noires drapées dans le manteau traditionnel nous sont apparues et que nous avons compris quelle animation, quelle jeunesse, quelle vitalité plus de mille dentre eux peuvent donner à la vieille et no ble cité.*

E afinal quasi não fiz mais que transcrever; e, por vezes, sem sequer me dar ao trabalho de traduzir, receoso de tirar á prosa elegantissima da distincta escriptora o cunho fidalgo que lhe é apanagio.

Tambem para livros assim, transcrevel-os é a melhor forma de elogial-os...

La Patrie Portugaise é dedicada á Mocidade Portugueza: que ella o leia; pois n'elle têm muito que aprender e muitissimo de que se gloriar os que não estiverem gafos do snobismo cosmopolita...

Coimbra, maio de 96.

Carlos de Lemos.

A recita dos quintanistas

Reuniu-se o curso de quinto anno juridico para resolver o destino a dar ao producto liquido da recita de despedida. Reuniu-se o curso, não dizemos bem. Junctaram-se uns tantos quintanistas e resolveram que o saldo positivo fosse distribuido pelo curso.

E' de saber que é da praxe o reverter em saldo para a Associação Philantropica Academica, praxe que nós consideramos perfeitamente justa e razoavel, attendendo aos fins a que essa sociedade visa.

Não o entenderam assim os illustres bachareis e por varios motivos, uns futeis e outros que nos abtemos de relatar, porque são injustificados romperam com aquella praxe. Atravez de todos esses motivos via-se nitidamente, segundo nos informam o verdadeiro argumento — o de se aproveitarem d'esses dois mil reis que cabe a cada quintanista.

O nosso amigo Figueira d'Andrade apresentou uma proposta para que o producto revertesse em favor da Philantropica, proposta que reforçou com valiosos argumentos mas nada conseguiu porque a epocha vae do mais ferroz egoismo, como já alguém disse e o anno de 95-96 acaba de o provar exuberantemente.

E falla esta gente em solidariedade academica!

Triste solidariedade que se desfaz á simples presença de duas notas de dez tostões!

O curso de 95-96 deixa um rasto luminoso na Academia de Coimbra, que deve fazer aos seus queridos quintanistas uma despedida muito terna... apresentando-lhe as armas de S. Francisco.

Alguns quintanistas, que não esperavam tirar proveito algum da recita e que não se conformaram com a decisão d'aquella minoria do curso, resolveram offerecer as suas quotas á Associação Philantropica Academica.

G. M.

Afinal o Jacintho Candido sempre ficou no ministerio.

O Ferreira d'Almeida está furioso e aos seus ex-collegos a calva vae pôr ao léo, com temiveis liquidacões. O que em nada importará aos bandalhos do governo e á torpesa do regimen.

Porque combatem vocês o Gomes da Silva?

Nós combatemos e combateremos sempre o sr. Gomes da Silva porque o achamos prejudicial á causa republicana. Sua ex.^a está muito melhor na monarchia do que na Republica e por isso é partidario da evolução que é o mesmo que ser partidario das *Katzenberg Gregis*.

Já o mesmo não diremos do sr. dr. Eduardo d'Abreu, a quem reconhecemos dotes de revolucionario. Lastimamos simplesmente que elle esteja ligado com o sr. conselheiro Gomes da Silva, que será tudo menos revolucionario.

Ainda que pese á Vanguarda.

O sr. director das obras publicas...
— Um typographo — ainda? —
— E' de mais?
— Não, sr. dr., e por ahi gostam; mas vae já tanto...
— Então, bonda...

PERDEU-SE

Uma medalha d'oiro de corrente de relógio.

Quem a achou, se a entregar na rua do cabido, n.º 10, recebe alviçaras.

ADVOCADO

Frederico Guilherme Nunes de Carvalho

RUA DA SOPHIA, N.º 56

ANNUNCIOS

OS CALLOS

Extrahem-se radicalmente com a pomada preparada pelo pharmaceutico

F. A. R. Pereira

Deposito geral: Pharmacia Pereira, Soure, e em Coimbra na Drogeria Rodrigues da Silva & C.ª, rua Ferreira Borges, 28 a 34.

Envia-se pelo correio, franco de porte



Pharmacia do Castello

Premiada em varias exposições FUNDADA EM 1859



N'este estabelecimento, permanentemente dirigido por pessoa habilitada, encontra o publico o mais completo sortido de productos chimicos e pharmaceuticos, instrumentos cirurgicos, artigos de penso, algalias, mamadeiras, seringas de todos os systemas e applicações, meias elasticas, irrigadores de Esmarch, Eguisier, etc., etc., stetoscopios, pulverisadores, forceps, aguas mineraes nacionaes e estrangeiras, etc.

CAMILLO & COSTA Largo do Castello - COIMBRA

DEPOSITO DE BANDEIRAS

Todos os artigos para ornamentações de festejos

SERIO VEIGA COIMBRA

66 - RUA DA SOPHIA - 68

N'este deposito, o primeiro no seu genero n'esta cidade, encontra-se para alugar um variado sortimento de bandeiras de diferentes tamanhos e gostos, assim como: arcos, columnas, pedestaes, postes, estatuas em tamanho natural, vasos esquadetes, esquadros, floreas, lanternas de vidro branco e de outras cores, balões venezianos, balões á crivas, balões de movimento, etc.

COPIOGRAPHOS

para reproducções de manuscritos, circulares, avisos, preços correntes, sebetas, etc., etc. Garante-se 50 copias.

SERIO VEIGA - Sophia - COIMBRA

BALÕES AEROSTATOS



Fabricam-se de diferentes gostos, com lindas e variadissimas cores, para fazer subir em arraiaes, medindo de 0m,90 até 6m,0, regulando os seus preços de 40 a 600 réis.

SERIO VEIGA - Sophia - COIMBRA

Grande Livraria Portugueza e Estrangeira

MANUEL DE ALMEIDA CABRAL 163, Rua da Calçada, 165 - COIMBRA

Livros em todos os idiomas. Expedições rapidas.

A Philatelia Portugueza Mattos & C.ª

47, Rua Nova da Piedade, 47 - LISBOA

Grande variedade de sellos, albuns, etc., para collecções a preços resumidos. Pacote «Garret», 50 sellos estrangeiros, todos diferentes 100 réis Pacote «Bon-Marché», 100 sellos estrangeiros, todos diferentes 350 » Pacote «Lisboa», 150 sellos estrangeiros, todos diferentes 750 » Pacote «Ideal», 200 sellos estrangeiros, todos diferentes 1\$100 » Pacote «Cosmos», 300 sellos estrangeiros, todos diferentes 1\$500 » Magnifico sortido de sellos de Portugal e colonias em pacotes de 10, 20, 60, 70 e 125 variedades para 120, 200, 900, 1\$100 e 2\$250 réis, muito uteis aos colleccionadores troquistas. Compram-se, pelos mais altos preços, sellos de Portugal, colonias e Brazil. N. B.—Para as provincias accresce sempre o registo e porte, que são 25 réis por cada 100 sellos e 50 réis de registo.

BIBLIOTHECA INTERNACIONAL

Collecção de obras primas de todas as litteraturas, antiga e moderna

Acaba de apparecer o 3.º volume: CARTAS AMOROSAS d'uma religiosa portugueza, traducção de Filinto Elysis.—1.º vol.—João de Deus—Poesias. 2.º vol.—Fialho d'Almeida—Madona do campo santo.

Preço de cada volume cuidadosamente impresso em bom papel com o retrato do auctor—100 réis.

Succesivamente serão publicados volumes de: Dr. Theophilo Braga, Gabriele d'Annunzio, Emile Zola, Eça de Queiroz, Balzac, etc., etc. Para assignar basta enviar o nome e morada a

LIVRARIA MODERNA—Coimbra.

A cobrança será feita pelo correio, por series de 5 volumes.

FABRICA DE CARIMBOS DE BORRACHA



Tem officina montada com machina e material pelo systema mais moderno, para fabricação de CARIMBOS DE BORRACHA para carimbar papel ou marcar roupa, fac-similes, sinetes, etc., onde se fazem com a maior perfeição, brevidade e commodidade em preços.

Remettem-se catalogos illustrados a quem os requisitar, francos de porte. Pedidos a SERIO VEIGA - Sophia - Coimbra.

PANNOS, CASIMIRAS, LUVAS, CAMISAS E GRAVATAS

Joaquim Pessoa

140, Rua de Ferreira Borges (antiga Calçada), 142

Coimbra

ESPECIALIDADE EM ARTIGOS DE PHANTASIA SÓ PARA HOMENS

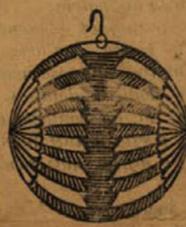
Director da Alfaiateria: Alfaiate de Lisboa

Fatos feitos por medida, desde 5\$000 réis.

Responsabilidade, economia e execução dos figurinos

N'esta casa:

VELOCIPEDES HUMBER E LIMITED. SEGUROS contra fogo: Companhia ALLIANCE. PIANNOS a prestações mensaes.—Companhia PROPAGADORA. CAMISAS em branco peito de linho, desde 500 a 1\$800 réis; oxford, flanela em côr, de 800 a 2\$500 réis. NOVIDADE—Camisas com peitilho bordado, de 3\$600 a 5\$000. LUVAS nacionaes e estrangeiras, de 500 a 1\$800 réis, em pellica, pelle de cabrito, vitella, INGLEZAS DO D'ENTS, camurça e couro da Russia. FABRICA DE GRAVATAS em algodão, lã, seda e Tokin, grande sortido, desde 120 a 2\$500 réis. Para revender, grandes descontos. AGENCIA de seguros contra incendios: Companhia BONANÇA.



BALÕES Á CRIVAS

Balões-pandeiretas, relgios, sinos, vasos, balões de movimento, chinez, tulipas, globos, etc. O que ha de mais surprehendente em illuminação, produzindo um effeito deslumbrante pela sua variedade de feitiços e clareza de luz.

SERIO VEIGA - Sophia - COIMBRA

LIVRARIA MODERNA

Augusto d'Oliveira

L. do Principe D. Carlos, 19 a 25 COIMBRA

Grande sortimento de livros de educação e ensino primario e secundario.

Satisfazem-se no minimo prazo possivel todas as encomendas dos livros que não haja em deposito.

Correspondencia com todos os centros litterarios estrangeiros.

Assignaturas para todos os jornaes e revistas ao preço de 240 réis o franco.

Resposta a toda a correspondencia na volta do correio.

Fornecem-se catalogos de livros de todas as especialidades a quem os requisite.

EM PUBLICAÇÃO

REVISTA BIBLIOGRAPHICA, catalogo mensal annunciando tudo o que de novo appareça no mundo litterario.

Distribuição gratis a todas as pessoas que nos honrarem com as suas compras.

PORTUGAL

Orgão dos estudantes republicanos

Redacção e administração RUA DE SÁ DE MIRANDA, 36 COIMBRA

ASSIGNATURAS

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Trimestre 150 réis Semestre 300 » Anno 600 »

Publicações e annuncios (PREÇOS)

1.ª pagina, por linha 400 réis 2.ª » » » 200 » 3.ª » » » 60 » 4.ª » » » 20 »

Os senhores assignantes tem abatimento de 50 %.

Publicam-se, gratis, todas as communicações de interesse geral, que nos sejam fornecidas.

Communicados de interesse particular e annuncios permanentes, contracto especial.

Não se restituem os autographos, sejam ou não publicados.

EDITOR—J. M. S. Nazareth

Typ. e Ljt. Minerva Central—Rua da Sophia—COIMBRA

AGENCIA DE NEGOCIOS UNIVERSITARIOS A. DE PAULA E SILVA

2 - RUA DO INFANTE D. AUGUSTO - 4 COIMBRA

N'esta já conhecida AGENCIA, fundada em 1893, tratam-se quaesquer negocios dependentes da Universidade, incumbindo-se tambem de obter Cartas de Doutor, de Lienceado, de Bacharel, de Formatura, de Pharmacia, etc.

Para esclarecimentos dirigir a correspondencia a

A. de Paula e Silva

COIMBRA

PORTUGAL



ORGÃO DOS ESTUDANTES REPUBLICANOS

NUMERO AVULSO, 10 RÉIS

1.º anno

Coimbra, 2 de junho de 1896

Numero 7

AUGUSTO DE MESQUITA

Não podia o *Portugal*, que é o jornal dos estudantes republicanos de Coimbra, deixar de vir prestar a sua homenagem mais fervorosa e mais sentida á memoria nobilissima d'um seu camarada que morreu.

Escriptor de raça e alma de artista, homem de talento e de coração, esse estudante republicano, que á morte fez baquear ha pouco, era um espirito sincero e dedicado, entusiasta e ardente, que trouxe á pugna republicana, em que nos debatemos, todo o calor generoso da sua convicção, toda a sinceridade vibrante da sua alma de apóstolo, toda a febricitante actividade do seu temperamento de luctador vigoroso e audaz. A fina ténpera do seu caracter republicano formou-se nas labaredas revolucionárias de ha quinze annos atrás, nas luctas ingentes do liberalismo contra a reacção, nos combates formidandos em que pelejavam os atheletas da, ainda então, Idéa-Nova; foi ao lado de Ricardo Loureiro, de Guilherme Braga, de Emygdio de Oliveira, esses luctadores cheios de audacia, de brilho e de talento, que Augusto de Mesquita formou, batalhando com o mesmo denodo, com a mesma energia com o mesmo vigor, — despresando conveniencias e postergando interesses, — orientado, como elles, unicamente, pela generosidade da Idéa, — esse bergantim dourado em que embarcaram, de coração aberto e canções nos labios. Foi nas vibrações apaixonadas d'aquelles espiritos de luz, nas vehemencias calorosas d'aquellas almas de crentes, na ardencia impulsiva e generosa d'aquelles talentos em revólta, que o espirito vibrátil, immaculado e ingenuo de Augusto de Mesquita recebeu as fundas impressões da vida politica, foi ao contacto d'aquelles athletas da penna, que despertaram as energias másculas, vigorosas, do seu temperamento de luctador.

A *Folha Nova* — o monumento mais glorioso do jornalismo português, o jornal que mais do que nenhum outro até hoje se elevou pela independência, pela nobreza, pela alma, pelo ardor, pelo innocido da coragem, pelo vigor e arrojado da critica, cruenta e implacavel, pelo brilhantismo da fórma, pelo colorido artistico da linguagem, — a *Folha Nova* foi a liça em que Augusto de Mesquita terçou as suas primeiras armas. E de então para cá, luctando sempre na imprensa republicana, collaborando n'uns jornaes e redigindo outros, sempre as brilhantes qualidades do seu talento, malleavel e flexivel, se affirmaram e robusteceram; ora floreteando a penna em jógos de espirito, alegre, ligeiro, saltitante, cheio de vivacidade e de prestéza, como lâmina de Tolédo em jógos florentinos, ora empunhando-a, como látigo desapiedado e implacavel, a golpear de gílvezes fundos o adversario — a monarchia.

Jornalista, dramaturgo, critico e poeta, o talento de Augusto de Mesquita revelou-se sempre límpido e luminoso; mas só queremos considerá-lo hoje, debaixo do aspecto de jornalista republicano. Foi esta a qualidade proeminente do seu caracter; é ella tambem que torna a sua memoria honrada e querida dos republicanos todos. A natureza do nosso affecto, aquilata-se pela homogeneidade das nossas aspirações; a intensidade da nossa dôr pela valia dos serviços que Augusto de Mesquita prestou á causa republicana. Intransigente, austéro, dedicado e nobre, se não viesse surprehendê-lo a morte que o victimou, o partido republicano tê-lo-ia a combater nas suas fileiras, sem um desalento, sem uma tibieza, sempre com o mesmo desassombro, a mesma coragem, a mesma dedicação.

E' por isso que o *Portugal*, que ainda ha bem pouco o viu envolver-se com ardor nas luctas dos estudantes republicanos, hoje não pode deixar de, sobre o coval de Augusto de Mesquita, que se abriu para encerrar e aniquillar uma esperanza legitima e lúdima, lamentar a morte do bello espirito que se extinguiu, da alma immaculada que morreu, do talento incontestado que se perdeu, da energia moral e dedicação partidaria que ao partido republicano foi roubada. E' por isso tambem que o *Portugal*, ao lado dos mortos mais queridos e honrados da legião republicana, enfileira o cadaver amado de Augusto de Mesquita, entretetece das mesmas palmas o seu nome, reúne na mesma admiração o seu valor, congrega no mesmo affecto a sua alma.

O seu nome immaculado e puro, deverá viver na alma dos republicanos todos, cercado de respeito e de louvor, por que Augusto de Mesquita foi intemerato na sua coragem, desinteressado na sua dedicação e luminoso e austero na sua consciencia.

EXPEDIENTE

Attendendo a que os dias 26, 27 e 28 foram dedicados ao *Espirito Santo*, que se venera na sua capella em Santo Antonio dos Olivaeas, suburbios d'esta cidade, demos feriado aos typographos do quadro do nosso jornal.

Motivo este de não se publicar o numero correspondente á semana, proxima, passada.

Que os assignantes e correligionarios, agentes e leitores, correspondentes e mais familia nos relevem a falta, porque o motivo foi justissimo.

Um typographo... não é de ferro.

A redacção.

Avido de praseres e novas sensações o rei de Portugal, pessoa illustre, que se recommenda pelas qualidades de caçador, toureiro e artes correlativas, deitou-se agora a matar toiros — á bala.

Quando o mandará o povo á caça dos gambosinos, — tambem á bala.

Variatio, delectat... e sua magestade havia de gostar.

A' chegada da esquadra ingleza prepararam-se, por ordem da Inglaterra, grandiosos festejos.

A commissão nomeada para tractar do pagode e aposta dos honestos noticiosos.

D. Carlos de Bragança, — sobrinho fidelissimo da magestade britannica; Lord Soveral, — capacho humillissimo da rainha Victoria; espião inglez a tantos reis diarios;

Lord Hintz — canalha afadistado, que rouba o paiz por que lhe paga mal; serve os inglezes porque lhe pagam bem;

Burnay, — judeu e ladrão que segue, á risca, o triste fado dos seus compatriotas.

Com tal gente é certissimo que o maior lusimento haja na festança. Por precaução, sómente, devemos transeuntes apertar o casaco.

Os veterinarios de Lisboa fizeram ao sr. Magalhães Lima uma operação notavel: — extracção da pedra da cabeça pela bexiga.

Felicitemos o illustre director do *Seculo* pelo seu restabelecimento.

Quando o tenente Coelho desceu do comboio, ao chegar a Campanhã dirigiu-se para elle, a cumprimenta-lo, o commissario de policia Arriscado, que antes de 31 de janeiro, era camarada do illustre revolucionario no regimento de infantaria 10.

Mas o tenente Coelho recusou-lhe a mão.

O mar tranquillo. Um vapor ao largo arremessa fumos que sujam de negro a atmosphera. Na praia a multidão esfarrapada então a *Marselheza* n'um côro magestoso e epico. Os marinheiros cantam alegres no alto das vergas, enquanto do porão sobem gemidos de dôr, misturados ao som de grilhetas arrastadas. O vapor levanta ferro. Nem um grito de adeus, uma lagrima de saudade, ao vapor que vae partir, na multidão clamorosa.

Parece que aquelle vapor leva por carregamento a maldição d'um povo!

Emygdio Navarro. — Se lhe quereis fallar, mettei dinheiro nos bolsos.

Oliviera Martins.

Augusto Rocha & Phimdel

O *Primeiro de Janeiro* inseria em um dos seus ultimos numeros uma correspondencia, d'esta cidade, em que se elogia o sr. Augusto Rocha e simultaneamente se affirma que o nosso querido amigo Antonio José d'Almeida publicára a *Desaffronta*, por despeito.

Ha quem affirme que o *sabio* é o auctor da noticia, querendo contestar os meritos do correspondente pilha, desavergonhado e sem decoro, que por ahi se exhibe constantemente em scenas de rebaixamento moral.

Ora é positivamente um erro: — o *Fibra* ou o *Phimdel* são sufficientemente indignos para infamar quem está longe; são sufficientemente covardes para calumniar os individuos de que estão separados por alguns milhares de leguas e que não podem, portanto, corrigir desmandos de gavroches.

Erraram, comtudo, o alvo.

Tentando restabelecer os creditos avariadissimos do senhor doutor Augusto Rocha, precipitaram-se com leviandade de palmatoria.

Mais uma vez um doutor burlesco conseguiu collocar-se no fóco do ridiculo, montado no arcabouço indigno d'um reporter malsim.

Foi muito cedo. E' certo.

Esqueceram-se de que o estigma, gravado pela *Desaffronta*, permanecerá, sempre, enquanto houver gente honrada.

Esqueceram-se de que, o púz, ainda não foi vedado, d'aquelles que espernearam sob a penna revoltada de José d'Almeida, cheia de justiça e honestidade.

O senhor doutor Rocha que caloteou, vergonhosamente, em 30 mil réis o allemão Dikel, envergonhando o paiz e a Universidade; o senhor doutor Rocha que não se abalancou aos attritos perigosos da defeza; — vêm, agora, rastejante e acobertado pelo Phimdel, infamar o nome immaculado de José d'Almeida.

Mas, não podemos, nem devemos fazer confrontos entre os nomes de Augusto Rocha & Phimdel e o do auctor da *Desaffronta*.

O publico conhece-os bem, sabe considera-los e differencia-los.

Onosso desforço é bem differente: escripta a *Desaffronta* em defesa de uma consciencia limpida e de um grupo de rapazes classificados infamemente de *bandidos*, por torpes individuos que se couraçam com os RR e injustiças da cátedra, o grupo republicano, solidario com Antonio José d'Almeida, perfilha a *Desaffronta*; e passa a publica-la, em folhetins, neste jornal, que é o seu órgão.

Pois, esgotada rapidamente a edição desse magnifico livro, preciso se torna fazer com que todos o conheçam. E, se mais alguma coisa fór preciso accrescentar, continuaremos em o nosso posto, sem receios de qualquer ordem, e em todos os campos.

Estejam certos disso os honrados cavalheiros.

Em S. Pedro do Sul:

D. Amelia da Orleans, esposa do rei de Portugal e dos Algarves, foi presentada, com um caixote de cravos brancos, por uma mulher do povo.

A rainha contemprou a offertante com cinco mil reis...

Quanto daria sua magestade por um cabaz de marmellos?

O JORNALISMO

Vae a gente a um theatro: — de um ignorado logar d'espectador é, para a alma e para os olhos, aquella uma boa hora de illusão. Erguido o panno, adormecidas no silencio as ultimas notas da musica gemente, é, em face, no palco, entre recortes de arvores e esfarrapamentos de nuvens, ao perto d'uma esquecida aldeia d'onde veem perfumes de silvados, toques d'Áve-Maria e murmurios de agua cantante, toda uma scena de bondade e de idyllo: — uma roca fiando alvuras de linho em dedos cuidadosos de avó, um seio de virgem tremendo na esterilidade d'um primeiro amor, uns labios de paixão dizendo a medo os medos do seu carinho. Por sobre toda aquella pureza e aquella paz, sobre a benção d'um padre que abre os braços, em ingenua supplica, á ingenuidade d'uma crença em Deus, passa, velando tudo e tudo espiritualizando, a illusão que nasce nos olhos credulos da plateia, dominada e preza nas palavras fugidias da mentirosa bocca dos actores. E, entre o ultimo bater das palmas fauceis e vás, apagado o fulgor da ribalta illusoria, para lá do panno descido vae um cahir das arvores de lona, o rio pára, a ermida é muda, a aldeia apaga-se, e, se no espirito d'algum, mais soffredor ou mais crente, vive ainda a illusão da hora passada, é ir ve-los sahir pela porta escusa dos actores — a avó cuidadosa e em rugas, a virgem de seio inviolado, o amante ancioso, o padre simples; e heis de vê-los então: — a velha tia lubrica e babada, a corteza syphilitica e vendida, o *souteneur* de viella e de taverna e o velho agiota de ilha e de miseria.

Assim a imprensa.

Em face da ignorancia sabida d'um publico tolerante e paciente nasceu e ergueu-se, por detraz das columnas deceis do jornal, uma figura typica que diz a decadencia moral da nossa raça. De mãos dadas ao prestigio da publicidade e á quasi universal incerteza das consciencias, doirada pelo falso brilho do constitucionalismo liberal, impoz-se, a uma maioria de condescendentes, vasia de justiça e prene de cumplicidade, uma minoria de velhacos, ardilosa e traçoira, chegada de ambições, roida de invejas, com dois dedos de illustração nos tinteiros e uma couraça de desvergonha nas almas.

E foi assim, d'um coito obsceno de ignorancia e de liberalismo, de transigencia e de medo, que veio á luz d'um seculo de cambistas esse valor de praça, a que o interesse das nossas gerações chamou: a opinião publica.

No *Espirito Sancto*:

Duas mulheres insultam-se.

O sr. da Silva Ferrão, intrepido commissario, intervém. Esbravejante e ameacador grita:

Mulheres! Mulheres! Nem uma palavra, senão parto-lhes a cara.

Ultimo meio, exclusivo do burlesco *Tazadas*, para manter a ordem — com mulheres.

Ou isto, ou carta... anonyma.

Apoiado.

NO CIRCO

Um dia d'esses passados, n'um momento de acaso vieram até á apreciação da plateia de Coimbra dois nomes de gloriosos: — Rossi e Emmanuel.

Annunciavam os programmas: — Rei Lear, Luiz XI, Othello e Hamlet. Tanto bastava saber-se, para que de esperar fosse, como infallível, que um publico de illustrados — as capas de uma academia — accorresse a saudar, nos dois nomes de actores que as resuscitavam, as paginas dolorosas d'essa grande alma sempre viva que Shakspear atirou, lá da sombra d'uma edade morta, para a luz duvidosa das edades por vir.

Boccos de camarotes, vasos e negros, gritavam, na sua mudez, a inferioridade de alma e a baixaza de illustração das nossas damas, assiduas glorificadoras da nudez das *voltigeuses*, e infallíveis apreciadoras do calão obscuro e canalha das nossas operettas decotadas. Tudo em casa, a saber, entre duas torradas innocentes, a *verbe* do conselheiro impagavel. Um pé de dança com o fraldiqueiro platónico, um pé de cantiga com o pretendente infallível, dois pés no ar e dois esgotos nos ouvidos, assim passaram as noites as lambisgoas da alta.

Se fosse a Mercedes, a balouçar o utero infecundo, impudica e rameira, n'aquelle aphrodisiaco desconjuntar de quadris que ellas conhecem, olhos em alvo e labio lascivo a arregaçar-se?... Mas não era, não; era apenas aquella bruta alma do poeta inglez, rasgada da chaga aberta pela desgraça no genio, que ia rugir n'um palco toda a creença do amor que faz soffrer e ajoelhar, e toda a duvida da vida que faz erguer mãos esperanças para um céu distante e sem Deus.

Por isso ellas não foram; por isso a capa não foi.

Rei Lear sabem-n'o todos os que lêem — é aquella figura lendaria de infantildade senil que reparte o amor da sua grandeza pela grandeza do seu amor de pae. Ao lado da figura tragica do louco ergue-se a voz banal e cores, torções, agudas numeracs profunda, gargalhante e funebre da razão. É o bóbo que fere e morde, vestido de risos, sepultado em desprezo, amortalhado nas cores que mascaram a sua deformidade guisalhante e vingadora. E sahido d'aquella noite de raios e de tormentas que a sua alma condemnada abençoa e chama, encontra ao fim da jornada, desanimado e vencido, os dois braços de alvorada a que fugira, orgulhoso e potente, aquella alvorada que se lhe apaga logo nos olhos então abertos para a resignação e para o amor.

E Emmanuel aqui, n'esta burlesca Coimbra dos bachareis e das arrufadas, resuscitou e fez soffrer ainda aquella estranha criação do estranho genio, ao qual um momento unico no tempo fez homem e deu um nome.

Albino Picado

Esteve em Coimbra este nosso bom amigo e intransigente correligionario, que em Mira trabalha activamente na organização do partido republicano.

Cumprimentando o nosso intemperate correligionario, fazamos votos para que em breve veja realizadas as suas aspirações.

Passeio dos braganças a bordo de um *Alagoas*...

Na estação de Coimbra; B:

Passa para S. Pedro do Sul a magastade femea.

Na estação o valente commissario aguarda ansioso a chegada da locomotiva.

Pretende acompanhar, servo humilde e fiel, á Pampilhosa a excelsa rainha, para apanhar o jantar. O estomago dilata-se-lhe e os dentes rufam alto...

Chega o comboio. Demora um minuto e parte rapido sem dar signal... Silva Ferrão, furioso, de braços no ar e bigode desgrenhado, grita ao machinista:

Alto! alto! Esperae, esperae, que fico de fóra.

O machinista riu-se... e o glorioso esteio das instituições pragujeou:

Se lá não fosse a rainha quem metia o comboio na chána era eu... Old!

Olhou o espaço e dispersou...

Verdades

Eu nem já quero fallar de heroismo, de desprendimento, de abnegação, coisas passadas das fulgurações viris da sua realidade brilhante para o nada fazer d'uma pieguice tóla.

Não: deixemos nos tumulos da Historia o pó sagrado dos grandes martyres dormindo á sombra tranquilla dos seus ideaes sonhados.

Deixemo-los: não é com as nossas lagrimas, nem com a aria monotona das nossas lamentações infantis que poderemos colorir e fixar a sombra, a esvaecer-se, das acções sublimes que nos ferem ainda a vista embaciada como grandes soes estonteadas de luz.

Nada valem choros, nada valem ameaças vans, repito: diz-nos a Historia que as grandes epopéas da Humanidade são escriptas com metralha á luz vermelha e incendiada da Revolta.

E, assim tambem, se é do destino fatal e irreflectido dos acontecimentos que a Ideia, no seu evolucionar constante, vá atropelando cadaveres e arrasando cidades, quero eu igualmente frisar que não será por certo, a voz lastimosa e enfraquecida do descrente, sensato, prudente, mas egualmente poltrão, que poderá entoar, n'um arranco de febre, o velho hymno entusiastico e vibrante das grandes reivindicaciones do homem.

Entre presente e futuro, ha um grande abysmo de desprendimentos e dedicaciones; só, portanto, os que não trepidarem serão os homens d'amanhã, os homens da Republica.

Outros fazem até mal, muito mal, em se proclamarem republicanos, em quanto, mais ás claras, se poderiam aproveitar d'este regimen em decomposição: basta a um coisa qualquer, tornar-se imbecil e submisso, alienar a consciencia, vender o cerebro, para subir rapidamente a escadaria que leva de deputado a ministro, em vez de o levar da gatunice á cadeia.

E as gran-cruzes, as commendas, os privilegios...?

Isso então, é aos montes, ás caradas, cabindo como chuva de granizo sobre os peitos ensebados de varios marmanjos de politica monarchica.

Eu sou portanto, de opinião que aproveitem...

Que nem sempre ha fartura. E depois d'isto tudo aclarado, tudo definido, sem o lusco-fusco dos procedimentos dubios, sem meios, mas só extremos, ou se é monarchico: ou se é pelo rei contra o povo, ou se é pelo povo contra o rei.

Mais facilmente se faria assim a republica se tivesse de fazer-se, mais facilmente se conservaria a monarchia, se remedio algum a possesse ainda conservar.

A rainha D. Amelia cahiu um dia d'estes d'um cavallo abaixo.

Ficaram as gentes de S. Pedro do Sul sabendo que as magastades dão tambem, de quando em vez o seu trambolhão.

E o caso é que, assim como cahiu do cavallo, bem pode igualmente cair do throno... aos empurros do povo.

S'elle por essa historia alem ha tantos casos d'esses...

E depois... a sazeza está-nos sendo tão pesada, a nós, portugueses...

Sergio. — Quasi anagrama de gerico.

O rei anda a matar touros em Vila Viçosa.

O resto da côrte *veraneia* por varias partes.

Á Inglaterra, que nos affrontou em 90, veio agora, de mãos dadas com os governantes, afirmar ao mundo, com desprezo do sentimento nacional portuguez, a amizade que lhe dedicam os braganças.

O paiz, porem, não esqueceu ainda o ultimatum de 11 de janeiro de 1890.

Não esqueceu... e espera pelo dia da desforra.

DESAFFRONTA

O Portugal encetará, no proximo numero, a publicação, em folhetins, d'este magnifico livro.

DESAFFRONTA

O Rei Toureiro

Na vasta galeria da historia é costume designar os monarchas por um cognome, em taboleta appendicular ao pedestal que os sustenta:

Temos já D. João V, o magnanimo, o tal das peregrinações piedosas ao convento de Odivellas; — D. João VI, o clemente, principe de grandes virtudes, um grande politico que nos ia fazendo perder a nacionalidade, e tão destemido que não tem medo de atravessar as aguas do mar; — e finalmente tantos outros.

No intuito de cortar difficuldades aos futuros historiadores ahi fica o cognome para o sr. D. Carlos.

Ha 7 annos que succedeu a seu augusto pae, e nenhum feito tão extraordinario como a morte do Caracás veio glorificar o reinado de Sua Magestade.

Continue, pois augusto senhor, que ainda espero ve-lo na sorte de cadeira.

No Theatro da Pepineira — Parvoneza

Scena do cemiterio, no Hamlet. O primeiro coveiro canta em voz lugubre, enterra a pá, cadenciadamente, na terra gordurosa. O vento estremece de frio, roçando as pedras tumbaes e leva o perfume dos goivos para os murmurios dos cyprestes. Hamlet desce ao proscenio pensativo. Na frente pendem-lhe um madeixa de cabellos negros, e, nos olhos, traz lampejos mortos de amores que se estiolaram.

Hamlet — Bom homem, que fazes tu?

Coveiro — O mesmo que todos fazem: cavar.

Hamlet — Dizes bem, rustico. Uns cavam na vinha do Senhor, ahi para os lados do ministerio da Marinha; outros cavam nos bacellos do Thesouro; outros cavam na Carta constitucional... a questão é ter boas enchadas. Para se encher uma barriga, abre-se uma cova. Ter ou não ter barriguinha farta... — eis o problema!

Coveiro (Desenterrando a queixada do Sergio e apresentando lh'a). — Lá vae charada, Senhor: O que é que Vossa mercê faria agora, se fosse Samsão, e eu fosse philisteu?

No Espirito Sancto:

Um pequeno barulho a um canto. A multidão agglomera-se, Silva Ferrão apparece.

Manda retirar o povo e um irmão de S. Martinho, a cambalear, recalci-tra.

O ufano commissario irrita-se e atira aos ventos esta phrase cheia de verdade e justiça:

O senhor não me pique — Olha que eu já estou bem picado, ouviu? Nem uma palavra!

E como de um boi matreiro — a multidão afastou-se.

N'um almoço offerecido á rainha na estação de Alfarellos, entre as bebidas notava-se a seguinte:

Baba & Rhum.

A magastade bebeu o rhum e offereceu a baba á illustre commissario que, de Coimbra, foi cumprimenta-la.

Muito espirito e bastante generosidade da bondosa rainha...

Oh não fosse ella — o anjo II.

O DEBATE

Terminou a sua publicação este nosso collega da capital.

Sentindo tão doloroso desenlace enviamos aos seus redactores a expressão do nosso pezame.

Nem a campanha contra o couraçado da rua Formosa o poudo reanimar.

Já é macaca...

A fiel aliada

Está prestes a singrar aguas do Tejo a dentro uma esquadra ingleza.

Em breves dias, pois, passearão pelas ruas de Lisboa, vomitando obscenidades e escurando vinho, os marinheiros d'essa Inglaterra que em 11 de janeiro de 1890 nos vergastou com a infamia d'um ultimatum.

Acordada, então, com a medonha bofetada, a alma nacional, do peito de todos os portuguezes, num estremecimento de dôr e colera, sahio este grito de protesto contra a affronta recebida: — abaixo a alliança ingleza.

E essa alliança, que até ahi apenas servira os interesses da Inglaterra, passou desde esse momento, a ser um escarro da rainha Victoria pegado ás nossas pernas, uma grilheta que ella nos tinha chumbado ás pernas.

D'esse periodo de desesperada agitação, perante a covardia e a traição dos governantes, sahio n'uma madrugada, fria, de janeiro, um outro grito, um grito de revolta que a monarchia abafou em sangue, em oppressões e vexames, corrompendo a justiça, violando a lei e estrangulando a voz do povo apontando-lhe ao peito as espingardas da municipal.

Pouco tempo decorrido após o ultimatum, o rei, com o desprezo mais evidente pelo sentimento nacional, ia a um baile dado na embaixada de Londres pelo ministro de Inglaterra em Lisboa e ahi fraternisava com o inimigo que, humilhando-nos, nos acabava de roubar.

Em 1892 o rei, para ter a amizade da Inglaterra, mandava annunciar a vinda d'uma esquadra ingleza ao Tejo. Os protestos, porem, rebateram, vehementes, em todo o paiz e o rei pediu a sua tia Victoria que não mandasse por enquanto a esquadra e os marinheiros inglezes não nos visitaram então.

Em 1895 o rei vai sellar de novo a alliança com a Inglaterra, indo a Londres conferenciar com Salysbury, o auctor do ultimatum. Em troca trouxe de lá a ordem da Jarreteira.

Quer dizer: o rei arroja-se aos pés da Inglaterra, n'uma attitude humilhante de laçao.

Contudo a esta, não basta isso. Quer tambem a subservencia degradante do povo portuguez, e o rei, que acima de tudo deseja estar bem com a Inglaterra, manda dizer agora pelos seus aulicos que se recebam com festas os que em africa cuspiram sobre a nossa bandeira.

E os rafeiros da côrte proclamam cynicamente que em vez de razões de queixa e protesto, temos antes motivos para sermos gratos aos inglezes.

Suprema abjeção!

A questão resume-se n'isto:

O rei quer a alliança ingleza.

O povo não.

O rei tem interesse em a manter para que a Inglaterra lhe seguro o throno.

O povo não a quer porque a Inglaterra o rouba, escravisa, avilta.

Mas o rei vae arranjando a sua vidinha, e o povo vae ficando sem colonias enquanto não é, elle proprio uma colonia.

O rei abre a porta ao ladrão.

O povo, ao sentir os ladrões em casa, deita as mãos á cabeça, berra que está roubado, mas não expulsa o porteiro.

E' isto: — a monarchia fez d'um povo d'heroes um povo de covardes.

Torna-se, pois, preciso ingetar-lhe sangue novo, mas só depois d'esvaseado o sangue pôdre que lhe corre nas veias.

E, isso... só a Revolução.

O barão da divina Providencia protesta, indignado, pr'ahi n'um papelucho — por causa da collaboração do sr. Massa.

Toma cautella, gatuno...

Na coroação do Tzar

1138 VICTIMAS

A magnificencia das festas da coroação de Nicolau II foi subitamente cortada por uma tragedia horrivel e sangrenta.

O poderoso autocrata permittiu-se a extravagancia tradicional de ver desfilar a miseria perante as riquezas deslumbrantes da sua corte, mandando que se procedesse á cerimonia das bilhas e distribuição de cereaes.

Todo o formidavel exercito dos famintos se precipita e corre a estender a mão á caridade imperial, e a multidão comprime-se e esmaga-se na ancia de disputar um pedaço de pão.

Morrem assim nas ancias da fome e do desespero, e perde-se o sangue de mil e tantos infelizes, que podiam ter offerecido a vida na lucta heroica por um ideal.

E é uma raça das mais vigorosas, activa e intellegente, que tolera ainda o regimen d'um despotismo feroz, como se a liberdade não possesse tambem acclimar-se aos gelos do norte.

Na rua do infante D. Augusto:

Um coupé desliza rapido, parando, finalmente, á porta do governo civil.

Lá de dentro salta o sr. da Silva Ferrão, bravo e fero commissario, que entra no edificio.

Minutos eram passados quando um policia, sahindo do edificio e inteirando-se de que a rua estava deserta, entrou na carruagem, voltando, em breve, abraçado a um enorme garrafão.

Da janella o sr. da Silva Ferrão: Então que tal, oh rapaz? pesadote, pesadote, hein? Olha que é a pura uva...

O abbade de Salgueiros

Este bom ministro de Deus anda pela sua aldeia rogando aos seus parochianos e freguezes que devolvam o Portugal.

Accusa-nos de impios e maçons e promete excommunhão, papal, áquelles que nos lerem.

São estes idiotas e quejandos os bons apóstolos da religião de Christo. E ainda ha quem diga que allas são honrados...

Que corja de safados. Mas o que elles pedem é marmeleiro.

Em Fóra de Portas:

A magastade passou e o jantar por um oculo.

Assim pensava o Silva Ferrão regressando á cidade. Mas vingou-se: á Casa do Sal entrou e em sardinhas e vinho abroquelou-se para esquecer os pratos delicados do Bergamin.

E não se lhe indispoz o estomago... E' que aquillo não é estomago, é um boqueirão...

Ainda os quintanistas

Censuram-me no Primeiro de Janeiro, por ter trazido a publico o caso do saldo da recita de despedida. Não vejo motivo para isso. Se, como affirmam e eu nego, andaram bem, deviam até estimar que eu espalhasse aos quatro ventos da publicidade as suas acertadas resoluções. Mas não gostaram...

Disse-o e repito: Todos os cursos têm offerecido o saldo, quando existe, á Associação Philantropica ou para outro fim egualmente sympathico e em todos os cursos os quintanistas contribuíram com 4\$500 réis para as despesas da peça e pagaram os bilhetes pelos mesmos preços, sem que ninguém se lembrasse de distribuir o producto liquido pelos alumnos do curso. Esta característica innovação pertence ao curso de 95 96.

E depois sou eu que sujo a capa e batina!

Oh logica! Oh justiça!

Ponho ponto n'este incidente. Não fui insolente, fui até generoso para com alguns dos meus condiscipulos e ainda hoje o quero ser.

Quanto á ridicula ameaça que vem nas ultimas palavras da local referida, tenho por ella o mais supremo dos desdens.

O VÉTO

Que é o véto nas modernas constituições? É abnegação completa da soberania popular, é o não quero formal, opposto á vontade legitima dos representantes da nação. Esta prerrogativa concedida aos reis é um resto da velha monarchia, que concentrava em si a plenitude de todos os poderes politicos. Ao menos esta concentração de poderes deduzia-se logicamente dos falsos principios que então vogavam; e, se aos reis pertencia a soberania, era forçoso admitir-lhes o poder de legislar. Mas reconhecer que a soberania reside em a nação, e sujeitar as suas decisões á censura de uma auctoridade superior, é negar e áffirmar; é pôr na cabeça do povo a coroa de soberano, para depois o escarnecer. A historia falla-nos de uma ironia semelhante, com que um povo nescio e illudido insultou o Homem-Deus.

Vamos tractar a questão, encarando-a primeiramente debaixo do ponto de vista do regimen-monarchico-constitucional, por ser esta a forma de governo estabelecida entre nós e na maior parte das nações da Europa.

O principio da soberania popular é hoje um axioma de direito, e por isso não gastaremos tempo com a sua demonstração.

Sendo porém a soberania um poder independente, é claro que a soberania do povo é o véto do rei são duas cousas repugnantes; ou ha de existir uma ou outra. Ser soberano e ao mesmo tempo dependente, é tão contradictorio, como *simul esse et non esse*. «Ou o povo ha de ser escravo, ou o rei não ha de ter véto de qualidade nenhuma.» Era esta, já em 1821, a linguagem de um illustre deputado das nossas memoraveis Constituintes.

E pois evidente que, em face do principio da soberania popular, o veto não é mais do que um absurdo e uma monstruosidade politica, offensiva da dignidade nacional. Assim é que quasi todos os que sustentam esta prerrogativa, pretendem fundamentala em motivos de conveniencia e de utilidade publica.

É o eterno argumento dos timidos conservadores do passado. O que é essa conveniencia tão preconizada, sempre em guerra aberta com os principios? Pois será possível que a humanidade esteja condemnada a contrariar os principios da justiça e da moral para conseguir o seu destino? Nós detestamos essa *theoria das conveniencias*, á sombra da qual se têm occultado sempre, em todos os tempos, os especuladores da humanidade, os ambiciosos do poder, e os seguidores da politica machavelica, que tem por base o desprezo completo dos direitos imprescriptiveis da sociedade.

A separação dos poderes politicos é de uma alta importancia para garantia da liberdade dos cidadãos; os antigos não conheceram esta verdade, e a accumulção dos poderes foi muitas vezes a causa de grandes excessos. A sciencia, valendo-se da analyse, decompoz a soberania em poderes distinctos; mas se nesta descoberta havia alguma importancia, era meramente especulativa; e para que ella podesse trazer uma vantagem real á sociedade, era preciso demonstrar que a divisão dos poderes devia ser a base de qualquer constituição liberal, e que sem ella não podia haver segurança nos direitos. Esta gloria coube ao immortal auctor do Espirito das Leis, que se havia inspirado nas theorias de Locke, e nos principios da revolução Inglesa, producto da reforma religiosa do seculo XVI.

Hoje é uma verdade reconhecida que a divisão estabelece o equilibrio dos poderes; e, para que esta não seja uma illusão, é indispensavel que cada poder seja independente na sua esphera. Todas as rodas do maquinismo social devem girar com um movimento harmonico; e para isso é mister que as funcções de cada uma estejam perfeitamente reguladas, a fim de evitar a confusão e a desordem.

(Continúa)
Manuel Joaquim Massa.

ARTE & LITTERATURA

ORAÇÃO

Ao Fausto—com a recordação do abraço, felizmente repetido.

Que Deus proteja o meu irmão, que parte agora
Em procura do seu destino, mares fóra,
Sem braço a que se apoie ou mão que o suor lhe enxugue,
Quando a Fadiga o prostre a meio da carreira
Ou quando, na aridez d'uma terra estrangeira,
O torture a Saudade e a sua fronte enrugue!

Mancebo e trovador,—nasça-lhe vida nova
Lá onde todo o Artista é sempre posto á prova,
Como se elle surgisse á bocca d'um proscenio:
O Entusiasmo lhe pulse a lyra merencoria
E, a esse que tanto vale, abra-lhe o ceu da gloria,
De par em par, as portas d'ouro ante o seu genio.

Emballem-o ao seu collo as moças brasileiras
Que os seus poemas lhe hão de ouvir sob as palmeiras,
O olhar em brazas, o labio em osculo, vibrando...
E, quando elle lhes diga os seus sonhos dispersos,
Beijos de muito amor acompanhem seus versos,
Os seus versos d'amor em doçura egualando!

Outros Ceus e outros Soes accendam-lhe outra Vida
No exausto coração! Mocidade Perdida,
Lá lhe renasça e vibre em ancias de Revolta!
.....
Cingindo contra o peito o Artista-Peregrino,
No abraço que lhe dou outro abraço imaginado...
—O abraço que hei-de dar-lhe ao vel-o emfim de volta!

CARLOS DE LEMOS.

Desaffronta

O «PORTUGAL» enceterá, no proximo numero, a publicação, em folhetins, d'este magnifico livro.

DESAFFRONTA

No Theatro Circo, quando a companhia italiana representava o Hamlet, a *troupe* de litteratos que se cognominava vaidosamente de *intellectual*, distrahiu por algumas vezes a plateia fallando alto.

Nós não percebemos em que consiste a intellectualidade d'estes senhores. Não ouvir attento Shakespeare interpretado pelo grande Emmanuel, longe de ser documento de intellectualidade, é com certeza, de burrice.

Tivemos o cuidado de observar o commissario Ferrão. Elle viu e ouviu tudo, mas não quiz interromper a incommoda conversa. Outro tanto não fez quando ali esteve a companhia Taveira, pois que prendeu um estudante que conversava com o seu visinho.

Incoherencia do sr. Ferrão?
Ora adeus.
E' que o sr. commissario julga que o José Ricardo é superior ao Emmanuel e que o *Testamento da Velha* é melhor do que o *Hamlet*?

Por outro lado a *troupe marinha* tão alto que a voz do sr. Ferrão não podia lá chegar nas suas ribombantes admoestações.

E' verdade que o valente commissario tem dias...

No *duo* do circo:—

Noite do Hamlet. No segundo intervalo passeiam no átrio Dantas Guimarães e Fonseca Barata gloriosos edis da terra dos palitos.

Gesticulam largo e fallam alto:
D. G.—Então que tal acha a companhia?

F. B.—Rasoavel! muito rasoavel! mas ainda não percebi palavra.

D. G.—Está você como eu... não entendo nada. Comtudo acho muito melhor o *Tello*. E o Ayres de Campos deu muitas palmas.

F. B.—Sim, não é man. Mas olhe você que o *Omollete*...

A campanha toca. Ouvem-se os primeiros gemidos da orchestra e os dois precipitam-se na escadaria...

Carta do Porto

Meus amigos

D'esta vez terei de ser mais extenso porque o assumpto é de sobra. Alarmaram-se os animos cá na cidade, no dia da espiga; fallava-se n'uma revolução; os telephones trabalharam; a municipal sahiu ou queria sahir; por um pouco que os sinos não tocavam a rebate; emfim, um borborinho de mil demonios. E sabem o que constituiu tão extraordinario acontecimento? Vae fallar o *Noticias*, a folha regeneradora cá da terra, insuspeita portanto. Ora leiam:

«Hontem a noite, na praça de D. Pedro, houve grande alvoroco que alli attrahiu em poucos minutos enorme povoação.

Foi o caso que dois academicos, dois esturdios, que regressavam alegres, animados, do arraial da Senhora da Hora, foram abanear a uma meza do Café Central, e, com a desinvoltura natural do estado de animação em que se encontravam, começaram de levantar vivas a isto, aquillo, mais aquell'outro, manifestações que iam entre cortando por libações de cerveja.

O successo de gargalhada despertado pelo bizarro despropósito dos rapazes era geral, e teria continuado ainda por muito tempo se não intervem um guarda civil á paizana, a quem os rapazes, não reconhecendo a magestade da lei, em vista do incognito com que se apresentava, repelliram bem pouco urbanamente.

Aquelle foi então chamar outros collegas, incognitos e não incognitos, que tomaram todos as portas do café.

A' vista dos agentes da ordem, os dois esturdios saltaram por sobre as mezas e procuraram escapulir-se pela cozinha, de onde um d'elles conseguiu passar para a rua e d'alli para o Café Ventura, pondo-se á salvo dos seus perseguidores.

O segundo, porém, menos lésto e mais infeliz, cahiu nas mãos da policia.

Trasido para a rua, outros academicos que haviam presenciado o occorrido, procuram preparar áquelle a sorte venturosa do companheiro, mas então agora o vereis: a policia não se mostra disposta a largar o preso, os rapazes não se mostram d'accordo com a policia, e como d'estes casos, a pancadaria é sempre uma consequencia obrigatoria, a breve trecho trava-se rija peleja na qual se vê batalharem tambem alguns soldados da guarda municipal.

Depois a onda tumultuosa vae quebrar-se no posto da guarda dos paços do concelho e ali averigua-se que um individuo em quem os soldados molharam e remolharam bem a sopa era um agente policial á paizana, e para sacrificar hoje aos emolumentos do *huissier*, apura-se o numero de sete pobres cordeiros, que no Aljube foram aguardar a hora amarga d'aquelle sacrificio.

O caso não foi bem assim; a policia prendeu apenas dois dos rapazes e os outros cinco iam como testemunhas. Chegadas ao aljube, aprisionaram-nos todos e, com a febre de vingar o companheiro mal ferido pela pancadaria da guarda, encarceraram as testemunhas, deixando fugir um dos dois que tinham motivado o barulho. Eis ahí como tudo se passou.

Pelo que veem e que o *Noticias* diz, o caso não teria importancia se o abelhudo policia, que afinal ficou bem contundido, não quizesse metter-se nos assumptos que se discutiam.

Cousas da republica, é bem verdade, mas, a meu modo de vêr, não é do central que ha de partir a revolução, nem umas goladas de cerveja serão os seus inicios.

Agora esta de encarcerar as testemunhas, por não poder fazel-o aos soldados da guarda, é o que excede tudo quanto de mais vil se pode suppôr, tudo quanto de mais reles e covarde se pôde imaginar.

Levar como testemunhas cinco ou seis rapazes e depois sem mais peremptorias explicações, sem a minima consideração, sem o mais leve vislumbre de dignidade, encarcerar-os, ludibriando a sua boa fé e ingenuidade n'estas manhas da policia, é proceder que mereceria a mais severa lição se n'esta terra houvesse ainda da parte dos superiores da policia um pedaço de vergonha, de bom senso e de honradez.

Assim fica sendo uma covardia que a academia deve archivar para mais tarde, ao ajustar das contas.

Os presos depois de dormirem a noute no carcere foram soltos, sob fiança.
E não foi sem tempo.

Chegaram aqui, domingo ultimo, dois officiaes expedicionarios, o capitão Sarsfield e o tenente Nascimento Pinheiro.

Uma associação, preparou-lhes recepção festiva, convidando varias aggregações, phylarmonicas, etc.

A academia não foi, e fez muito bem. Convidada na vespera por avisos affixados ás portas das Escolas, á laia de programmas ou cartazes reclames, sem que, ao menos, lhe tivessesmo recebido um simples officio, a academia não fez caso dos cartazes, e não foi, pelo que novamente repetimos: fez muito bem. Para a outra vez tratal-a-hão, se quizerem, com um bocado mais de consideração.

Assumptos academicos ficarão para quando faltar assumpto, que esta já vae longa em demasia.

Um alumno da Escola Medica do Porto.

THEATRO CIRCO

Nos dias 11, 12 e 13 do corrente virá a Coimbra, a companhia do theatro de D. Maria, dar 3 espectaculos d'assignatura.

A empresa distribuiu uns prospectos d'onde extrahimos o seguinte:

Como são grandes as despesas que a empresa do theatro Principe Real faz em trazer a Coimbra esta magnifica companhia, não pôde contractal-a definitivamente sem que primeiro tenha realisado uma assignatura rasoavel que cubra parte das enormes despesas a fazer. Por tal motivo, e não querendo augmentar os preços da casa, resolveu abrir assignatura para as TRES RE-CITAS, esperando que o publico marque desde já os seus logares para que seja resolvida a vinda da grande companhia nos dias acima annunciados.

Das peças que se seguem serão escolhidas as TRES que mais agra-darem á maioria dos assignantes. São ellas:

Sergio Panine, A Madrugada, O Amigo das Mulheres, Cesar de Basin, João José, Kean, Amigo Fritz, O Tio Milhões, O Bibliothecario e O Flibusteiro.

A assignatura termina no dia 6 de Junho.

O publico de Coimbra não deve abster-se de applaudir mais uma vez artistas de valor, como Virginia e Ferreira da Silva.

Pela Via Latina

Hoje começam os actos na faculdade de Direito.

Hontem encerraram-se as aulas nas faculdades de Medicina e Philosophia. Os professores destas faculdades reuniram-se para nomear os jurys respectivos e marcar dia para dar principio aos exames.

Jurys

FACULDADE DE MEDECINA
1.º anno—Drs. Philomeno da Camara, Basilio Freire, Francisco Bastos. Horas d'acto—12 h. m.
2.º anno—Drs. Costa Alemão, Ray-mundo da Motta, Francisco Bastos. Horas d'acto—8 h. m.
3.º anno—Drs. Saccadura Botto, João Jacintho, Luiz Pereira da Costa, Horas d'acto—9 1/2 h. m.
4.º anno—Drs. Daniel de Mattos, Augusto Rocha, Sousa Refoios, Lopes Vieira. Horas d'acto—11 h. m.
5.º anno—Todos os lentes da faculdade.

Os actos começam no dia 8.

FACULDADE DE PHILOSOPHIA

1.ª cadeira (*Chimica inorganica*)—Drs. Bernardino Machado, Sousa Gomes, Bernardo Ayres. Horas d'acto—12 h. m.
2.ª cadeira (*Chimica organica*)—Drs. Bernardino Machado, Sousa Gomes, Bernardo Ayres. Horas d'acto—12 h. m.
3.ª cadeira (*Physica, 1.ª parte*)—Drs. Santos Viegas, Teixeira Bastos. Horas d'acto—9 1/2 h. m.
4.ª cadeira (*Botanica*)—Drs. Julio Henriques, Gonçalves Guimarães. Horas d'acto—12 h. m.
5.ª cadeira (*Physica, 2.ª parte*)—Drs. Santos Viegas, Teixeira Bastos. Horas d'acto—9 1/2 h. m.
6.ª cadeira (*Zoologia*)—Drs. Julio Henriques, Gonçalves Guimarães, Bernardo Ayres. Horas d'acto—9 1/2 h. m.
7.ª cadeira (*Mineralogia e Geologia*)—Drs. Julio Henriques, Gonçalves Guimarães. Horas d'acto—9 1/2 h. m.
5.º anno. 7.ª e 8.ª cadeira (*Antropologia e paleontologia*)—Presidente variavel, Drs. Julio Henriques, Bernardino Machado, Gonçalves Guimarães.

Os actos começam no dia 5.

No *Espirito Santo*:
Outro conflicto.
Agora é um militar que de cabeça se atira á gymnastica do murro.

Apparecem um sargento e o impavido commissario.

O sargento tenta admoestar o soldado mas o sr. Silva Ferrão, depressa, exclama:

Nada, nada! não pôde ser! Aqui não ha nem sargentos, nem tenentes, nem majores, nem coroneis! Quem manda aqui sou eu... e só eu, entende? Nem uma palavra!

A policia tinha formado na recta-guarda do seu grande chefe.

A multidão retirou, apertando a barriga para não rir mais.

Silva Ferrão aos guardas:

Que lhes parece, hein? Nem o coronel... coronel, aqui? Só eu! só eu!

E nós concordámos...

OFFICINA

DE
Bernardino d'Almeida Coelho
VIZEU

N'esta officina, onde se fazem e concertam carros com toda a perfeição e por preços sem rival, estão á venda os seguintes carros:

Um *phaeton*, pintado e estofado, podendo ser para um ou dois cavallos.

Um *dogcar* de caça de 4 rodas, para um cavallo.

Um *break* montado em meias molas e comportando 12 pessoas.

ADVOGADO

Frederico Guilherme Nunes de Carvalho
RUA DA SOPHIA, N.º 56

